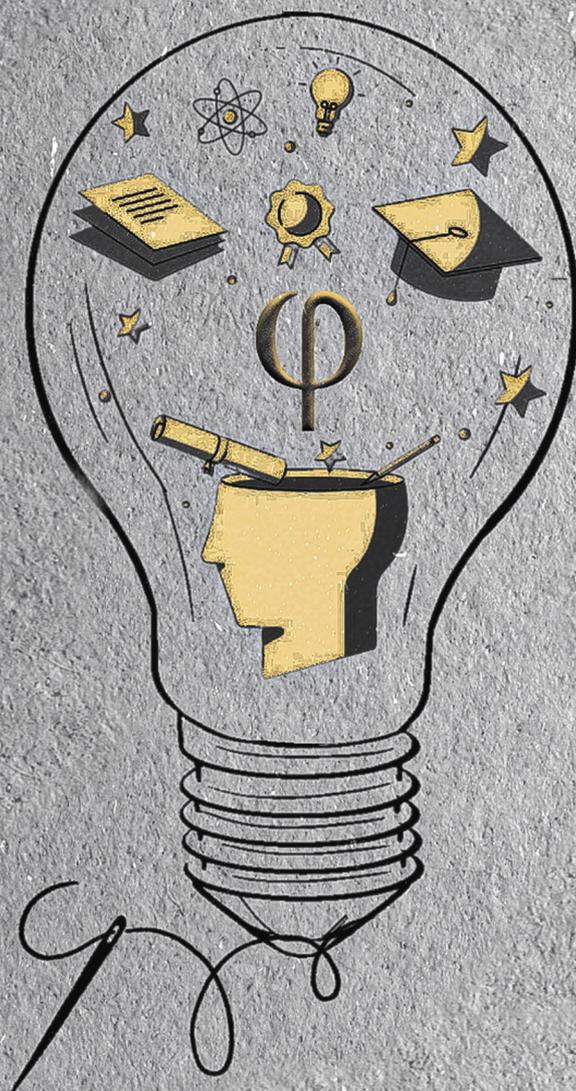


SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

COSTURANDO SABERES

NOVAS PERSPECTIVAS

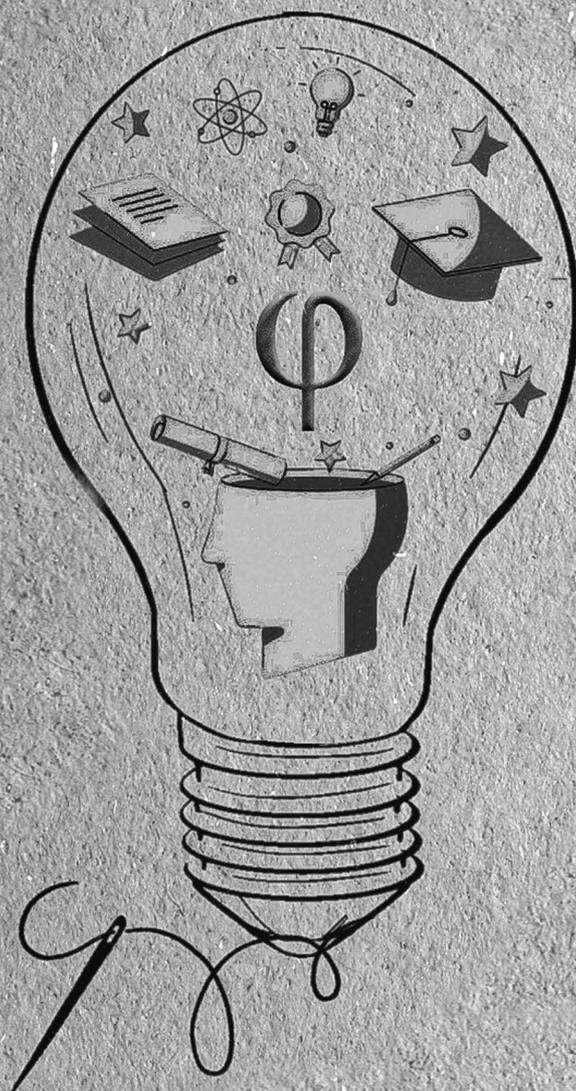


Ricardo Valim
Domingos Perpetuo Alves Soares
Alecsandra Oliveira de Souza
(Organizadores)

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

**COSTURANDO
SABERES**
NOVAS PERSPECTIVAS



Ricardo Valim
Domingos Perpetuo Alves Soares
Alecsandra Oliveira de Souza
(Organizadores)

EDITORA CHEFE

Profº Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

ORGANIZADORES DO LIVRO

Ricardo Valim

Domingos Perpetuo Alves Soares

Alecsandra Oliveira de Souza

2024 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2024 Os Autores

Copyright da Edição © 2024 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

EDIÇÃO DE TEXTO

Natan Bones Petitemberte

BIBLIOTECÁRIA

Tábata Alves da Silva

IMAGENS DE CAPA

Paulo Gabriel Vieira Alves

ÁREA DO CONHECIMENTO

Ciências Humanas

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CORPO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Profº Me. Isabele de Souza Carvalho

CORPO EDITORIAL

Pedro Henrique Ferreira Marçal. Vale do Rio Doce University

Adriana Barni Truccolo- State University of Rio Grande do Sul

Marcos Garcia Costa Morais- State University of Paraíba

Mônica Maria de Almeida Brainer - Federal Institute of Goiás Campus Ceres

Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifical Catholic University of Goiás

Egas José Armando - Eduardo Mondlane University of Mozambique.

Ariane Fernandes da Conceição- Federal University of Triângulo Mineiro

Wanderson Santos de Farias - Universidad de Desarrollo Sustentable

Maria Gorete Valus -University of Campinas

Luiz Gonzaga Lapa Junior- Universidade de Brasília

Janyel Trevisol- Universidade Federal de Santa Maria

Irlane Maia de Oliveira- Universidade Federal de Mato Grosso

Paulo Roberto Duailibe Monteiro- Universidade Federal Fluminense

Luiz Gonzaga Lapa Junior- Universidade de Brasília

Janyel Trevisol- Universidade Federal de Santa Maria

Yuni Saputri M.A- Universidade de Nalanda, Índia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costurando saberes : novas perspectivas [livro eletrônico] / organizadores Ricardo Valim, Domingos Perpetuo Alves Soares, Alecsandra Oliveira de Souza. -- São José dos Pinhais, PR : Seven Events, 2023.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-84976-95-5

1. Educação 2. Filosofia 3. Interdisciplinaridade na educação I. Valim, Ricardo. II. Soares, Domingos Perpetuo Alves. III. Souza, Alecsandra Oliveira de.

23-184880

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Interdisciplinaridade : Educação 370.1

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

DOI: 10.56238/costssbernovasper-

Seven Publicações Ltda
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a DIVULGAÇÃO DO TRABALHO pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos CRÉDITOS à SEVEN PUBLICAÇÕES, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

ORGANIZADORES DO EBOOK



Ricardo Valim

Ricardo Valim é Graduado, Licenciado, Especialista e Mestre em Filosofia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atualmente Professor EBTT - Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRO - Instituto Federal de Rondônia - Campus Porto Velho Calama.

PROJETO COSTURANDO SABERES EM DEFESA DA FILOSOFIA

O Projeto de ensino Costurando Saberes aprovado pela PORTARIA Nº 306/PVICAL - CGAB/IFRO, DE 19 DE JUNHO DE 2023, teve como objetivo, auxiliar os estudantes do IFRO - Câmpus Porto Velho Calama do Curso de Bacharelado em Engenharia Química à refletirem sobre a atual conjuntura social à luz da Filosofia e de seu Curso de Graduação, mas também planejar, elaborar, sistematizar e desenvolver suas pesquisas.

Em nosso primeiro livro foi mencionado que o nome "Costurando Saberes" se fundamenta na necessidade de estabelecer linhas de diálogo entre as disciplinas de humanidades, no caso Filosofia, e o Curso Superior de Engenharia Química do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO Câmpus Porto Velho Calama.

Apesar de todos os nossos esforços ainda em nossa carreira profissional encontra-se aqueles que por desconhecimento, falta de interesse ou apenas por chacota proferem seus discursos amargos afirmando que "Filosofia não serve para nada". Passo a me perguntar então em qual universo se situa a proveniência de tal discurso. Veja bem, parece-me absolutamente natural a relevância da Filosofia enquanto disciplina seja ligada aos cursos técnicos ou a vida de um modo geral e defendê-la me parece algo redundante nestes termos. No entanto, enquanto educador de bom senso que prima por "educação de qualidade para todos sem distinção" vejo-me no dever sagrado de fazê-lo para aqueles que não compreendem, não querem compreender ou simplesmente não se interessam. Para todos vocês digo que a Filosofia se difere de outras disciplinas porque é ela responsável por refletir todas as demais e a si própria. Ou seja, se artes, química, física, matemática, história, biologia pensam seus conteúdos próprios em seus nichos epistêmicos é a Filosofia capaz de adentrar estes espaços e lançar perguntas sobre seus pressupostos éticos, morais e suas perspectivas para a humanidade, movimento este que não pode ser retribuído.

Uma outra falácia comumente aparente em reuniões é que a Filosofia é sinônimo de ética como se só discutisse isso e mais nada. E as questões basilares como origens, significados e perspectivas da existência humana para onde foram?

Digo a você, que me lê atentamente neste momento, que talvez a Filosofia não seja vista em sua profundidade porque estamos habituados a navegar nas águas rasas de um conhecimento que nos foi legado, ignorado por nós mesmos e por outros em nossa trajetória. Seja lá qual for suas origens e vivências, saiba você e eu, que a filosofia é isso mesmo "amor a sabedoria" porque o amor se constrói ao longo do tempo e só se reconhece sua profundidade quando se conhece, quando caminha junto. Amor também implica gratuidade, por isso não espere você e eu recompensas e altares em ouro e marfim, porque não virão.

Digo a você que desfere seus discursos de dois gumes, ásperos referentes a inutilidade da Filosofia em nossos currículos, que talvez não tenha feito ainda uma experiência filosófica autêntica. Não se preocupe, porque as portas do saber estão sempre abertas. E não se esqueça que uma

porta aberta simboliza entrada e saída, logo o saber é pautado na liberdade. Fique se quiser e parta o mais rápido possível quando for oportuno.

Se caso optar por permanecer, chegará o dia em que reconhecerás que todos os grandes nomes da ciência que você idolatra pela glória e destreza empírica um dia partiram de uma premissa, de uma pergunta, de uma simples inquietação. Talvez não precisem ir tão longe, talvez um breve retorno à sua mais tenra idade faça-te lembrar das perguntas iniciais da vida que fizeste aos teus genitores ou responsáveis.

Ricardo Valim
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Calama
Coordenador do Projeto "Costurando Saberes"



Domingos Perpetuo Alves Soares

Licenciado em Letras Português-Inglês e Pedagogia, Mestre em Educação. Atualmente é Pedagogo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Integral, Tempo Integral e Educação Profissional, Gestão Escolar e Currículos. Exerce o cargo de Assessor Pedagógico de Ensino - DAPE -IFRO - RO, atuando no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do IFRO - Instituto Federal de Rondônia - Campus Porto Velho Calama.

A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Após o período pandêmico, constatamos impactos na saúde mental da comunidade escolar, ocasionando ansiedade, confusão mental, depressão, sentimentos de isolamento, falta de perspectivas, baixa expectativas com o amanhã. Infere-se que o estado letárgico no interior das instituições de ensino, ocorre em virtude da readaptação à vida normal, resguardadas as proporções, do que seja um novo normal. Difícil seguir em frente, diante das perdas de entes queridos, exaustão, baixa produtividade no trabalho, na academia, este adoecimento é difícil de dimensionar, precisaremos redimensionar nossos currículos a partir de novos elementos que se incorporaram sem permissão ao cotidiano escolar. As ações escolares tornaram-se minimalistas, há um desassossego e um sentimento de incerteza para onde caminhar.

Retomar as discussões sobre a importância da formação humanística para a formação da sociedade é imprescindível. São notórios os ataques vorazes aos currículos escolares, a proliferação de cursos que fomentam a aceleração da formação cidadã e profissional e que se resumem a poucos momentos de interação entre os professores e alunos; impactam consideravelmente na formação dos brasileiros e na resiliência das pessoas ao lidarem com conflitos e adversidades citadas nas ideias preliminares deste texto.

O currículo escolar era mais vivo, mais significativo, hoje há uma sobreposição do conhecimento técnico sobre a formação humanística. Somos seres de linguagem, precisamos da sinergia, da comunicação com o outro, da interação, da harmonização dos conhecimentos sistematizados e consagrados historicamente, sem prescindir deste arcabouço de informações. Precisamos otimizar o nosso tempo, criar novas trilhas do conhecimento, desvelar novas formas de convivência, de tolerância, de aceitação da pluralidade de ideias e concepções de mundo e de sociedade, não rotular e não criar camisas de força. A Educação precisa retomar a formação de cidadãos éticos, críticos, probos, ajudar a edificar uma sociedade mais justa, fraterna, não doutrinária.

As disciplinas das Ciências Humanas podem ajudar a desvelar as relações sociais, compreender a diversidade e a complexidade do mundo. Em especial, comentamos sobre a Filosofia, sem demérito das demais. Nos ambientes escolares, a Filosofia pode harmonizar os conhecimentos e áreas de conhecimento contribuindo para uma formação holística e com igualdade de oportunidades. Velando pelos valores morais e éticos, de forma crítica e respeitando as diferenças.

O projeto Costurando Saberes foi uma experiência enriquecedora, não houve coadjuvantes, as descobertas das potencialidades discentes, emergiram do fazer acadêmico dos próprios protagonistas.

Domingos Perpetuo Alves Soares



Alecsandra Oliveira de Souza

Possui graduação em Química pela Universidade Federal de Rondônia, mestrado e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora EBTT do IFro atuando nos ensinos técnicos, graduação e mestrado em Inovação tecnológica.

Eduardo Gama Ortiz Menezes

Coordenador do curso de Graduação em Engenharia Química do Instituto Federal de Rondônia, Campus Porto Velho Calama

Sou engenheiro químico e professor do curso de engenharia química e, na condição de professor, tive a oportunidade de ministrar disciplinas do curso fundamentais para a formação de excelência dos futuros engenheiros químicos. Também tive oportunidade de atuar como gestor na função de coordenador do curso da engenharia química, e toda essa experiência anteriormente relatada me fez compreender ainda mais a importância da iniciativa dos professores no desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares que visam contribuir na formação de engenheiros químicos conscientes e capazes de desenvolver projetos eficientes de engenharia, visando atender as demandas necessárias e ainda construir um pensamento crítico, social e reflexivo na perspectiva da filosofia. Neste contexto, destaco a minha enorme satisfação em acompanhar todas as etapas da obra literária intitulada "Costurando Saberes", desde a idealização inicial da proposta feita pelos organizadores da obra até a sua publicação final. Esta obra literária contempla diversos capítulos interessantes que dialogam com o leitor de forma didática e objetiva, evidenciam os benefícios da interdisciplinaridade entre a filosofia e a engenharia química sob uma perspectiva não convencional, diferente das análises numéricas que geralmente são usadas nos cursos de engenharia, e, por fim, a obra ainda nos mostra como é altamente possível compreender, ainda que parcialmente, o universo da engenharia química sob a perspectiva da filosofia.

Leonardo Pereira Leocádio

Diretor Geral do IFRO Câmpus Porto Velho Calama

O projeto costurando saberes tem sua relevância na necessidade que temos em intercambiar as ciências humanas e as ciências exatas. Neste caso do projeto, a engenharia não pode ser desassociada do cotidiano humano e das relações sociais que integram nosso meio. Sem dúvidas teremos engenheiros mais conscientes do seu papel na sociedade, que possam compreender com mais clareza os impactos de suas atividades no meio ambiente e na sociedade como todo. Deixo aqui todo meu agradecimento institucional ao professor Ricardo Valim e a todos servidores, servidoras e alunos e alunas que fizeram deste projeto uma realidade e a partir desta realidade, um belo livro. Parabéns!!!

Paulo Gabriel

Discente do Curso Técnico de Informática do Campus Porto Velho Calama

Gostaria de salientar a minha imensa gratidão pelas oportunidades concedidas pelo docente e mestrando em Filosofia Ricardo Valim, juntamente com seus colaboradores, que foram primordiais para a elaboração do livro proposto. Durante o meu 9º período realizado no ensino fundamental do ano de 2022, não imaginava as boas novas que iriam decorrer no futuro, como os aprendizados, desafios, dificuldades e, sobretudo, as novas experiências não só acadêmicas, mas os conhecimentos adquiridos durante o ano de 2023. Posso destacar que o âmbito escolar federal em que estabeleço abrange metodologias de ensino diferenciadas e totalmente avançadas, comparadas a escolas com a educação básica do ensino médio. Nesse contexto, encontram-se diversos professores incríveis que compõem a história de inúmeros discentes. Cabe a mim colocar em evidência a relevância do papel exercido pelo docente Ricardo Valim dentro do Instituto Federal, contemplando variadas oportunidades na vida de cada um dos discentes que tiveram a oportunidade de conhecer essa referida pessoa maravilhosa.

Adicionalmente, está sendo enobrecedor a maestria de colaborar como designer gráfico da obra desenvolvida, pois é perceptível o quanto está sendo impulsionador para o meu desenvolvimento de senso crítico e criativo no ramo do design. No decorrer do planejamento gráfico do livro, foi possível realizar reuniões para discutir e elaborar ideias acerca do design da capa. O docente Ricardo Valim se mostrou totalmente atencioso e colaborativo com as ideias propostas e sugestões recomendadas, incluindo a sua humilde escolha em dar a honra dessa parceria criada entre aluno e professor. Agradeço profundamente a todos os ensinamentos compartilhados, sabedorias enriquecedoras e a sua humildade.

Cordialmente,

AUTORES

Hugo Rodrigues da Silva

Lattes: 9421959144934721

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama

E-mail: hugo.rodrigues@estudante.ifro.edu.br

Gabrielly Jacob Menezes

Lattes: 4157774443237990

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama

E-mail: g.jacob@estudante.ifro.edu.br

Leno Francisco Danner

Lattes: 1932068015929218

ORCID: 0000-0002-2332-3182

Doutor em Filosofia (PUCRS)

Professor de teoria política contemporânea no Departamento de Filosofia e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret

Lattes: 0061145463575427

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia

Pedagoga do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Jaru

E-mail: marcia.moret@ifro.edu.br

Marlene Rodrigues

Lattes: 8359994534766008

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia, Campus Porto Velho

E-mail: Marlene.rodrigues@unir.br

Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9341194702829612>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5245-9193>

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia

Pedagoga do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama

E-mail: livia.santos@ifro.edu.br

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil

E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

Willians Prestes de Almeida

Lattes: 0886134902005954

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama

E-mail: willians.prestes@estudante.ifro.edu.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	12
 10.56238/costssbernovasper-001	
A IMPORTÂNCIA DO SENSO CRÍTICO SUSTENTÁVEL NA INOVAÇÃO DE MÉTODOS E PROCESSOS DA ENGENHARIA QUÍMICA	
Willians Prestes de Almeida, Ricardo Valim.	
CAPÍTULO 2	22
 10.56238/costssbernovasper-002	
EXTRATIVISMO NA AMAZÔNIA INTEGRADO À CADEIAS PRODUTIVAS SUSTENTÁVEIS: UMA REVISÃO	
Hugo Rodrigues da Silva, Ricardo Valim.	
CAPÍTULO 3	33
 10.56238/costssbernovasper-003	
FILOSOFIA: SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA QUÍMICA	
Gabrielly Jacob Menezes, Ricardo Valim, Domingos Perpétuo Alves Soares.	
CAPÍTULO 4	43
 10.56238/costssbernovasper-004	
A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE ENGENHEIROS QUÍMICOS: UMA BREVE ANÁLISE TEÓRICA	
Willians Prestes de Almeida, Ricardo Valim.	
CAPÍTULO 5	54
 10.56238/costssbernovasper-005	
POR UMA DECOLONIZAÇÃO EPISTÊMICO-LITERÁRIA: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
Ricardo Valim, Leno Francisco Danner.	
CAPÍTULO 6	69
 10.56238/costssbernovasper-006	
DECOLONIZANDO O LIMIAR DO FUTURO	
Ricardo Valim.	
CAPÍTULO 7	80
 10.56238/costssbernovasper-007	
O FIM DO IMPÉRIO COGNITIVO: A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL COMO PAIDÉIA CONTEMPORÂNEA	
Ricardo Valim, Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles, Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret, Marlene Rodrigues.	

A IMPORTÂNCIA DO SENSO CRÍTICO SUSTENTÁVEL NA INOVAÇÃO DE MÉTODOS E PROCESSOS DA ENGENHARIA QUÍMICA¹

  10.56238/costssbernovasper-001

Willians Prestes de Almeida

Lattes: 0886134902005954

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama
E-mail: willians.prestes@estudante.ifro.edu.br

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

RESUMO

O desenvolvimento do senso crítico permite explorar as potencialidades e oportunidades que a vida oferece de forma racional, equilibrada e ética. Um indivíduo aberto para refletir sobre os saberes que possui aliado aos novos conhecimentos que adquire ao longo da vida cria um cenário favorável para uma percepção crítica da sua realidade, e assim consegue desenvolver os seus saberes e aprimorar suas ideias. Objetiva-se nesta pesquisa mostrar que o desenvolvimento do senso crítico permite ao profissional estar mais apto a obter sucesso no mercado de trabalho devido a sua capacidade de estar sempre buscando novas alternativas para solucionar problemas. Os primeiros resultados revelam que o profissional munido de conceituações que apontam para o aspecto reflexivo está menos propenso à aceitação passiva de argumentações de outrem. A história mostra que os métodos e processos estão sempre mudando a fim de acompanhar a evolução da sociedade, como o surgimento das primeiras máquinas para realizar atividades impossíveis de fazer manualmente. Pode-se dizer que esses avanços se deram a partir do movimento reflexivo imbuído de um senso crítico. Neste sentido, a relevância da presente pesquisa está na compreensão de que o desenvolvimento do senso crítico em um profissional da Engenharia Química é necessário para uma constante evolução de métodos e processos aplicáveis à profissão. Conclui-se que o senso crítico permite tanto ao profissional em exercício quanto àquele que aspira por esta profissão uma reflexão sobre por quais caminhos passar para se tornar um profissional não somente qualificado, mas eticamente comprometido com seus valores.

Palavras-chave: Senso crítico, Engenharia química, Inovação.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do senso crítico tem sua importância porque permite a toda e qualquer pessoa explorar as potencialidades e oportunidades que a vida tende a lhe oferecer de forma racional e equilibrada. Durante a existência humana é o ser humano pelas suas circunstâncias dimensionado a efetuar escolhas que podem definir tanto sua existência quanto seus propósitos.

¹ Texto originalmente comunicado e publicado nos ANAIS do II Congresso Latino-Americano de Desenvolvimento Sustentável de 25 a 28 de Julho de 2023.

Um indivíduo que exercite reflexões sobre os conhecimentos que já possui sobre novos conhecimentos cria um cenário favorável para uma percepção crítica da sua realidade, e dessa forma, consegue desenvolver os seus conhecimentos e aprimorar suas ideias.

Possuir uma visão crítica significa possuir uma curiosidade que não se satisfaz apenas com conversas sociais, mas sim que necessita do emprego de tempo para compreender melhor e mais a fundo os fenômenos envolvidos.

A pessoa com senso crítico questiona aquilo que acredita e/ou aprendeu com uma curiosidade digna de quem nunca se contenta com o seu estado atual de conhecimento, buscando alternativas para elas através de reflexão e avaliação das evidências, e "na maioria das vezes sua curiosidade é tão aguçada que acaba encontrando questões de interesse em fenômenos que os outros não julgam necessário explicar" (MARQUES; FRAGUAS, 2021, p.4).

Existindo uma preocupação de verificar como as ideias foram construídas e produzidas, significa que o sujeito não está imparcial perante as questões que lhe foram apresentadas, ao passo que o indivíduo que não tem senso crítico não cria e nem avalia as ideias para desenvolver seu conhecimento, tendendo a apenas aceitar tudo e defender pontos de vistas de outrem.

A história mostra que os métodos e processos estão sempre mudando, se adaptando, a fim de acompanhar a evolução da sociedade para ter sucesso.

O aprimoramento de estratégias e tecnologias existe há muito tempo, desde o desenvolvimento de ferramentas rudimentares até mesmo a revolução industrial, com surgimento de máquinas a vapor, e mais adiante o surgimento de linhas de produção industrial (FADEL; MORAES, 2005, p. 35).

Pode-se dizer que os avanços se deram a partir do descontentamento de alguém com a situação atual das coisas, e o que seria isso se não o senso crítico.

Dito isso, a importância do desenvolvimento do senso crítico em um profissional da engenharia química se mostra na necessidade e na possibilidade de constante evolução de métodos e processos.

Um profissional sem visão crítica daquilo que faz apenas aprende a fazer e apenas reproduz o que aprendido, sem se perguntar o porquê de ser assim, incapaz de visualizar alternativas.

O presente artigo visa justamente pensar reflexivamente sobre a importância do senso crítico na inovação de métodos e processos da engenharia química. Esse processo de refletir sobre o senso crítico, permite tanto aquele que já é um profissional em exercício quanto aquele que aspira por esta profissão um tempo para pensar por quais caminhos deve passar para se tornar de fato um profissional não somente qualificado, mas eticamente comprometido com seus valores.

A presente pesquisa buscou fundamentos a partir da revisão de literatura sobre as orientações técnicas, filosóficas e epistemológicas como instrumento de desenvolvimento do senso crítico no processo de aprendizagem do conhecimento científico necessário para a compreensão dos pressupostos da Engenharia Química e a sua influência na vida profissional.

Assim, objetiva-se com a presente pesquisa demonstrar que o desenvolvimento do senso crítico permite ao profissional, na atual conjuntura social, estar mais apto a obter sucesso no mercado de trabalho devido a sua capacidade de estar sempre buscando novas alternativas para solucionar problemas.

Para a pesquisa, foi adotada a abordagem dedutiva de conceitos e abordagens já feitas sobre o senso crítico e o perfil profissional do engenheiro químico na busca de fundamentos a partir da revisão de literatura existente sobre o assunto, utilizando a técnica de levantamento e análise documental.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que traz um tipo de investigação voltado para as características do fenômeno estudado considerando a sua parte subjetiva, se preocupando com aspectos do problema que não podem ser quantificados.

2 SENSO CRÍTICO E SEUS IMPACTOS COTIDIANOS NA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL

David William Carragher (1999, p. 19) define que um indivíduo dotado de senso crítico é capaz de analisar e discutir os problemas e situações de forma inteligente e racional, sem aceitar automaticamente suas opiniões pré-concebidas ou opiniões alheias.

Esse pensador crítico não analisa e questiona as coisas porque isso é exigido dele, mas sim porque no seu âmago existe o desejo de descobrir e entender por si mesmo as respostas para as perguntas que surgem no seu contato com pessoas e coisas na vida pessoal e profissional (CARRAHER, 1999, p. 21).

Considerando um contexto mais amplo, o pensador crítico faz parte do mecanismo que permite compreender melhor o mundo, se colocando diante dele e contribuindo para a revisão dos conhecimentos, e isso inclui o contexto tanto acadêmico de preparação do indivíduo para a profissão quanto o profissional com o indivíduo já atuante.

Quando se trata da vivência acadêmica, onde o futuro profissional adquire conhecimentos e técnicas sobre a área escolhida para trilhar, o pensamento crítico se aplica na reflexão sobre os conteúdos ministrados, onde o aluno é capaz de ser mais ativo na sua posição receptor do conhecimento, diferente daquele que não questiona as ideias básicas e apenas assimila e memoriza respostas corretas.

Assumindo uma postura mais crítica, a pessoa assume também a posição de criador de conhecimento, esclarecendo dúvidas a partir das suas buscas que o levam a estudar mais a fundo as evidências, partindo de uma posição humilde em relação ao seu conhecimento (MARQUES; FRAGAS, 2021, p. 5).

Esse tipo de pensamento deve ser estimulado pelos produtores e reprodutores de conhecimento, provocando esse aluno receptor para que ele não aceite o quadro de referências dos livros e dos professores como absolutos pelo fato de não conseguirem reconhecer a existência de alternativas ou até mesmo por não se sentirem à vontade explorando pontos de vista diferentes dos já consolidados (CARRAHER, 1999, p. 124).

A formação do sujeito crítico com pleno desenvolvimento da sua subjetividade se mostra importante, uma vez que ser crítico implica em conseguir racionalizar e entender melhor tudo o que faz no seu cotidiano, exercendo de forma consciente o seu papel no contexto que está inserido.

Pensar sobre o perfil profissional de uma pessoa é algo muito sério e que carece de atenção constante. Isso ocorre porque essa pessoa será responsável por tomadas de decisões importantes e que podem diretamente ou indiretamente causar impactos ambientais e humanos. Esse fator é determinante nos processos de seleção no mercado de trabalho, certamente tem muito haver com a “famosa pergunta”: "Por que nossa empresa deve te contratar?" Uma forma clássica e polida de dar a responsabilidade pela contratação ao entrevistado. Mas também de identificar se a pessoa está consciente e sabe o que quer.

Outro ponto importante a ser discutido é de caráter formativo mesmo. Será que é de interesse de nossos governos que tenhamos uma sociedade com profissionais com olhar crítico? Essa pergunta também é importante porque obviamente uma sociedade mais dócil aos encantos e promessas governamentais é fácil de governar. Neste caso, pessoas críticas já seriam um problema a se preocupar.

Para o filósofo e teólogo Leonardo Boff (1996, p. 59):

Nota-se hoje um fenômeno universal e inquestionável: o religioso e o místico estão de volta. Não se trata de constatar a persistência das religiões históricas, que resistiram a todo tipo de ataque, desmoralização e perseguição pelos poderes políticos e até a tentativa de deslegitimação por parte do saber crítico e científico. A novidade reside exatamente na verificação de que os filhos do saber crítico e científico estão se tornando religiosos e místicos. Importa compreender a relevância de tal dado, decifrar-lhe a mensagem que devemos captar e perceber sua missão no processo mais amplo a que todos atualmente estamos (*sic*) submetidos, quer dizer, a mutação cultural em curso.

Neste caso Leonardo Boff aponta para algo que transcende a imanência na qual estamos inseridos. Seu olhar percebe uma volta a uma espécie de espiritualidade contemplativa por parte daquela pessoa que se aventura pelos caminhos da criticidade. Essa visão é importante por que resgata

uma dimensão humana perdida no processo da modernidade na qual enxerga o humano separado da natureza.

Em um contexto como este em que falar de espiritualidade torna-se algo importante, é necessário considerar outras formas de espiritualidade. Os povos originários indígenas, por exemplo, tem uma espiritualidade ligada à natureza. É preciso sempre trazer de forma consciente que dentro da espiritualidade dos povos originários a natureza é fruto da criação das divindades ancestrais que através de sua sabedoria infinita souberam criar tudo que existe inclusive os ritos e costumes de cada povo, portanto, nada é por acaso em meio a natureza, mas tudo está repleto de sentido. Pois, segundo Davi Kopenawa (2015, p. 70) foi:

Omama tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito.

Essa compreensão da realidade é fundamental para um povo como é o caso dos Yanomami. Como o sentido de sua existência está estritamente arraigado a dinâmica do cosmos circundante é compreensível o fato do encontro com a sabedoria que está nestes vastos espaços naturais. Se de fato tudo foi criado com e pela força da sabedoria de Omama, logo nada mais natural do que estarmos sendo beneficiados com a possibilidade de obter toda essa sabedoria que emana de tudo que existe.

O profissional que teve uma base de conhecimentos construída sob a visão crítica vai ser capaz de exercer o seu papel de maneira mais consciente, uma vez que o seu conhecimento sobre as técnicas não são enraizados, podendo ser mudados se for vista uma alternativa melhor à anterior, coisa que não seria possível partindo de um profissional moldado ao estilo da máquina de produção em série, repetindo o que foi recebido na sua formação acadêmica.

3 AS REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS E SUAS INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS

Antes da indústria, a produção era manual e em pequenas quantidades, e diante de um cenário de crescimento populacional descontrolado e num contexto capitalista, esse tipo de produção já não era mais interessante, o que levou a uma mudança no estado atual das coisas, que se deu por Revoluções Tecnológicas (SAKURAI; ZUCHI, 2018, p. 482).

O setor industrial impactou grandemente em basicamente todos os setores da economia e também sobre o meio social, e os avanços tecnológicos foram de grande importância para isso, através da busca por trabalhos mais dinâmicos e eficientes.

Historicamente, houve três revoluções na indústria, sendo a primeira ocorrida no final do século XVIII e início XIX com a descoberta da utilidade do carvão como fonte de energia e em

seguida a invenção da máquina a vapor, que foi usada em vários contextos, desde locomotivas quanto na indústria têxtil, que começou a ter produção excedente, sendo o ponto de partida para o pensamento de acúmulo de riquezas do capitalismo, que mudou a sociedade como um todo (SAKURAI; ZUCHI, 2018, p. 482).

Com os donos de indústrias interessados em aumentar cada vez mais seus lucros, surgiu a partir de 1870 a segunda revolução, que trouxe a descoberta da eletricidade, a manipulação de ferro em aço, modernização do transporte e meios de comunicação e também o desenvolvimento da indústria química.

Nesta segunda revolução, o foco foi o aumento dos lucros, especialização do trabalho e aumento da produção, onde se iniciou o modelo chamado Fordismo, que se refere ao sistema de produção em massa, que gerou em consequência o consumo em massa, alterando novamente a estrutura social da época.

Em frente aos avanços advindos da segunda revolução, surgiu a terceira corrente de revolução, chamada de Revolução Técnico-Científica e Informacional, marcada pelos avanços na informática, robótica, telecomunicações e transportes, mas também com grandes avanços nos campos da biotecnologia e química, com a presença forte da nanotecnologia.

Dentre as várias características marcantes desta terceira revolução, destaca-se a utilização de variadas fontes de energia, aumento do uso de recursos informatizados, a globalização e o aumento da consciência ambiental (SILVA; SILVA; GOMES, 2002, p. 4).

Com o avanço das tecnologias houve uma grande mudança no estado climático do planeta, que é identificado como o problema ambiental mais relevante do século XXI. Os efeitos das emissões atuais são resultado do passado, da mesma forma que as emissões atuais terão efeito sobre as gerações futuras (BARROSO, 2019, p. 1282).

Atividades humanas como a queima de combustíveis fósseis, desmatamento e agropecuária têm aumentado significativamente a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, e as mudanças climáticas resultantes disso paradoxalmente geram impactos inclusive sobre o resultado do avanço tecnológico: crescimento econômico.

Irônico como o efeito impacta diretamente a sua causa, sendo consenso para grande parte de estudiosos no caso que o processo de aquecimento global e mudança climática são resultantes da atuação do homem, sendo que muitas dessas atividades impactantes foram resultados das revoluções tecnológicas.

Na compreensão de Leonardo Boff (1996, p. 26):

[...] a modernidade, seja socialista, seja liberal-burguesa, a economia é a ciência do crescimento ilimitado ou, dito mais tecnicamente, da ilimitada expansão das forças produtivas. No final de cada ano, o país deve mostrar que cresceu mais do que no ano anterior. Desse imperativo nasceu o mito do desenvolvimento ilimitado, que domina como um pesadelo todas as sociedades, já há no mínimo quinhentos anos.

As sociedades humanas independente de sua ideologia política ou mesmo religiosa se aproximaram da tecnologia para atingir seus objetivos. Seria romântico demais neste caso lançar mão de uma crítica demasiada inflamada sobre a negatividade tecnológica. O fato é que este elemento tecnológico possibilitou elementos de positividade como a celeridade nas comunicações.

4 PERFIL PROFISSIONAL DO ENGENHEIRO QUÍMICO: ENTRE O SENSO CRÍTICO E O DILEMA DAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS

A Engenharia pode ser definida como o processo de transformar ciência em tecnologia. O ponto de partida das atividades de Engenharia é a ciência e o resultado final é a tecnologia. Assim, a engenharia pode ser entendida como o processo de cruzar o caminho entre a ciência e a tecnologia.

O surgimento da engenharia acompanhou a evolução da civilização, como quando os primeiros humanos fizeram a transição de nômades para assentados e surgiu a necessidade de estruturas e sistemas permanentes para as demandas de água e abrigo, além da necessidade de executar atividades que eram impossíveis pelo trabalho manual, que levou ao desenvolvimento de máquinas simples, como o parafuso de Arquimedes, que era usado para captar água.

A ciência é capaz de entender as leis da natureza que regem o comportamento e a interação entre objetos animados e inanimados, enquanto a tecnologia usa esse conhecimento para manifestá-la na forma tangível de um objeto ou processo que resulte em algum produto ou serviço usado pelo consumidor da tecnologia, que não precisa entender os princípios fundamentais nos quais a tecnologia se baseia.

O Engenheiro tem de possuir conhecimento científico para poder aplicá-lo, mas seu principal objetivo é a aplicação em si desse conhecimento em tecnologia para todos. Descobrir um novo conhecimento não é a principal função definida para esse profissional, mas isso não é impedimento para que ele o faça.

A Engenharia Química é a ramificação da engenharia que trata dessa transformação da ciência em tecnologia no seu nível molecular, sendo o engenheiro químico um indivíduo que pode exercer diferentes funções nesse contexto, desde pesquisa e desenvolvimento quanto suporte em fabricação e produção (UTGIKAR, 2019, p. 9).

Para que exerça sua função, o engenheiro químico deve estar provido de conhecimentos científicos que irão nortear a técnica que será empregada, bem como conhecimento prático sobre a

técnica em si, e é neste ponto que se identifica o emprego de um pensamento mais crítico, onde há diferenciação entre aquele que apenas reproduz o que foi aprendido, seguindo passo a passo de um roteiro pré-estabelecido sem se apegar muito do porquê de cada etapa, e aquele que o faz estando consciente desses pormenores, que sendo passível de aprimoramento, o indivíduo o identifica e busca fazê-lo.

Apesar dessa característica inquietante do profissional crítico, existe o dilema entre a identificação da possibilidade de mudança e a possibilidade de mudança, uma vez que o engenheiro inserido no mercado de trabalho está sujeito à subordinação e hierarquia na organização que atua, e nem sempre essa oportunidade lhe é oferecida ou atribuída, pois há sempre o critério financeiro que norteia a maioria das ações do mundo capitalista.

O profissional, por mais que esteja sempre atento e aberto a reflexões sobre aquilo que faz, está amarrado ao conceito de eficiência: produzir mais em menos tempo. A pessoa que nessa posição precisa cumprir com as metas no tempo exigido pode se esquecer da própria inquietação por faltar tempo para isso. Faz-se necessário então uma abertura para perspectivas que ainda não tenham sido consideradas historicamente e que demandam atenção para enriquecimento na perspectiva de uma óptica mais abrangente por sobre a realidade. Exemplo disso, são os saberes dos povos indígenas brasileiros que buscam dentro das suas possibilidades demarcar outros espaços dialógicos. Neste sentido, podemos concordar com Ailton Krenak (2020, p. 10):

Quando falo de humanidade não estou falando só do Homo sapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor.

Nesta passagem, percebe-se nitidamente a diferença entre o pensamento ocidental que é marcadamente ligado a visão técnica e prática em que há a separação entre humano e natureza e a visão de um povo originário representada aqui na perspectiva de Ailton Krenak. Este último chama a atenção para a vivência de crença na qual estabelece-se uma linha de relação direta entre o humano e os demais seres. Aliás, Ailton Krenak vai mais longe ao pensar o conceito de humano aos demais seres. Fazendo isso busca em suas raízes a sensibilização com o restante da natureza e isso tem sua importância porque permite uma familiaridade com os demais seres, o que não acontece por via de métodos cientificamente consagrados.

Em sua reflexão, Marcos Conforti (2009, p. 92) aponta que nunca houve antes uma época onde o ser humano esteve tão condicionado ao tempo em seu cotidiano, pois com o avanço do

pensamento científico e a aplicação das técnicas no mundo industrializado, surgiu o valor da eficiência, onde ser eficiente é produzir rápido e em série, acelerando o processo humano para um tempo menor que o necessário para assimilação pelo tempo psicológico do indivíduo.

Essa realidade apressada amarra o indivíduo a um mundo avançado e ao mesmo tempo velho, pois as técnicas já existentes possuem um sentido, tanto para o trabalho quanto para a vida, sentido esse que foi estabelecido por quem criou as referidas técnicas, e o profissional, por estar ocupado sendo eficiente, não tem tempo para refletir e questioná-las.

Dessa forma, o ser humano esquece-se do verdadeiro sentido do seu trabalho, da sua aprendizagem e das suas relações interpessoais, uma vez que onde deveriam estar ritmos e processos nas suas ações, só são vistos mecanismos e medidas de tempo para tais, atribuindo o seu valor à sua eficiência (CONFORTI, 2009, p. 92). Sabendo destes elementos, se faz necessária uma busca por mudança que leve este profissional a estabelecer uma linha de contato com objetivos claros e definidos que permitam uma nova guinada comportamental.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que o desenvolvimento de uma consciência crítica na ambiência de trabalho é indispensável para a formação do que se espera como perfil de um novo profissional da área da engenharia química, por exemplo. Em um mundo globalizado e que demanda atitudes comportamentais que se remetem à sustentabilidade, pode o engenheiro químico estabelecer metas para que se concretizem atitudes verdadeiramente sustentáveis.

Não basta, portanto, falar em planejamento sustentável se de fato não se oportuniza espaços para essas vivências. Um destes espaços dialógicos, por exemplo, pode ser estabelecido com os povos indígenas como forma de ampliar os horizontes reflexivos a partir das epistemologias próprias desses povos. Suas cosmovisões e cosmopolíticas permitem um aprimoramento, aprimoramento da condição humana a partir de uma experiência vivencial profunda com a natureza a qual é vista não como um mero “recurso natural”, mas sim entendida sensivelmente como um meio ambiente.

Se é objetivo que aconteça uma transformação no mundo é preciso que essa mudança aconteça por meio de uma mudança de postura que considere a força da palavra ancestral de nossos povos originários indígenas. Sem a palavra destes povos que anunciam, a todo instante os riscos, para a humanidade teria-se uma visão muito restrita do que é ser humano. Ser humano também passa pela dimensão transcendente na imanência que conduz a humanidade a outro patamar, o espiritual, fraterno e empático com todos os demais seres, sejam eles espirituais ou mesmo físicos.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Luís Roberto. Revolução Tecnológica, Crise da Democracia e Mudança Climática: Limites do Direito num Mundo em Transformação. *Revista Estudos Institucionais*, vol. 5, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21783/rei.v5i3.429>. Acesso em: 15 mai. 2023.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade - A Emergência de um Novo Paradigma*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CARRAHER, David William. *Senso crítico: dia-a-dia às ciências humanas*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- CONFORTI, Marcos. Senso Crítico e o estudante universitário. *Revista Em Tempo*, vol. 3, 2009. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/108>. Acesso em: 07 mai. 2023.
- FADEL, Bárbara; MORAES, Cássia Regina Bassan. As Ondas De Inovação Tecnológica. *FACEF Pesquisa*, vol. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/42>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- KRENAK, Ailton. *A Vida Não é Útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOZADA, Gisele; NUNES, Karina S. *Metodologia científica*. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
- MARQUES, Ronualdo; FRAGUAS, Talita. A Formação Do Senso Crítico No Processo De Ensino E Aprendizagem Como Forma De Superação Do Senso Comum. *Research, Society and Development*, vol. 10, n. 7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16655>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- MATIAS-PEREIRA, José. *Manual de Metodologia da Pesquisa Científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- SAKURAI, Ruudi; ZUCHI, Jederson Donizete. As Revoluções Industriais até a Indústria 4.0. *Revista Interface Tecnológica*, vol. 15, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31510/infa.v15i2.386>. Acesso em: 14 mai. 2023.
- SILVA, Dorotéa Bueno; SILVA, Ricardo Moreira; GOMES, Maria de Lourdes Barreto. O Reflexo da Terceira Revolução Industrial na Sociedade. *XXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2002_tr82_0267.pdf. Acesso em: 15 mai. 2023.
- UTGIKAR, Vivek. *Introdução à Engenharia Química - Conceitos, Aplicações e Prática Computacional*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

EXTRATIVISMO NA AMAZÔNIA INTEGRADO À CADEIAS PRODUTIVAS SUSTENTÁVEIS: UMA REVISÃO¹

  10.56238/costssbernovasper-002

Hugo Rodrigues da Silva

Lattes: 9421959144934721

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama
E-mail: hugo.rodrigues@estudante.ifro.edu.br

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

RESUMO

A Amazônia representa uma das maiores fontes de recursos naturais do mundo, sendo considerada um dos três patrimônios naturais mais importantes do globo. Além de sua riqueza em recursos naturais, a Amazônia também abriga diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, que ao longo do tempo aprenderam a conviver com em diversos tipos de ambiente, acumulando vasto conhecimento sobre plantas e sobre o ambiente. Dentre estes temos as comunidades extrativistas, que são comunidades que se mantêm principalmente por meio do extrativismo que corresponde basicamente a uma maneira de produzir bens na qual os recursos são retirados de sua área de ocorrência natural, são exemplos de atividades extrativistas a coleta de produtos, a caça e a pesca. Tais povos residem nas chamadas reservas extrativistas que por definição é uma área de floresta protegida por lei, cedida a populações tradicionais, que se mantêm principalmente por meio da coleta de frutos da mata, borracha, óleos, sementes e derivados. As reservas extrativistas além de garantir o uso sustentável dos recursos naturais, também são de suma importância para proteger os meios de vida e as culturas das populações tradicionais gerando desenvolvimento social e inclusão econômica das populações que vivem dentro ou no entorno dessas áreas. Com isso, o presente trabalho tem o intuito de fazer uma revisão na literatura com o intuito de apontar a importância das comunidades extrativistas para a manutenção da biodiversidade e como integrá-las em processos de produção sustentáveis pode ajudar na realização dos Objetivos de Desenvolvimentos Sustentáveis.

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia representa uma das maiores fontes de recursos naturais do mundo, sendo considerada um dos três patrimônios naturais mais importantes do mundo. A região amazônica, apesar de sua importância e tamanho, ainda é pouco conhecida e está seriamente ameaçada por atividades predatórias e pelos diversos ciclos exploratórios que ocorreram durante a história do Brasil na região, onde os mesmos sequer contribuíram significativamente para a criação de uma sociedade mais justa, economicamente dinâmica ou ambientalmente sustentável (ENRIQUEZ, 2008, p. 21).

¹ Texto originalmente comunicado e publicado nos ANAIS do II Congresso Latino-Americano de Desenvolvimento Sustentável de 25 a 28 de Julho de 2023.

No período colonial a região amazônica era responsável por abastecer o mercado europeu com especiarias e produtos de origem animal, tendo seu início na primeira metade do século XVII, o chamado “ciclo das drogas do sertão” perdurou até o começo do século XVIII. Após o fim do ciclo das drogas do sertão iniciou-se o ciclo do extrativismo e do plantio semi-domesticado do cacau ativo, tal ciclo foi a primeira atividade de grande importância econômica realizada na região, se mantendo até a época da Independência do Brasil, quando foi superado pelos plantios da Bahia. O período mais emblemático do período de economia extrativista corresponde ao ciclo da borracha, onde até 1910 a Região amazônica foi a responsável pela maior parte do fornecimento de borracha utilizadas em automóveis e em outros tipos de máquinas, tal fato transformou as indústrias norte-americanas e europeias. Porém, devido a produção de borracha na Ásia, o ciclo da borracha no Brasil entrou em colapso (VALÉRIO, 2018, p. 130).

Atualmente, diversas outras atividades ambientalmente predatórias ocorrem na Amazônia, como a pecuária, a indústria madeireira e a propagação de soja que ampliou de forma extrema as fronteiras agrícolas. Embora essas atividades elevem a renda regional, as mesmas não promovem uma equidade social, gerando desmatamento e destruição da floresta, contribuindo para o agravamento de problemas como a pobreza e a exclusão (ENRIQUEZ, 2008, p. 21).

Além de sua riqueza em recursos naturais, a Amazônia também abriga diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, que ao longo do tempo aprenderam a conviver em diversos tipos de ambiente, acumulando vasto conhecimento sobre plantas e sobre o ambiente em que vivem. Esses conhecimentos são transmitidos por via oral durante as gerações e são de grande importância para garantir a manutenção desses povos e comunidades (VASQUEZ, 2014, p. 458). Valorizar esses saberes é importante porque refletem uma perspectiva de mundo que não foi reconhecida pela cultura ocidental durante séculos. Estes povos guardam em suas tradições elementos como a relação direta com a natureza, coisa que se perdeu no pensamento ocidental com o advento da modernidade. Agora a humanidade se vê dissociada da natureza e até substituiu-se o termo “meio ambiente” por “recursos naturais” o que tira a sensibilidade e a força de um vínculo profundo entre ser humano e a natureza.

Segundo o Decreto Nº 6.040, De 7 De Fevereiro De 2007, os povos e comunidades tradicionais podem ser definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Este tipo de reconhecimento é importante porque lança as bases de uma mudança de cultura em nosso país. É preciso romper com uma colonialidade sempre presente e que inevitavelmente

continua rotulando de forma generalista os povos originários. Nesta perspectiva podemos então concordar com Ailton Krenak (2015, p. 239) quando afirma:

E o outro desconforto era me identificar como índio, porque índio é um erro de português, plagiando Oswald, que disse que, quando o português chegou no Brasil, estava uma baita chuva, aí ele vestiu o índio, mas, se estivesse num dia de sol, o índio teria vestido o português, e estaria todo mundo andando pelado por aí. Isso continua valendo até hoje, e eu atualizei dizendo que o índio é um equívoco do português, não um erro, porque o português saiu para ir para a Índia. Mas ele perdeu a pista e veio bater aqui nas terras tropicais de Pindorama, viu os transeuntes da praia e acabou carimbando de índios. *Aquele carimbo errado, equívoco, ficou valendo para o resto das nossas relações até hoje*, e a resposta para uma pergunta tão direta e simples poderia ser tão direta e simples quanto. Quando foi que eu atinei que eu tinha que fazer essas coisas que ando fazendo nos últimos 50 anos da minha vida, que é quase que repetir o mesmo mantra, dizendo para esse outro: ‘ô, cara, essa figura que você está vendo no espelho não sou eu não, é você, esse espelhinho que você está me vendendo não sou eu, isso é um equívoco!’? E saí do sentimento para a prática na pista dos meus parentes mais velhos do que eu, que estavam sendo despachados da zona rural para as periferias miseráveis do Brasil, o que acontece em qualquer canto, no Norte, no Sul, em qualquer lugar.

É fundamental respeitar as especificidades de cada povo, suas visões de mundo, seus pressupostos éticos e morais. Deste modo percebe-se que existe algo muito mais além do que somente uma preocupação com desenvolvimento sustentável.

Existe também uma demanda de sobrevivência de identidades desses povos originários que correm sério risco de serem diluídos dentro da cultura ocidental se o valor de suas tradições não for reconhecido. Se fala da extinção de elementos constituintes da fauna e da flora, mas esquece-se muitas vezes da extinção humana e cultural consequentemente.

Só para citar um breve exemplo, no ano de 2022 no Estado de Rondônia, Brasil, onde veio a falecer o último indígena de uma etnia desconhecida, com língua desconhecida, mas que foi chamado e reconhecido como “Índio do Buraco”. Sua existência se encerrou no palco da vida sem ao menos saber mais profundamente elementos cruciais para buscar assegurar a perpetuação de seus saberes.

Entre os povos tradicionais presentes na floresta amazônica temos as comunidades extrativistas, que são comunidades que se mantêm principalmente por meio do extrativismo (WWF, 2021) que corresponde basicamente a uma maneira de produzir bens na qual os recursos são retirados de sua área de ocorrência natural, são exemplos de atividades extrativistas a coleta de produtos, a caça e a pesca. O extrativismo junto a outras atividades de produção tradicionais que integram os habitantes locais, ainda que insuficientes contribuem para a manutenção da floresta de pé (DRUMMOND, 1996, p. 117; ENRIQUEZ, 2008, p. 21).

Tais povos residem nas chamadas reservas extrativistas que por definição é uma área de floresta protegida por lei, cedida a populações tradicionais, que se mantêm principalmente por meio da coleta de frutos da mata, borracha, óleos, sementes e derivados. Outras atividades realizadas nas reservas são a agricultura de subsistência e a criação de animais de pequeno porte, sem a derrubada

de árvores. As reservas além de garantir o uso sustentável dos recursos naturais também são de suma importância para proteger os meios de vida e as culturas das populações tradicionais (WWF, 2021).

Portanto as reservas extrativistas surgem com a finalidade de gerar desenvolvimento social e proteção ao meio ambiente, objetivando também a inclusão social e econômica das populações que vivem dentro ou no entorno dessas áreas (COSTA & MURATA, 2015, p. 92).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS's) são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Segundo a ONU (2015) os ODS's consistem em metas ambiciosas que possuem o intuito de:

Combater as desigualdades dentro dos países e entre eles; construir sociedades pacíficas, justas e inclusivas; proteger os direitos humanos e promover a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas; e assegurar a proteção duradoura do planeta e de seus recursos naturais. Resolvemos também criar condições para o crescimento sustentável, inclusivo e economicamente sustentado, a prosperidade compartilhada e o trabalho decente para todos, tendo em conta os diferentes níveis de desenvolvimento e as capacidades nacionais.

Com isso, o presente trabalho tem o intuito de fazer uma revisão na literatura com o intuito de apontar a importância das comunidades extrativistas para a manutenção da biodiversidade e meios de integrá-las em processos de produção sustentáveis, bem como as mesmas contribuem para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis.

Demonstrar, através de uma revisão bibliográfica, a importância das comunidades tradicionais extrativistas para o Brasil e como a existência das mesmas contribuem para a manutenção da biodiversidade. Objetiva-se também analisar meios de integração dessas comunidades em cadeias produtivas sustentáveis e como as mesmas podem contribuir para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS's).

A metodologia utilizada visou estruturar a pesquisa de cunho bibliográfica, proporcionando uma escolha de forma criteriosa dos melhores e mais significativos artigos e livros sobre a temática. Para isso, foi realizado um passo a passo para levantamento da base bibliográfica, catalogação dos documentos levantados, seleção e priorização dos artigos e aplicação de método multicritério para priorização dos conceitos. Nesse sentido, a escolha da bibliografia foi feita dentro de um universo de estudo que consiga de fato representar o estado da arte, além de primar pela qualidade, abrangência e significância.

O Brasil possui 334 Unidades de Conservação federais, que são geridas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), presentes em todos os Biomas Brasileiros (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal e Marinho) cuja área total somam 1.203.940.363,08 hectares e 14 Centros de Pesquisa e conservação. Encontra-se, somente na

região amazônica 128 unidades de conservação, sendo a região nacional com mais unidades de conservação (HADDAD et al., 2019)

Entre as unidades de conservação estão as reservas extrativistas que surgem com a finalidade de gerar desenvolvimento social e proteção ao meio ambiente, objetivando também a inclusão social e econômica das populações que vivem dentro ou no entorno dessas áreas (COSTA & MURATA, 2015, p. 92).

Porém, o extrativismo não se conceitua como uma atividade de impacto zero, no estudo “Parcerias institucionais e evolução do extrativismo de jaborandi na Floresta Nacional de Carajás, Pará, Brasil” Gumier-Costa et al.(2016, p. 92) trazem discussões bastantes pertinentes sobre os danos que o extrativismo pode causar, os mesmos apontam que:

[...] impactos podem variar de acordo com a parte da planta coletada, época do ano, regime de manejo e quantidade explorada, por exemplo, sendo cruciais manejo e monitoramento. Entre os efeitos ecológicos dessas atividades podem ocorrer alterações na composição genética de populações nativas, após coleta seletiva repetitiva dos indivíduos maiores e mais produtivos, comprometendo a viabilidade das espécies no longo prazo. Em outro extremo, a coleta de PFNMs pode causar degradação do ecossistema, por remoção de nutrientes a partir de partes da planta ou erosão do solo resultante da remoção de plantas que lhe dão estabilidade. Outros possíveis efeitos negativos seriam a redução progressiva do tamanho dos indivíduos, redução da distribuição, alterações na cadeia alimentar, aumento ou redução na disponibilidade de determinados nutrientes.

Segundo Haddad et al.(2019) as condições precárias de vida dos habitantes desses territórios condicionam atividades produtivas que causam degradação ambiental e mesmo a política ambiental das reservas sendo única para todo o Brasil, as realidades sociais, econômicas, ambientais e culturais são heterogêneas. Portanto, a busca pelo desenvolvimento socioambiental e sustentável das reservas extrativistas não pode dissociar a relação entre a saúde, o ambiente e o desenvolvimento das populações que vivem nestas comunidades, cujas dificuldades são extremamente grandes e as políticas públicas voltadas para o homem da floresta são muitas vezes insuficientes devido à complexidade da região. Ainda em Gumier-Costa et al.(2016, p. 93) temos que:

Por outro lado, comunidades ou usuários de recursos comuns têm a capacidade de se auto-organizarem e construir um conjunto de regras, sanções e sistemas de monitoramento eficazes na mediação de conflitos, manejo sustentável dos recursos e compartilhamento de benefícios.

Isso se dá, pois as comunidades que dependem do extrativismo são as mais interessadas na manutenção da floresta, pois, os habitantes dessas comunidades possuem a consciência de que dependem dela para a sobrevivência. Por isso os processos construídos pelas próprias comunidades geralmente apresentam melhores resultados e são mais duradouros do que os sistemas de controle impostos pelo governo (GUMIER-COSTA et al., 2016, p. 93). Por isso as políticas de manutenção

das reservas são mais eficientes quando sustentadas em relações democráticas, pois auxiliam gestores a realizar mudanças dentro de cenários demográficos e econômicos, para melhor utilização dos recursos disponíveis (NEWTON et al., 2011, p. 100).

Com isso, o extrativismo e o manejo de produtos florestais não madeireiros na Amazônia são apontados por diversos autores como as principais formas de garantir subsistência, fonte de renda para as comunidades locais, reduzindo as condições de pobreza e promovendo a conservação ambiental dada a grande diversidade de recursos da floresta tropical, contrapondo-se a práticas que destroem a natureza e alteram radicalmente a paisagem, como a extração madeireira, a mineração, e a pecuária extensiva. O extrativismo também permite a manutenção de serviços ambientais ainda pouco reconhecidos e dimensionados pelo mercado e não incorporados em políticas públicas (GUMIER-COSTA et al., 2016, p. 92).

Como exemplo temos a comunidade do seringal porvir, localizada na Reserva extrativista Chico Mendes, onde através do projeto “Castanhal - uso sustentável da sociobiodiversidade” obtiveram resultados muito satisfatórios para a comunidade. Coordenado pela Embrapa em parceria com a própria comunidade, o projeto, em três anos ajudou 40 famílias com a entrega de armazéns e diversas ações com o intuito de promover melhorias na cadeia produtiva da castanha-do-brasil, agregar valor ao produto, abrir novos mercados e promover a economia de base extrativista aliada à conservação da floresta (EMBRAPA, 2021).

Como dito anteriormente as condições demográficas e econômicas da comunidade influenciam diretamente nas políticas de manutenção e desenvolvimento das mesmas, essas foram justamente as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do projeto da comunidade do seringal porvir:

A execução do projeto Castanhal impôs desafios para os extrativistas e para a equipe técnica envolvida, em função de dificuldades para acesso à comunidade e questões burocráticas relacionadas à gestão administrativa e financeira. A renovação dos integrantes da Associação Wilson Pinheiro durante a vigência do projeto interrompeu o cronograma de execução, devido à necessidade de registros legais de praxe junto a cartórios, Receita Federal e sistema da Fundação Banco do Brasil, para habilitar a nova diretoria para a gestão do projeto (EMBRAPA, 2021).

O manejo sustentável de castanhais nativos gera trabalho e renda para milhares de famílias extrativistas e ajuda a impedir o avanço do desmatamento na região. Devido a importância econômica, social e ambiental da coleta dessa fruta e do potencial de uso industrial das amêndoas, a castanha-do-brasil é um dos produtos florestais não madeireiros mais importantes para a bioeconomia da Amazônia.

O Projeto Bem Diverso, disponibilizou pessoal técnico para acompanhar todas as etapas de execução do projeto na comunidade do seringal porvir, além de viabilizar outras atividades para o alcance dos resultados. O projeto Bem Diverso é resultado de parceria entre a Embrapa, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Fundo Mundial para o Meio Ambiente, o projeto investe em ações para a conservação da biodiversidade e manejo sustentável dos recursos naturais em paisagens florestais (EMBRAPA, 2021).

Segundo informações disponíveis no site do Projeto Bem Diversos([S. d]), a iniciativa já conduziu estudos para análise de cadeias produtivas de 16 produtos naturais. E de modo geral, obtiveram que o processo de extrativismo geralmente precisa de aprimoramento nas técnicas de coleta bem como no beneficiamento e processamento dos frutos e sementes, tais melhoras afetariam de modo positivo a qualidade do produto final bem como auxiliaria a auto-regeneração da espécie-alvo, isso agrega valor econômico e ambiental ao produto produzido e tais características representam um passo fundamental para a inserção do produto no mercado.

Os estudos também demonstram os problemas causados pelas atividades conduzidas de forma informal. Tal condição dificulta o acesso aos mercados e as políticas públicas necessárias para a dinamização das atividades extrativistas. Na linha de informalidade somam-se ainda, a falta de registros de produção e de comercialização de produtos da sociobiodiversidade, que impedem a retroalimentação dos sistemas de comando e de controle governamental que são necessários para o aperfeiçoamento das políticas públicas destinadas para esse setor.

Como modo de superar tais dificuldades o Projeto Bem Viver coordena ações que vão desde facilitar a comunicação intercomunitária a respeito de preços, ofertas e demandas até desenvolver as capacidades locais na gestão de seus empreendimentos, abrir e fidelizar parcerias com pontos físicos e virtuais de comercialização de produtos da sociobiodiversidade.

Além de políticas públicas e projetos que visam a melhora de vida nas comunidades extrativistas, destaca-se também a parceria entre empresas privadas com as comunidades. Como exemplo pode-se citar a Natura, que nos últimos anos firmou parcerias com comunidades extrativistas com intuito de obter insumos para a produção de seus produtos.

Fundada em 1969, a Natura é uma empresa multinacional brasileira de cosméticos, produtos de higiene e beleza e é Líder no setor da venda direta no Brasil. Através de suas práticas sustentáveis e objetivando produzir impacto social e econômicos positivos, em 2014 a Natura se tornou a maior empresa com certificação B Corp do mundo (NATURA, [S. d] c).

A empresa realiza estudos para potencializar a produção e para que a extração dos ativos usados nos produtos sejam feitas de forma sustentável e sem destruir os ambientes nem as relações ecológicas em que estão inseridas. A Natura fomenta as comunidades extrativistas parceiras a

adotarem práticas sustentáveis de produção, tratamento e comercialização, bem como repartem os lucros com as comunidades fornecedoras de ativos nativos que são usados na produção dos produtos (NATURA, S. d] a). Quanto ao desenvolvimento local das regiões onde as comunidades parceiras encontram-se, a empresa traz que:

Para além dos esforços e do apoio à estruturação das cadeias de produção dos ativos com os quais trabalhamos, da promoção dos patrimónios culturais associados aos nossos produtos e da preservação da natureza quando extraímos e tratamos matérias-primas da biodiversidade, contribuimos para a sustentabilidade das comunidades locais com as quais trabalhamos, e os nossos esforços centram-se em assuntos tais como a organização social e institucional, a formação e a renovação das responsabilidades, a inclusão dos jovens nos processos sociais locais, o estabelecimento de parcerias intersetoriais, a melhoria das infraestruturas e das capacidades humanas específicas relacionadas com o desenvolvimento social e com a cultura, entre outros (NATURA, S. d] a)

Além de firmar parcerias com comunidades extrativistas, a Natura fomenta diversas práticas ambientalmente positivas como a preservação da natureza, a proteção do clima e a redução de resíduos. A empresa ainda atua para um comércio mais justo, com práticas que permitem garantir a subsistência para as comunidades tradicionais parceiras ao mesmo tempo que conserva suas tradições e estilo de vida (NATURA, [S.d] b).

A empresa possui um importante papel no incentivo para a integração dessas comunidades em cadeias produtivas, demonstrando, através dos seus ganhos que a parceria entre comunidades extrativista e empresas privadas podem gerar frutos para ambos os lados de uma forma sustentável.

2 CONCLUSÃO

Conclui-se, que sozinhas as comunidades extrativistas possuem necessidades que não as permitem realizar um manejo sustentável e nem a manutenção da floresta, porém quando auxiliadas por políticas públicas e/ou projetos que visem melhorar a qualidade de vida dos habitantes dessas comunidades bem como as cadeias produtivas em suas diversas etapas, percebe-se que tais comunidades podem desempenhar um importante papel para a sustentabilidade e para a conservação ambiental, contrapondo-se a práticas que destroem a natureza e alteram radicalmente a paisagem, como a extração madeireira, a mineração, e a pecuária extensiva.

Tais iniciativas devem ser elaboradas de forma democrática, ou seja, incluindo os moradores no processo de planejamento das mesmas, possibilitando a elaboração de práticas mais sustentáveis e duradouras, possibilitando melhoras nas condições de vida dos integrantes dessas comunidades, garantindo sua subsistência e oferecendo fonte de renda para as famílias que constituem essas comunidades.

As empresas privadas também podem desempenhar grande papel ao incluir as comunidades extrativistas em seus processos, bem como fomentar a prática de hábitos sustentáveis, não visando apenas o lucro. Como exemplo disso temos a Natura, que em sua cadeia produtiva inclui de forma respeitosa as comunidades extrativistas para a obtenção de insumos para a produção de cosméticos. Percebe-se que os valores a favor da sustentabilidade acompanham a empresa desde seu início, estimulando práticas que tornam o comércio mais justo e estabelecendo relações de qualidade com as comunidades demonstrando que ao integrá-las a cadeias produtivas pode-se obter benefícios para a empresa, para a comunidade e para o meio ambiente.

Com isso posto, percebe-se que a integração de comunidades extrativistas à cadeias produtivas pode gerar benefícios para a sociedade como um todo, corroborando para a realização dos objetivos de desenvolvimentos sustentáveis. Fornecer meios para a subsistência das comunidades extrativistas bem como estimular práticas que respeitem e possibilitem a inserção das mesmas no mercado, são meios de reduzir a desigualdade e erradicar a pobreza, pois a melhoria da qualidade de vida significa incluir pessoas que estão à margem da sociedade. Por isso, a integração das comunidades em cadeias produtivas colaboram a atingirmos os ODS's 01, 08 e 10, já o manejo sustentável da floresta, a manutenção das relações ecológicas e a promoção do uso racional de produtos naturais que são cultivados pelas comunidades extrativistas são meios de alcançar os ODS's 11, 12 e 15.

Não podemos esquecer que pela força do extrativismo outro fenômeno também acontece. Além de garantir a sobrevivência das florestas também fica assegurada a manutenção e sobrevivência das culturas e tradições originárias. Neste sentido nota-se que não se trata apenas de um comércio, mas sim remete a um sentido mais profundo em que o ser humano por seus esforços em comunidade pode assegurar a legitimidade de seus saberes. Deste modo fica resguardado o sentido último da existência de um povo.

É fato também que neste contexto de preservação da fauna e da flora por meio de atividades sustentáveis gera-se a oportunidade para a perpetuação de epistemologias e suas respectivas singularidades. Já que existe uma diversidade de cosmovisões as mesmas carecem de ter suas peculiaridades respeitadas para que seja assegurada a oportunidade de que as novas gerações possam se beneficiar de seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Decreto Nº 6.040, De 7 De Fevereiro De 2007. Brasília, DF: Presidência da República, [2007]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm Acesso em: 05 de maio de 2023.

CADEIAS PRODUTIVAS. Bem diverso, [S. d]. Disponível em: <https://bemdiverso.org.br/o-que-fazemos/cadeias-produtivas/>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

COSTA, A. C. G.; MURATA, A. T. A problemática socioambiental nas Unidades de Conservação: conflitos e discursos pelo uso e acesso aos recursos naturais. *Sustentabilidade em Debate*, v. 6, n. 1, p. 86-100, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281122935_A_Problematica_Socioambiental_na_Unidades_de_Conservacao_conflitos_e_discursos_pelo_uso_e_acesso_aos_recursos_naturais. Acesso em: 05 de maio de 2023.

DRUMMOND, J. A. A extração sustentável de produtos florestais na Amazônia brasileira: vantagens, obstáculos e perspectivas. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 115-137, jul. 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240625438_A_extracao_sustentavel_de_produtos_florestais_na_Amazonia_brasileira_vantagens_obstaculos_e_perspectivas. Acesso em: 03 de maio de 2023.

EMBRAPA. Extrativistas comemoram resultados do Projeto Castanhal. Portal Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/63116520/extrativistas-comemoram-resultados-do-projeto-castanhal>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

ENRÍQUEZ, G. E. V. Desafios Da Sustentabilidade Da Amazônia: Biodiversidades, cadeias produtivas e comunidades extrativistas integradas. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33536828.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

HADDAD et al. Análise social, econômica e histórica das reservas extrativistas da Amazônia: lutas e trajetórias. *Redalyc*, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/122/12262983004/html/>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

JORNALISMO TV CULTURA. Morre em Rondônia o Indígena Conhecido como "Índio do Buraco". Youtube, 27 de ago de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SNcJFw8eUjw>. Acesso em: 25 out 2022.

KRENAK, Ailton. Encontros. Sergio Cohn (org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

NATURA. A Etnocomestica. *Natura*, [S. d] a. Disponível em: <https://www.naturabrasil.fr/pt-pt/os-nossos-valores/as-nossas-parcerias-com-as-comunidades>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

NATURA. Nossos Compromissos. *Natura*, [S. d] b. Disponível em: <https://www.naturabrasil.fr/pt-pt/os-nossos-valores/sustentabilidade>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

NATURA. Pioneiro Dos Cosméticos No Brasil. *Natura*, [S. d] c. Disponível em: <https://www.naturabrasil.fr/pt-pt/acerca-da-natura-brasil/pioneiro-dos-cosmeticos-no-brasil>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

NEWTON, P.; ENDO, W.; PERES, C. A. Determinants of Livelihood Strategy Variation in Two Extractive Reserves in Amazonian Flooded and Unflooded Forests. *Environmental Conservation*, Cambridge, v. 39, n. 2, p. 97- 110, 2011. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/environmental-conservation/article/determinants-of-livelihood-strategy-variation-in-two-extractive-reserves-in-amazonian-flooded-and-unflooded-forests/E9152EA3E6ACFD922D23050D4434F157>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

UNITED NATIONS(ONU). 70-1. Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development Preamble. 2015.

GUMIER-COSTA, F. et al. Parcerias institucionais e evolução do extrativismo de jaborandi na Floresta Nacional de Carajás, Pará, Brasil. *Sustentabilidade em Debate*, v. 7, n. 3, p. 91–111, 2016. Disponível: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/152674/1/Gumier.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

VALÉRIO, C.; GOMES, A. Ciclos Econômicos Do Extrativismo Na Amazônia Na Visão Dos Viajantes Naturalistas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum*, n. 1, p. 129–146, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/xf4Jt77zfhJf86QSvGTdSZK/>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

VÁSQUEZ, S. P. F. et al. Etnobotânica De Plantas Medicinais Em Comunidades Ribeirinhas Do Município De Manacapuru, Amazonas, Brasil. v. 44, n. 4, p. 457–472, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/VygsxBjLYBDf8NcWBHGYF8Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

WWF. Reservas Extrativistas: o que são e qual é a importância da principal herança de Chico Mendes. WWF, 2021. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?81168/Reservas-extrativistas-o-que-sao-e-qual-e-a-importancia-da-principal-heranca-de-Chico-Mendes>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

FILOSOFIA: SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA QUÍMICA¹

  10.56238/costssbernovasper-003

Gabrielly Jacob Menezes

Lattes: 4157774443237990

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama
E-mail: g.jacob@estudante.ifro.edu.br

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

Domingos Perpétuo Alves Soares

Lattes: 8302825436541580

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor Licenciado em Letras Português/Inglês; Licenciado em Pedagogia
Pedagogo/Supervisor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama
E-mail: domingos.soares@ifro.edu.br

RESUMO

No presente trabalho, busca-se atentar-se a questões éticas, ambientais, políticas, sociais bem como a funcionalidade da abordagem filosófica para com os discentes de engenharia química e como se relacionam estas áreas no quesito para o qual implica no dia a dia de um engenheiro. Compreender e instigar o pensamento para além dos conceitos teóricos e técnicos verificados durante o período da graduação se fazem pertinentes a fim de compreender a sua relação de exatas e humanas e como isso interfere em nossa sociedade.

Palavras-chave: Filosofia, Engenharia química, Ética, Lecionar.

1 INTRODUÇÃO

O engenheiro é um profissional desafiado para atuar no mercado de trabalho como “solucionador de problemas”, ou seja, o responsável por criar, produzir e aperfeiçoar diversos mecanismos, utilizando métodos e técnicas sistêmicas, no entanto, esta mecanização de atuação do engenheiro pode-se tornar um entrave, se não for levado em consideração alguns cenários aos quais, em sua grande maioria, são afetados com a produção em massa, intermitente de uma indústria. Há muitas competências exigidas já no período inicial de formação dos estudantes de engenharia, pois há um vasto campo de atuação profissional com várias especificidades, que requerem um exercício

¹ Texto originalmente comunicado no I Encontro de Filosofia do IFRO realizado na cidade de Cacoal-RO de 16 a 17 de Agosto de 2023.

mais efetivo das competências desenvolvidas ao longo do curso. No campo de atuação do engenheiro é necessário atinar a missão, visão e valores de uma empresa e, ainda, a aplicabilidade dos recursos trabalhados em cada companhia, reconhecendo as normas e procedimentos vigentes, respeitando as diretrizes regionais (CREA). Sendo assim, tratar-se-á do contributo das ciências humanas, de forma particular da Filosofia, para formação integral no âmbito da Engenharia Química e suas implicações no desenvolvimento regional.

No processo formativo dos engenheiros há uma sólida prevalência do ensino da técnica sobre a formação humanística. No entanto, cabe a filosofia abordar temáticas que visem levar os discentes a refletir e a desenvolver competências socioemocionais imprescindíveis no mundo do trabalho e em sinergia com a sociedade.

A filosofia, por muitos, é vista em um panorama de reflexões e inquietações humanas, entretanto entende-se que a “[...] etimologia da palavra grega *philosophia*, que significa amor à sabedoria” (MARCONDES; FRANCO, 2011, p.10) é subentendida como a incessante busca pela verdade. Em resumo, pode-se verificar que a Filosofia se trata de uma área do conhecimento a qual busca levantar hipóteses e a compreender através de uma análise racional e do pensamento crítico. Não havendo como definir a filosofia em apenas um conceito, afinal a mesma é disposta por vários autores com diversos conceitos os quais nos levam a sempre atentarmos a busca pela consciência social e como estamos inseridos em nossa sociedade. Autores, estes, que conceituam a filosofia com diferentes abordagens, por exemplo:

“[...] Sócrates, cujas preocupações iam para as coisas morais e não para a Natureza, no seu conjunto tinha, nesse domínio, procurado o universal e foi o primeiro a fixar o pensamento nas definições. Platão aceitou a sua doutrina mas a formação primitiva levou-o a pensar que este universal devia existir em realidades de uma ordem diferente das coisas sensíveis...”(PENEDOS, 1977, p.53).

A priori, ao ser visualizado ambos conceitos e de forma simultânea, a respeito de engenharia e filosofia, pode-se não haver uma correlação direta de tal. Apesar disso, ao serem notadas as competências básicas de um profissional de engenharia, averigua-se a primordial necessidade da filosofia e da sociologia na aquisição de conhecimento e sua relevância no aspecto ensino-aprendizagem dos discentes. No geral, o surgimento da filosofia pode ser dito que se dá através das inquietações humanas, já a engenharia vem por meio das problemáticas apontadas pelos indivíduos. A interação entre estes dois assuntos deve ser indagada, pois é devido a relação indireta de ansia humana e de busca por soluções sistêmicas e precisas as quais são ofertadas pelos engenheiros que estes ideais possivelmente se relacionam.

Constata-se a primordial necessidade do ensino da Filosofia nos cursos de engenharia para alicerçar os conhecimentos dos alunos, futuros engenheiros, acerca do uso da racionalidade na resolução de problemas, desenvolver valores éticos e morais, visão crítica sobre os processos formativos e da criação de produtos e serviços, aperfeiçoar sua capacidade dialógica com a sociedade.

Em contrapartida, os campos de ensino e pesquisa são distintos em suas formas conceituais, isso se deve pois de maneira abrangente a área de atuação da engenharia química visa aplicar sistemas fazendo o uso da tecnologia e da ciência, baseando-se em técnicas empíricas e à inovando-as. E assim, ao nos depararmos com a filosofia e também com a sociologia presentes na grade curricular do curso de bacharelado de eng. química faz-nos questionar a respeito de: como se dá a intervenção filosófica em uma área de exatas para a formação de um profissional e como isso implica na abordagem de sua atuação...

Por fim, através do presente artigo pretende-se desvelar as correlações entre a formação humanística e a contribuição da Filosofia para os cursos de engenharia, indagações, limitações e contribuições para a formação de um engenheiro com uma visão holística; tendo como arcabouço teórico os documentos basilares: Projeto Pedagógico do curso de Engenharia Química e as Diretrizes Curriculares para as engenharias emanadas pelo Conselho Nacional de Educação.

2 O SENTIDO DO ESTUDO FILOSÓFICO NA ENGENHARIA QUÍMICA

Ao levantar hipóteses para compreender o porquê de estudar Filosofia em um curso de exatas, se fazem pertinentes entender questões que vão muito além da graduação. Dentre essas questões podemos destacar o processo de autoconhecimento do ser humano. Até porque para fazer a opção preferencial entre este e aquele curso é necessário a priori um conhecimento de si para que a partir dele se faça todas as demais escolhas da vida.

Parece ser universalmente admitido que a meta mais elevada da indagação filosófica é o conhecimento de si próprio. Em todos os conflitos travados entre as diferentes escolas filosóficas, este objetivo permaneceu invariável e inabalado: revelou-se o ponto de Arquimedes, o centro fixo e imutável, de todo pensamento. Nem mesmo os mais cétricos pensadores negaram a possibilidade e a necessidade do conhecimento próprio (CASSIRER, 1977, p. 15).

Passar por este processo de busca interior de si é anterior e por isso é fundamental que exista para que maturada a compreensão de si possa ser no futuro um profissional mais plenamente realizado. Até porque “o escopo ou o fim da filosofia está no puro desejo de conhecer e contemplar a verdade. Em suma, a filosofia grega é desinteressado (*sic*) amor pela verdade” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 12). Cabe aqui a reflexão da necessidade de um verdadeiro discernimento

vocacional, ou seja, a busca pela verdade interior de si dentro do curso de Engenharia oportunizado pelas inquietações provenientes da filosofia.

Sabe-se que matérias envolvendo física, matemática e química são de suma importância para a formação de um engenheiro, contudo ao ser verificado a presença da Filosofia como objeto de estudo primitivo para a formação deste profissional indaga-se em compreender a sua relação.

Ao serem analisados os objetivos pedagógicos e também as diretrizes do curso de bacharelado em Engenharia Química visualiza-se que alguns objetivos específicos incluídos no PPC (Projeto Pedagógico de Curso) do IFRO Câmpus Calama (2022) que ressaltam:

- Relacionar os problemas da sociedade atual, identificando a cultura em que está inserido;
- Interpretar a concepção de conhecimento de Platão e Aristóteles;
- Diferenciar o conhecimento assistemático (guiado pelo senso comum) do conhecimento sistematizado (alcançado por meio da consciência filosófica);
- Detectar o processo de alienação social na sociedade contemporânea.

Desta forma, o engenheiro em seu período de formação é levado a tomar consciência das demandas sociais empunhando-se como base uma abordagem fundamentada (consciência filosófica e seu ato de questionar) com o intuito de pré estabelecer ponderações e limites pensando em diversos aspectos. Como, por exemplo, a resolução Nº 2 do Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, de 24 de abril de 2019, capítulo II, artº 3: “V- considerar os aspectos globais, políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e de segurança e saúde no trabalho.” (2019). Tais aspectos ressaltam que não apenas compreender e dominar as técnicas e as competências tecnológicas e científicas pré-requisitadas, mas também deve-se tomar noções panorâmicas para a qual socialmente o indivíduo está inserido. Ou seja, cabe ao profissional qualificado estar atento aos sinais dos tempos em meio a sociedade para que exercendo suas atribuições possa executá-las de modo pleno e eficaz em sintonia com as reais carências da população, sobretudo, os mais pobres.

Espera-se que tais competências sejam instigadas já durante o período da graduação e que estão presentes diariamente na vida de um engenheiro são características estimuladas pelos docentes das mais diversas matérias além da filosofia durante o tempo de formação, isso pois o engenheiro químico necessita de adquirir caráter crítico, sabendo julgar e avaliar de forma racional determinadas situações, tornando-o um profissional de alto desempenho e com um destaque em autodefesa de suas ideias, ou seja, não basta pressupor determinada situação, o engenheiro também precisa defender o

seu ponto de vista e argumentar em favor do que planeja para a sociedade. E para isso pode contar com a perspectiva totalizante da filosofia que não vê somente partes, mas busca a plenitude do saber.

No que se refere ao conteúdo, a filosofia quer explicar a totalidade das coisas, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela. A filosofia, portanto, se distingue das ciências particulares, que assim se chamam exatamente porque se limitam a explicar partes ou setores da realidade, grupos de coisas ou de fenômenos. É a pergunta daquele que foi e é considerado como o primeiro dos filósofos - "Qual é o princípio de todas as coisas?" - mostra a perfeita consciência desse ponto. A filosofia, portanto, propõe-se como objeto a totalidade da realidade e do ser (REALE; ANTISERI, 2003, p. 11).

Além disso, é subentendido que o engenheiro precisa adquirir habilidades comunicacionais fazendo interface dos pontos mencionados acima, pois afinal de contas o engenheiro não vive isolado, ele necessita de lidar com empresas, clientes, conglomerados econômicos, logo carece ter uma boa relação interpessoal a qual provoca o diálogo entre diversos campos. E neste viés, assim como posto por Marco Aurélio Cremasco (2009):

Tais princípios são essenciais aos respeito ao valor do ser humano, à liberdade de pensamento e de opinião e ao desenvolvimento de uma consciência voltada para a preservação da vida, visando à organização de uma sociedade mais justa, pautada no desenvolvimento sustentável e na cultura da paz. Para a engenheiro socialmente responsável, tais elementos podem ter o lócus na organização socialmente responsável por meio da introdução, por exemplo, da cidadania empresarial, do desenvolvimento sustentável, responsabilidade socioambiental e dos impactos dos produtos produzidos em consequência, por exemplo, das atividades do engenheiro. (CREMASCO, 2009, p.6)

Tais elementos, os quais foram citados acima, são exigências pertinentes na execução adequada de um engenheiro. Afinal de contas, atentar-se às questões futuras também se faz obrigação deste profissional.

Ao que se refere aos objetivos gerais do PPC (Projeto Pedagógico de Curso) do IFRO Câmpus Calama cita que finalidade da disciplina de Filosofia no curso de bacharelado em Engenharia Química é “Desenvolver o pensamento crítico sobre a realidade a fim de estimular a reflexão e a capacidade de análise do contexto social, político, econômico e cultural.” (2022) isso implica diretamente na performance de sua atuação para com a empresa em que os serviços são prestados, onde os pontos mencionados se fazem de suma importância a qual o indivíduo não apenas tenha uma boa formação durante o seu período de graduação, mas também discernimento do cotidiano como diferencial, isso faz com que o subordinado relacione ações positivas e negativas colocando em pauta aspectos ambientais, socioeconômicos e entre outros para que assim possa fazer de forma efetiva o seu trabalho.

Neste meio, ao serem notadas as aplicações da filosofia, logo abstém-se do senso comum. Pois, não há como estudar filosofia se não houver o ato de questionar-se e ao serem tomados tais

comportamentos, também são desprendidos de alguns valores e imediatamente adquiridos outros. Entender a importância de tal situação é passível de erros bem como acertos, logo compreende-se que o ser humano é mutável, são pensamentos lógicos e questionáveis que induzem-nos a atingir o pensamento crítico, ora, se os indivíduos são versáteis porque os ambientes e as organizações também não são?

Compreender, também, que: “A ciência é uma função da vida. Justifica-se apenas enquanto órgão adequado à nossa sobrevivência. Uma ciência que se divorciou da vida perdeu a sua legitimação.” (ALVES,1981,p.29). Ou seja, entende-se que até mesmo a ciência necessita de estar atrelada à vivência humana. “De fato, quem se move em meio às coisas humanas está proibido de ter as certezas e – por que não dizer? – a arrogância que se encontra em muitos cientistas da natureza, equivocadamente orgulhosos de seu poder para prever o próximo passo da tropa em ordem unida.” (ALVES, 1981, p.81)

3 A PRÁXIS COTIDIANA E AS QUESTÕES ÉTICAS E POLÍTICAS

Ao que tange as aptidões de um engenheiro e o seu dia a dia em uma empresa, se fazem pertinentes algumas características que vão além do seu perfil profissional, o qual geralmente é buscado e esperado por tais. Sendo assim:

O engenheiro deve apresentar um perfil oriundo de uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, e ser capacitado para absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando aspectos políticos, sociais, ambientais e culturais para atender às demandas da sociedade. (CREMASCO, 2015, p.14)

Neste âmbito, são verificadas questões éticas na formação de um engenheiro. Este profissional deve-se atentar às problemáticas que o cerca, afinal é ele o responsável por atuar em função da população e auxiliar nas adversidades postas pela mesma. Assim como foi afirmado por Marco Aurélio Cremasco “A postura e a atitude ética desse profissional são virtudes indispensáveis para exercer a sua profissão. Desse modo, é importante para a engenharia o domínio de ferramentas de gestão empresarial, de processos, de produtos, assim como de pessoas.” (CREMASCO, 2015, p.14). Logo, o engenheiro não somente deve estar preocupado com a linha de produção, mas também se estes produtos vão chegar com satisfação aos seus clientes.

O paralelismo entre engenharia e filosofia é fundamentalmente averiguado ao serem notadas questões ético-ambientais e sociais, como também dita por Marco Aurélio Cremasco (2009) em seu artigo de pesquisa o qual salienta:

É importante ressaltar que a responsabilidade ética da engenharia nasce da reflexão sobre ética em si, vendo-a como o certo e o errado, podendo-se considerar antiético tudo aquilo que pode causar algum tipo de mal ou dano às pessoas e ao meio que as cerca, tirando-as do lugar cômodo de centro do mundo, para dele fazerem parte, bem como lhe imputando a responsabilidade de preservarem a vida, em toda a sua extensão, seja dentro de uma organização seja fora dela. (CREMASCO, 2009, p.12)

Sendo assim, a ética é tida como ponderação do profissional para com a tomada de decisões em uma empresa, mediante as problemáticas sociais e ambientais apontadas em cada caso. “Se a ética está em desuso, é porque a educação não é levada a sério. E a educação é tudo. O mundo mudou e quem não tiver qualificação não terá espaço no capitalismo de mercado” (NALINI,2020,p.17). Desta forma, a educação na íntegra para tal se faz presente em abordagens filosóficas e ao levantar hipóteses e investigar questões que vão além da indústria e da maquinofatura, onde por meio do estudo da filosofia e da sociologia que é possível ser feito.

A atuação de um profissional baseada em comportamentos éticos para com a sociedade, traduzindo-a como: responsabilidade social, é visto como ações previstas de um engenheiro, afinal de contas é ele o sujeito responsável pelas decisões solenes de uma empresa. Apesar disso, políticas públicas se fazem pertinentes como organização global da indústria, entretanto como posto por Celina Souza (2002):

Se admitimos que a política pública é um campo holístico, isto é, uma área que situa diversas unidades em totalidades organizadas, isso tem duas implicações. A primeira é que a área torna-se território de várias outras disciplinas, teorias e modelos analíticos. Assim, apesar de possuir suas próprias modelagens, teorias e métodos, a política pública, embora seja um ramo da ciência política, a ela não se resume, podendo também ser objeto da filosofia, psicologia, sociologia, economia e da econometria, esta última no que se refere a uma das sub-áreas da política pública, a da avaliação, que recebe grande influência de técnicas quantitativas e modelos econométricos. A segunda é que o caráter holístico da área não significa que ela carece de coerência teórica e metodológica, mas sim que ela comporta vários "olhares". (SOUZA, 2002, p.5)

Ou seja, apesar de serem levadas em consideração por diversas indústrias todas as políticas públicas de uma entidade, o engenheiro tem por obrigação questionar tais métodos, afinal a mesma possui uma sistematização que de fato abrange diversas problemáticas apontadas por uma unidade, mas que se analisadas caso a caso, são falhas. Isto implica diretamente em uma análise particular em cada setor que devem ser abordadas de modo humanizado e não sistematizado como é feito pelas indústrias.

Não obstante, “A empresa, em todo o mundo, sai-se melhor nas pesquisas quando cotejada com as confissões religiosas. Um dos fenômenos deste início de século e de milênio é a turbulência dos fiéis. Migração entre seitas, abandono do culto, adoção de um sincretismo de tonalidades múltiplas” (NALINI,2020,p.103). Portanto, verifica-se que tais comportamentos metodológicos

não só “respeitam” o rigoroso sistema, mas também seguem um padrão a fim de visar os seus lucros. Afinal, estas são adaptadas para persuadirem os seus consumidores assim como induzem os seus funcionários a adotarem determinados comportamentos. A salientar que:

As empresas, por conhecerem o mercado, são hábeis ao descobrir o anseio por ética. Sentem o clamor da população desiludida com o governo, desconfiada de toda atuação pública, a exigir compostura e retidão de conduta. Se conseguem preencher esse vácuo moral com atuação reconhecida pelos parceiros, agregarão ao valor intrínseco daquilo que produzem – bens ou serviços – um capital efetivo. Conseguem reputação. (NALINI, 2020, p.109)

Assim sendo, preocupada com sua receita e visando o prestígio de seu nome, as empresas possuem códigos de ética que apenas evidenciam a hierarquia empresarial. Desta forma, cabe ao engenheiro levantar questões a respeito de tais políticas, com base em sua experiência educacional, nos seus objetivos institucionais e da sua condição (do seu poder), fazendo-o uso de diversos elementos presentes nas inquietudes intrapessoais para com a sociedade, convencendo-se de que é possível trabalhar para que algo seja feito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista um mundo consumista, intolerante, preconceituoso, violento, em que não são respeitadas as individualidades, o mundo em que a tecnologia tem empreendido avanços em várias campos do conhecimento, mas que tem produzido, ódio, supremacia de classe social abastada, desintegração familiar, guerras, segregação de todas as formas: diferenciações etnoraciais, etarismo, aporofobia, xenofobia, etc. deve-se preparar engenheiros com sólida formação integral, não somente saber fazer, dominar técnicas. Este profissional precisa saber lidar com desafios que o mundo do trabalho apresenta recorrentemente. Novas formas de conhecimentos surgem, tendo uma visão holística sobre a profissão, sobre novos mercados, novas tecnologias, novos perfis de trabalhadores.

Hoje há sobreposição da formação para o trabalho em relação a formação humanística e o engenheiro precisa compreender a importância da interdependência dessas formações, ter uma formação multidisciplinar. Então a sociologia e a filosofia e os temas transversais do currículo, que inclusive está no PPC, do curso da Engenharia Química, oportunizarão o engenheiro a refletir sobre questões como: ética, habilidade comunicacional, autodefesa, criticidade e entre outros. Isto posto, depreende-se que a Filosofia e Sociologia podem alicerçar a formação dos engenheiros para enfrentar o multifacetado mundo do trabalho, a qual está acometida já no início do curso e se fazem de suma importância no cotidiano de uma indústria.

No fim das contas, o Engenheiro Químico deve estar atento não somente com as questões de sua empresa/indústria, mas também do cotidiano mundano, pois a área de atuação deste profissional

está imediatamente ligada a tecnologia, as transformações do mundo e a dinâmica de diversos processos. Logo, é nítido que a visão técnica e o lado humanizado de um engenheiro são elementos pelos quais se prezam nos dias atuais, podendo concluir que a filosofia e a sociologia agem como estimulante do crescimento interpessoal dos indivíduos.

Sendo assim, são verificadas que para tais crescentes dos ideais são instigadas, por meio da filosofia, para uma formação humanística, questionamentos pertinentes no dia a dia, mas que implicam diretamente na rotina de um engenheiro. Ainda, esta relação entre diversas áreas de estudos acrescem na formação individual e em uma qualificação profissional de altíssimo nível, afinal ao serem tomadas as vantagens e desvantagens de determinado assunto e amplas indagações feitas em tal, há o domínio desta temática.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras. Editora: Brasiliense, 1981.
- CASSIRER, Ernst. Antropologia Filosófica: Ensaio Sobre o Homem - Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- CREMASCO, Marco Aurélio. A Responsabilidade Social Na Formação De Engenheiros. Instituto Ethos de Empresa e Responsabilidade Social.(Org.). Responsabilidade social das empresas, v. 1, p. 17-42, 2009. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~rtkishi.dhs/TH045/TH045_02_Cremasco.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.
- CREMASCO, Marco Aurélio. Vale a pena estudar Engenharia Química. Editora Blucher, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=m9S0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=vale+apena+estudar+engenharia+quimica&ots=Mr5k-T-Nyy&sig=y7YDzlbV3n39HmUnT1oW00d5oRM#v=onepage&q=vale%20apena%20estudar%20engenharia%20quimica&f=false>. Acesso em: 17 jul. 2023
- IFRO. Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado em Engenharia Química, Campus Porto Velho Calama. Resolução nº xx/CEPEX/IFRO/20XX. Disponível em: https://virtual.ifro.edu.br/portovelhocalama/pluginfile.php/85079/mod_folder/content/0/PPCs%20dos%20Cursos%20Superiores/PPC%20Engenharia%20Qu%C3%ADmica%202022.pdf?forcedownload=1Acesso em 19 jul. 2023.
- MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irley. A filosofia: O que é? Para que serve?. Jorge Zahar Editor Ltda: 2011.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES 2/2019. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de abril de 2019. Resolução Nº 2, De 24 De Abril De 2019. Disponível em:<https://www.semesp.org.br/legislacao/resolucao-cne-ces-no-02-de-24-de-abril-de-2019/#:~:text=RESOLU%C3%87%C3%83O%20CNE%2FCES%20N%C2%BA%2002%2C%20DE%2024%20DE%20ABRIL,Curriculares%20Nacionais%20do%20Curso%20de%20Gradua%C3%A7%C3%A3o%20em%20Engenharia>. Acesso em: 19 jul. 2023
- NALINI, José Renato. Ética Geral e Profissional. Thomson Reuters Brasil, 2020.
- PENEDOS, Álvaro José dos. O pensamento político de Platão: da Apologia de Sócrates ao Ménon. 1977. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21412/2/indexobracompletapensamento000117732.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga. Vol. 1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus 2003.
- SOUZA, Celina. Políticas públicas: conceitos, tipologias e subáreas. Trabalho elaborado para a Fundação Luís Eduardo Magalhães. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3843/material/001-%20A-%20POLITICAS%20PUBLICAS.pdf>. Acesso

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE ENGENHEIROS QUÍMICOS: UMA BREVE ANÁLISE TEÓRICA¹

  10.56238/costssbernovasper-004

Willians Prestes de Almeida

Lattes: 0886134902005954

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama
E-mail: willians.prestes@estudante.ifro.edu.br

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

RESUMO

A formação de engenheiros químicos exige conhecimentos técnicos sólidos e habilidades críticas e criativas. A Filosofia da Educação questiona e fundamenta abordagens pedagógicas nesse contexto. Objetivando refletir sobre o papel da filosofia da educação e algumas das abordagens pedagógicas na formação de um engenheiro químico, realizou-se uma revisão teórica que concluiu o papel fundamental dessas abordagens ao moldar um profissional de engenharia química mais preparado e ético.

Palavras-chave: Filosofia, Educação, Engenharia química.

1 INTRODUÇÃO

A filosofia da educação consiste em um processo sistemático de compreensão e explanação de conceitos fundamentais vinculados à prática educativa. Trata-se de uma abordagem moderna que emprega a filosofia analítica como meio de explicar tais conceitos (CHAZAN, 2022, p. 5). A filosofia da educação é tanto uma atividade quanto um processo que sustenta e avalia eventos e atividades pedagógicas, abrangendo o que é ensinado, como é ensinado, quem é ensinado e o processo de ensino e aprendizagem, e envolve o propósito de aprender e a integração de experiências de ensino e aprendizagem (MWINZI, 2022, p. 117).

A Filosofia da Educação desempenha um papel essencial na formação de profissionais em diversas áreas, e a Engenharia Química não é exceção. Ela oferece um conjunto de perspectivas e abordagens filosóficas que podem ser aplicadas de forma enriquecedora no ensino e na formação de futuros engenheiros químicos. Ao refletir sobre a interseção entre a Filosofia da Educação e a Engenharia Química, é possível explorar como essas abordagens filosóficas podem moldar a forma

¹ Texto originalmente comunicado no I Encontro de Filosofia do IFRO realizado na cidade de Cacoal-RO de 16 a 17 de Agosto de 2023.

como os engenheiros químicos são educados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

As abordagens pedagógicas na educação, como o construtivismo, o pragmatismo, o humanismo e o pensamento crítico, oferecem diferentes perspectivas sobre como o conhecimento é adquirido, interpretado e aplicado. O construtivismo, por exemplo, enfatiza a construção ativa do conhecimento pelo estudante através da adequada interação entre professor e aluno (GAMEZ, 2013, p. 54), permitindo que os futuros engenheiros químicos apreendam através da experiência prática e resolução de problemas, desenvolvendo habilidades essenciais de análise e solução de desafios complexos.

O pragmatismo, por sua vez, incentiva a ligação direta entre teoria e prática, promovendo uma abordagem voltada para a resolução de problemas reais da Engenharia Química, visto que “pragmatismo” possui a mesma raiz de que “prática” (BAUM, 2019, p. 22). Isso pode ser aplicado através de projetos e estudos de caso, que permitem aos estudantes enfrentar situações práticas e desenvolver habilidades essenciais para sua futura atuação profissional.

O humanismo destaca a importância de considerar as necessidades individuais dos estudantes, reconhecendo suas habilidades, interesses e aspirações (GHIRALDELLI JR.; CASTRO, 2014, p.5). Ao aplicar essa abordagem na formação de engenheiros químicos, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado mais personalizado e motivador, incentivando os estudantes a explorar e se aprofundar em áreas específicas da Engenharia Química que mais os fascinem.

O pensamento crítico, por sua vez, é crucial na formação de engenheiros químicos que possam enfrentar os desafios complexos e em constante evolução da indústria química. Incentivar a reflexão crítica e o questionamento constante ajuda os estudantes a desenvolverem habilidades analíticas e a abordar problemas de maneira sistemática, avaliando possíveis soluções e suas consequências (CARRAHER, 1999, p. 124).

Dessa forma, é perceptível que a Filosofia da Educação desempenha um papel fundamental na formação de engenheiros químicos, permitindo a integração de diferentes abordagens pedagógicas para criar um ambiente de aprendizado mais eficaz e enriquecedor. Através da aplicação de abordagens construtivistas, pragmáticas, humanistas e do estímulo ao pensamento crítico, os futuros engenheiros químicos estarão melhor preparados para enfrentar os desafios da indústria, contribuindo para o avanço científico e tecnológico, bem como para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

O presente artigo visa justamente pensar reflexivamente sobre o papel da filosofia da educação e algumas das abordagens pedagógicas na formação de um engenheiro químico, a fim de ser um profissional não somente qualificado, mas eticamente comprometido e responsável em meio a sociedade.

Para isso, a presente pesquisa buscou fundamentos a partir da revisão de literatura sobre as orientações técnicas, filosóficas e epistemológicas como instrumento durante o desenvolvimento do profissional da Engenharia Química, onde foi adotada a abordagem dedutiva de conceitos na busca de fundamentos a partir da revisão de literatura existente sobre o assunto, utilizando a técnica de levantamento e análise documental.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que traz um tipo de investigação voltado para as características do fenômeno estudado considerando a sua parte subjetiva, se preocupando com aspectos do problema que não podem ser quantificados.

2 A FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO

Filosofia é uma palavra de origem grega que se relaciona ao amor e à busca pelo conhecimento e sabedoria. Ela pode ser aplicada em diversos campos do conhecimento, mas neste texto, seu foco está na educação. A Filosofia surge como uma contraposição ao pensamento mitológico, que explicava a realidade com elementos sobrenaturais. Com o tempo, as histórias mitológicas deixaram de satisfazer as inquietações humanas, pois as pessoas passaram a desejar compreender o mundo de forma racional.

Assim, a Filosofia surgiu como uma busca por desvendar os segredos do universo e explicar a realidade por meio da razão. Os primeiros filósofos, como os pré-socráticos, procuravam encontrar a "arché", ou seja, a origem ou princípio de todas as coisas (SPINELLI, 2002, p. 72). Encontrar o sentido das coisas e a motivação para a elaboração das atividades próprias da engenharia química também deve ser a busca dos estudantes no processo formativo. Também deve ser a meta lógica para aqueles egressos que já exercem suas atribuições.

Quando a filosofia é aplicada à educação, é possível perceber que o ser humano é inquieto em busca do saber e que constantemente busca explorar novos campos de conhecimento. Essa busca pela verdade permite uma contemplação atenta da realidade e a criação de espaços de reflexão e conteúdos para novas argumentações. Para isso, é necessário estar sensível e aberto aos sinais do tempo presente.

Segundo Paulo Ghiraldelli Jr (2006):

A filosofia da educação, por sua vez, se preocupa com a educação, levantando observações que os outros setores do campo educacional não acham pertinentes ou nos quais nem mesmo veem inteligibilidade. Podemos explicar isso considerando as separações entre o cientista, o religioso e o filósofo, tomando aqui o que cada um deles faz quando está envolvido com o ensino (GHIRALDELLI JR, 2006, p. 30).

A Filosofia da Educação é responsável por refletir de maneira mais profunda sobre questões educacionais. Sua perspectiva epistêmica e ontológica possibilita uma nova compreensão de que a

educação deve passar por um processo transformador, pois sua essência é a própria transformação. Uma educação que não cumpra esse papel acaba sendo apenas manipulada pela política e grupos com interesses particulares, e não alcança seu pleno significado na sociedade. Significado este que consiste na transformação da sociedade em um lugar melhor por via da própria educação.

A Filosofia da Educação desempenha um papel crucial na formação de profissionais em diversas áreas, incluindo a Engenharia Química. Suas perspectivas e abordagens filosóficas podem enriquecer o ensino e a formação de futuros engenheiros químicos. Ao considerarmos a relação entre a Filosofia da Educação e a Engenharia Química, podemos explorar como essas abordagens filosóficas influenciam a educação e preparação dos engenheiros químicos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

3 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DO CONSTRUTIVISMO

O Construtivismo, no contexto educacional, implica que a construção do conhecimento é um processo ativo que resulta da interação adequada entre professor e aluno. Essa abordagem teórica é fundamentada em certos conceitos sobre a natureza da aprendizagem, ou seja, como nós adquirimos conhecimento. Seu objetivo é explicar o desenvolvimento da inteligência humana, partindo da premissa de que esse desenvolvimento é influenciado pelas interações recíprocas entre o indivíduo e o ambiente ao seu redor (GAMEZ, 2013, p. 52).

Essa abordagem busca desenvolver uma epistemologia que difere da ideia de um mundo preestabelecido, enviando informações ao observador para conhecer a realidade. Em vez disso, parte do pressuposto de que é o observador que constrói ou inventa a realidade por meio de experiências. Os conhecimentos não são cópias da realidade, mas sim representações construídas por nós.

O construtivismo não nega a existência de um mundo externo, mas considera que nossa convivência com ele é mediada por experiências. A partir dessas experiências, buscamos estabelecer regularidades e fazer previsões para novas situações possíveis. Experiências malsucedidas nos mostram as limitações, enquanto as bem-sucedidas nos permitem criar uma representação viável do mundo (MORETTO, 1999).

O conhecimento, nesse contexto, possui uma função adaptativa. Construimos nosso conhecimento para sobreviver em um mundo cheio de limitações às quais nos adaptamos. Assim, o conhecimento é resultado de experimentos que nos permitem construir uma nova realidade, que passa a ser o mundo de nossas experiências e a única realidade acessível por meio do conhecimento.

A abordagem construtivista exerce uma influência significativa na formação de um engenheiro químico, proporcionando uma perspectiva educacional fundamentada na construção ativa do conhecimento pelo estudante. Nessa abordagem, o aprendizado é visto como um processo

individual e social, onde o aluno é incentivado a construir seus próprios conceitos e compreensão a partir de suas experiências prévias e interações com o ambiente acadêmico. Ao passo que o discente exerce o protagonismo de sua própria educação ela se torna mais significativa porque justamente faz sentido porque parte de sua realidade.

No contexto da engenharia química, o construtivismo promove uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Ao invés de apenas transmitir informações prontas, os estudantes são instigados a investigar problemas reais, desenvolver projetos práticos e buscar soluções inovadoras. Essa abordagem encoraja a autonomia, a curiosidade e o pensamento crítico, aspectos essenciais para o engenheiro químico enfrentar os desafios complexos da indústria e da pesquisa.

Além disso, o construtivismo enfatiza a importância do trabalho em equipe e da troca de conhecimentos entre os estudantes, estimulando a colaboração e a comunicação efetiva, habilidades fundamentais para o sucesso na carreira de um engenheiro químico.

Ao aplicar o construtivismo na formação de engenheiros químicos, as instituições de ensino contribuem para o desenvolvimento de profissionais mais críticos, criativos e preparados para enfrentar os avanços tecnológicos e as demandas do mercado atual. Essa abordagem permite que os futuros engenheiros não apenas acumulem informações, mas que construam conhecimento sólido, flexível e adaptável, tornando-se profissionais versáteis e capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade e para o avanço da ciência e da tecnologia no campo da Engenharia Química.

4 O PRAGMATISMO E A CONEXÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

O Pragmatismo é uma visão filosófica desenvolvida nos Estados Unidos, especialmente por Charles Peirce e William James, no final do século XIX e início do século XX. Essa abordagem enfatiza que o poder da investigação científica não está tanto em descobrir a verdade sobre o funcionamento objetivo do universo, mas sim no que essa investigação nos permite fazer (BAUM, 2019, p. 22).

Em essência, o pragmatismo destaca a capacidade da ciência de dar sentido às nossas experiências. Por exemplo, ao invés de atribuir a chuva a um Deus misterioso, a ciência explica que ela ocorre devido ao vapor d'água e às condições atmosféricas. Através da ciência, nossa experiência se torna compreensível e ganhamos uma perspectiva mais fundamentada e racional sobre os eventos ao nosso redor.

William James (1975) apresentou o pragmatismo com um duplo aspecto: como um método para resolver controvérsias e como uma teoria da verdade. Esse enfoque pragmático é especialmente útil em questões que parecem levar a discussões intermináveis, sem uma resolução satisfatória:

O mundo é único ou múltiplo? Predestinado ou livre? Material ou espiritual? Essas são noções que podem ou não manter o bem do mundo; e as controvérsias sobre tais noções são infundáveis. O método pragmático nesses casos é tentar interpretar cada noção identificando suas respectivas consequências práticas. Que diferença faria em termos práticos a qualquer pessoa se essa, e não aquela, noção fosse verdadeira? Se nenhuma diferença prática puder ser identificada, as alternativas significam praticamente a mesma coisa, toda controvérsia é inútil. Sempre que uma controvérsia é séria, devemos ser capazes de mostrar alguma diferença prática que deve decorrer de um lado ou de outro estar certo (JAMES, 1975, p. 42-43).

A abordagem Pragmatista tem um papel relevante na formação do engenheiro químico, pois enfoca a aplicação prática do conhecimento e a resolução de problemas reais, valorizando a conexão entre teoria e prática, prepara os estudantes para enfrentar os desafios da indústria e pesquisa no campo da Engenharia Química.

No processo de formação do engenheiro químico, essa abordagem promove o envolvimento ativo dos estudantes em projetos e atividades que simulam situações reais de trabalho. Em vez de se limitarem a aprender conceitos isolados, os alunos são incentivados a integrar o conhecimento teórico com a experiência prática, desenvolvendo habilidades cruciais para resolver problemas complexos e tomar decisões fundamentadas.

Essa abordagem permite que os futuros engenheiros químicos testem hipóteses, avaliem resultados e realizem ajustes em suas abordagens, tornando-se profissionais mais flexíveis e adaptáveis diante das demandas do mercado e das rápidas mudanças tecnológicas, enfatizado pela relevância da experimentação e da investigação empírica como elementos essenciais do processo de aprendizagem.

A abordagem pragmatista também promove o desenvolvimento de habilidades de comunicação e colaboração, já que a interação com colegas, professores e profissionais da área é valorizada para a construção conjunta de conhecimento e para a troca de ideias e experiências.

Assim, incorporando o pragmatismo na formação de engenheiros químicos, se cria um cenário favorável para o desenvolvimento de profissionais capacitados a resolver problemas reais com criatividade e eficiência. Essa abordagem enfatiza a importância do aprendizado para a prática profissional, capacitando os estudantes a se tornarem engenheiros químicos comprometidos com a busca de soluções viáveis e impactantes para os desafios enfrentados pela sociedade e pela indústria.

5 O PENSAMENTO SUSTENTÁVEL POR MEIO DA ABORDAGEM HUMANISTA

A abordagem humanista é uma perspectiva educacional e psicológica que enfatiza o desenvolvimento integral do ser humano, colocando o indivíduo no centro do processo de aprendizagem e valoriza sua autonomia, criatividade, autoconhecimento e autorrealização. Nela, a educação busca promover o crescimento pessoal, o respeito pelas diferenças individuais, a

valorização das experiências subjetivas e a busca por significado e propósito na vida (CASTAMAN; TOMMASINI, 2020, p. 2).

Além disso, essa abordagem valoriza a relação entre professor e aluno, encorajando um ambiente de aprendizagem empático, acolhedor e colaborativo. Essa perspectiva visa não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o emocional, social e espiritual do indivíduo, com o objetivo de formar pessoas mais conscientes, autônomas e realizadas.

No contexto da formação de um engenheiro químico, abordagem humanista desempenha um papel significativo, colocando o indivíduo no centro do processo educacional e valorizando o desenvolvimento integral de suas habilidades e potencialidades. Essa abordagem enfatiza a importância do autoconhecimento, da autoestima e do respeito ao ser humano como parte essencial do aprendizado.

A abordagem humanista busca criar um ambiente educacional acolhedor, que estimule a motivação intrínseca dos estudantes para o estudo da engenharia química. O foco não está apenas no conteúdo técnico, mas também no desenvolvimento pessoal e emocional dos futuros profissionais. Acredita-se que um engenheiro químico mais consciente de si mesmo e de suas motivações terá maior capacidade de tomar decisões éticas e responsáveis em sua carreira.

Também se destaca a importância da empatia e da comunicação na formação do engenheiro químico, com a capacidade de compreender as necessidades e perspectivas dos outros é valorizada para o trabalho em equipe e para a interação com colegas e clientes. Isso contribui para a formação de profissionais mais sensíveis às questões sociais e ambientais, buscando soluções que beneficiem a comunidade e o meio ambiente.

Ao considerar essa abordagem na engenharia química em relação ao meio ambiente, os profissionais são incentivados a refletir sobre o impacto de suas atividades na natureza e na comunidade. Isso envolve a conscientização sobre o uso responsável de recursos naturais, a redução de resíduos e a minimização das emissões de poluentes. Além disso, a abordagem humanista incentiva a busca por alternativas sustentáveis e processos mais limpos que contribuam para a preservação do ecossistema.

A preocupação humanista com o meio ambiente na engenharia química também se estende para o desenvolvimento de produtos e tecnologias que sejam seguros para a saúde humana e não causem danos significativos ao ambiente. A ética profissional é valorizada para garantir que as decisões tomadas pelos engenheiros químicos considerem os impactos sociais e ambientais a longo prazo.

Há ainda o estímulo da criatividade e da autonomia dos estudantes, encorajando-os a explorar diferentes abordagens e soluções para os problemas da engenharia química. Valoriza-se o

aprendizado como um processo contínuo de descoberta e crescimento pessoal, em que os estudantes são incentivados a questionar, refletir e buscar respostas por si mesmos.

Em suma, a abordagem humanista na engenharia química incentiva uma atuação consciente, ética e responsável dos profissionais em relação ao meio ambiente. Ao adotar essa perspectiva, os engenheiros químicos se tornam agentes de mudança que buscam soluções inovadoras e sustentáveis para os desafios ambientais da atualidade, contribuindo para um futuro mais equilibrado e harmonioso entre a tecnologia e a natureza, promovendo valores humanos e sociais essenciais para a construção de um mundo mais justo e sustentável.

6 A TRANSFORMAÇÃO PELA PEDAGOGIA CRÍTICA

David William Carragher (1999, p. 19) define que um indivíduo dotado de senso crítico é capaz de analisar e discutir os problemas e situações de forma inteligente e racional, sem aceitar automaticamente suas opiniões pré-concebidas ou opiniões alheias.

Considerando um contexto mais amplo, o pensador crítico faz parte do mecanismo que permite compreender melhor o mundo, se colocando diante dele e contribuindo para a revisão dos conhecimentos, e isso inclui o contexto tanto acadêmico de preparação do indivíduo para a profissão quanto o profissional com o indivíduo já atuante.

Quando se trata da vivência acadêmica, onde o futuro profissional adquire conhecimentos e técnicas sobre a área escolhida para trilhar, o pensamento crítico se aplica na reflexão sobre os conteúdos ministrados, onde o aluno é capaz de ser mais ativo na sua posição receptor do conhecimento, diferente daquele que não questiona as ideias básicas e apenas assimila e memoriza respostas corretas.

Assumindo uma postura mais crítica, a pessoa assume também a posição de criador de conhecimento, esclarecendo dúvidas a partir das suas buscas que o levam a estudar mais a fundo as evidências, partindo de uma posição humilde em relação ao seu conhecimento (MARQUES; FRAGAS, 2021, p. 5).

A pedagogia crítica desempenha um papel transformador e impactante na formação de um engenheiro químico, ao trazer uma abordagem educacional que vai além da mera transmissão de conhecimentos técnicos. Essa perspectiva coloca o estudante como protagonista de seu próprio aprendizado, estimulando o pensamento crítico, a consciência social e a reflexão sobre as questões éticas e ambientais envolvidas na prática da engenharia química.

Na formação do engenheiro químico, a pedagogia crítica vai buscar estabelecer uma conexão significativa entre os conteúdos teóricos e a realidade prática. Os estudantes são incentivados a

questionar as estruturas sociais, as implicações de suas ações profissionais e a buscar soluções que promovam a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

Através dessa abordagem, os futuros engenheiros químicos são encorajados a entenderem-se como agentes de mudança na sociedade. Eles são instigados a considerar não apenas a eficiência dos processos industriais, mas também os impactos dessas atividades no meio ambiente e na qualidade de vida das comunidades envolvidas.

A pedagogia crítica também enfatiza a importância do trabalho em equipe, da colaboração e da valorização das diversas perspectivas dos estudantes. Isso cria um ambiente de aprendizado inclusivo, em que as vozes de todos são ouvidas e respeitadas, enriquecendo a formação do engenheiro químico com diferentes ideias e abordagens.

Além disso, é despertada nos futuros engenheiros uma consciência sobre os desafios éticos e sociais que podem surgir em suas carreiras. Isso os prepara para enfrentar dilemas complexos com responsabilidade e sensibilidade, buscando tomar decisões que sejam socialmente justas e sustentáveis.

O profissional que teve uma base de conhecimentos construída sob a visão crítica vai ser capaz de exercer o seu papel de maneira mais consciente, uma vez que o seu conhecimento sobre as técnicas não é enraizado, podendo ser mudados se for vista uma alternativa melhor à anterior, coisa que não seria possível partindo de um profissional moldado ao estilo da máquina de produção em série, repetindo o que foi recebido na sua formação acadêmica.

Assim, a pedagogia crítica influencia a formação do engenheiro químico ao capacitá-lo para uma prática profissional mais consciente, ética e transformadora. Ao ter essa abordagem incluída na sua formação, os engenheiros químicos são incentivados a serem cidadãos engajados, capazes de utilizar seu conhecimento técnico para promover mudanças positivas na sociedade e no meio ambiente, tornando-se verdadeiros agentes de progresso e bem-estar coletivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseção entre a Filosofia da Educação e a Engenharia Química revela a importância da incorporação de diferentes abordagens pedagógicas na formação de futuros engenheiros químicos. O construtivismo, pragmatismo, humanismo e pensamento crítico oferecem perspectivas valiosas para enriquecer o processo educativo, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades analíticas, solucionem problemas complexos e considerem aspectos éticos e sociais em sua atuação profissional. Tais elementos são indispensáveis em um mundo que passa por transformações e que requer respostas sóbrias para questões pontuais como é o caso do desenvolvimento sustentável.

Ao aplicar essas abordagens filosóficas, os engenheiros químicos estarão se preparando para enfrentar os desafios dinâmicos do mundo contemporâneo, contribuindo para o progresso científico e tecnológico, bem como para o bem-estar da sociedade em busca de soluções sustentáveis. Portanto, pode-se concluir que a Filosofia da Educação desempenha um papel essencial ao moldar uma formação mais completa e eficaz dos profissionais da Engenharia Química.

REFERÊNCIAS

- BAUM, William M. Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- CARRAHER, David William. Senso crítico: dia-a-dia às ciências humanas. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- CASTAMAN, Ana Sara; TOMMASINI, Angélica. Abordagem humanista: considerações sobre uma escola de ensino fundamental. *Revista Cocar*, vol. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3481>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- CHAZAN, Barry. What Is “Philosophy of Education”? *In: Principles and Pedagogies in Jewish Education*. Alemanha, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-83925-3_2. Acesso em: 25 jul. 2023.
- GAMEZ, Luciano. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Ática, 2006.
- GHIRALDELLI JR, Paulo; CASTRO, Susana de. *A Nova Filosofia da Educação*. Barueri: Editora Manole, 2014.
- JAMES, William. *Pragmatism and four essays from The meaning of truth*. New York: New American Library, 1975.
- MARQUES, Ronualdo; FRAGUAS, Talita. A Formação Do Senso Crítico No Processo De Ensino E Aprendizagem Como Forma De Superação Do Senso Comum. *Research, Society and Development*, vol. 10, n. 7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16655>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- MORETTO, Vasco Pedro. *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MWINZI, Joseph Munyoki. Injecting New Perspective, Meaning and Relevance into the Philosophy of Education. *International Dialogues on Education Journal*, vol. 7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.53308/ide.v7i2.41>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- SPINELLI, Miguel. A noção de arché no contexto da Filosofia dos Pré-Socráticos. *Hypnos*, vol. 8, 2002. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/124>. Acesso em: 29 jul. 2023.

POR UMA DECOLONIZAÇÃO EPISTÊMICO-LITERÁRIA: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA¹

  10.56238/costssbernovasper-005

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

Leno Francisco Danner

Lattes: 1932068015929218

ORCID: 0000-0002-2332-3182

Doutor em Filosofia (PUCRS)

Professor de teoria política contemporânea no Departamento de Filosofia e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar a importância do ensino decolonizador da literatura indígena brasileira contemporânea na difusão e defesa das culturas originárias marcadas pela base epistêmico-ancestral da tradição oral. A passagem da oralidade para a literatura, feita por escritores indígenas, revela voz-práxis-política em defesa das culturas originárias, na preservação das tradições, na proteção da natureza e na preocupação com a possibilidade de aniquilamento da humanidade pela falta de cuidado com o meio ambiente. A metodologia é pesquisa teórica apoiada na leitura e análise das obras de autores indígenas como: Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015), conta ainda com o estudo do pesquisador: Leno Francisco Danner (2020). Conclui-se que os ensinamentos da tradição oral encontram espaço na literatura atualizando e disseminando seus saberes produzindo engajamento social, visando transformação de corações e mentes proporcionado pela fixação da palavra falada e escrita na sociedade brasileira contemporânea sobre as questões indígenas.

Palavras-chave: Decolonização, Ensino, Literatura, Indígena, Contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de milênios a humanidade foi responsável por criar, desenvolver e aprimorar a escrita para preservar seus saberes, compartilhá-los com os demais e levar informações aonde quer que existam interessados. Essa mesma técnica foi utilizada para fazer registros de suas comunicações divinas e contar histórias baseadas ou não em fatos reais. Não importa qual o conteúdo a palavra escrita permite o registro de uma época e sua leitura produz ou não influências por sobre as pessoas.

É de conhecimento que os povos originários brasileiros possuem uma tradição oral, ou seja, não foi desenvolvido por estes coletivos a escrita propriamente dita. No entanto, sua sabedoria,

¹ Texto originalmente comunicado e publicado nos ANAIS do 13º Seminário do Grupo de Pesquisa Literatura e Vida: Ações Criadoras e Reflexões sobre a Pandemia de 16 a 19 de Novembro de 2022.

ensinamentos, tradições e tantos outros elementos constitutivos para a cultura destes povos foi preservada nos vastos espaços da memória dos povos originários. Lá eles preservam sua reserva de sentido e transmitem às gerações seguintes mantendo viva toda gama de ensinamentos que dão sentido às suas existências.

Com o fenômeno da modernidade esses saberes foram ocultados e negligenciados porque basicamente não atendiam às demandas hegemônicas de um modelo de pensamento que em sua pretensão de universalidade visa se sobrepôr aos demais conhecimentos tidos como provenientes de culturas selvagens e inferiores. Esse *modus operandi* fica explícito sobretudo no período das grandes navegações quando os europeus começam a avançar para os vastos oceanos à procura de riquezas, aventuras e glórias ainda em vida. Com eles e suas tecnologias também levaram seu orgulho nacionalista e seu sentimento de superioridade que ao se deparar com os povos originários de várias partes do mundo, e aqui em nosso recorte das populações indígenas brasileiras, gerou conflitos epistêmicos.

Suas histórias, sua religião, sua medicina, sua filosofia passa a ter outros contornos aos olhos dos europeus no sentido de que não passam de mitologia, de histórias fantasiosas e de toda sorte de credices não testadas empiricamente. Esse descrédito para com esses ensinamentos antigos gerou mais desconfiança do que propriamente admiração e interesse em compartilhar saberes. Seus efeitos estão profundamente enraizados em nossa cultura que caminha a passos lentos, mas continua caminhando, em busca de aprofundamento nestes saberes outros.

Com o advento do Movimento Indígena brasileiro na segunda metade do século XX fica evidente uma mudança de postura dos povos originários que em busca pela defesa de seus interesses e muitas vezes de seu direito à vida mesmo, se unem para lutar por suas existências. Com esse movimento trouxe para a sociedade um coletivo de vozes que até então eram desconhecidas. Pairava ainda uma mentalidade romântica do século XVI de indígenas como sendo bons ou maus selvagens a depender do contexto. Essa mentalidade retrógrada aos poucos vai perdendo espaço e cedendo lugar a uma compreensão mais humana, filosófica e profunda do ser humano indígena.

Pois bem, com esse movimento se desencadeou o desenvolvimento de uma consciência crítica e profunda que agora vemos sistematizada a partir das obras dos autores indígenas brasileiros contemporâneos. Suas obras resultam de suas experiências existenciais e que agora por via da palavra escrita são sistematizadas podem agora se manifestar em outros espaços ampliando assim seus horizontes de atuação.

Em relação ao estado da arte, nota-se um crescimento da produção bibliográfica-intelectual indígena brasileira contemporânea. Autores prolíficos como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Kaká Werá Jecupé (só para citar alguns) estão despontando como grandes nomes da

produção literária intelectual brasileira. Além destes autores indígenas, podemos citar ainda intelectuais acadêmicos como o Prof. Dr. Leno Francisco Danner da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e o Prof. Dr. Marco Antonio Valentim da Universidade Federal do Paraná/UFPR que através de seus estudos têm demonstrando a atualidade, pertinência, profundidade, beleza e riqueza destas tradições ancestrais para a sociedade de um modo geral e também para a filosofia.

Este artigo é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO *Campus* Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital Nº 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

2 O PENSAMENTO REFLEXIVO LITERÁRIO INDÍGENA

É difícil abarcar com palavras a profundidade que emana da literatura indígena, mas é possível analisar e destacar algumas que certamente podem passar despercebidas a um olhar incauto. Neste sentido destacamos cinco principais características da literatura indígena brasileira contemporânea.

A primeira característica que se pode destacar em relação à literatura indígena brasileira contemporânea é a sua voz-práxis. Este é um conceito abordado nos escritos dos professores da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) Leno Francisco Danner, Fernando Danner e por Julie Dorrico Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Aqui, por meio da voz-práxis estético-literária, o eu-nós lírico-político adquire carnalidade e vinculação, isto é, a própria vítima, ligada a uma comunidade político-cultural, dela dependente e afirmadora, fala e age em primeira pessoa, sem mediações científicas e representações institucionalistas, condição fundamental da crítica social e da emancipação política (DANNER, F; DANNER, L. 2020, p. 209).

Esse conceito é importante porque ele traduz um movimento muito peculiar que ocorre com a literatura indígena brasileira contemporânea. Esse momento é percebido na perspectiva de uma literatura comprometida com a luta pelos direitos dos povos indígenas brasileiros. Não se trata apenas de uma criação literária, mas sim de uma produção que desperta engajamento, sua epistemologia leva

seus leitores a refletir mais profundamente sobre as mais variadas questões sociais, sobretudo, no campo das artes, do cuidado com o meio ambiente e no sentido de respeito e valorização das tradições dos povos originários.

A voz-práxis literária indígena permite a todo aquele que se utilizar de seus saberes ali expostos um aprofundamento sobre o que de fato é a cultura dos povos originários brasileiros. Porque uma coisa é o que durante muito tempo as nossas instituições educacionais, especialistas e tantos outros que disseram que os povos indígenas eram, outra coisa bem diferente é a concepção própria de ser indígena que estes povos têm de si mesmos.

A descolonização africana e o pensamento indígena brasileiro apontam exatamente para a Europa, sob a forma da tríade eurocentrismo-colonialismo-racismo e/ou fascismo, enquanto a plataforma e a dinâmica desde as quais os povos negros e indígenas ou foram submetidos a uma situação de instrumentalização e de etnocídio planejados, ou simplesmente foram encerrados nas cadeias da raça, imobilizados, ossificados e travados no espaço e no tempo históricos, tendo negadas suas formas de ser e estar no fundo e sendo impedidos de experienciar-se como seres humanos. (DANNER, F; DANNER, L. 2021, 187).

Através de seus escritos surge uma segunda característica ligada a primeira que é o senso identitário. Esse senso identitário se manifesta na forma mesma que os autores indígenas se identificam nas suas obras: Ailton Krenak se chama assim porque pertence ao povo Krenak, da mesma forma Daniel Munduruku, Álvaro Tukano e tantos outros que poderíamos citar. Esse fato é importante porque apresenta um outro horizonte que transcende a falácia generalista que existe e que coloca e classifica todos os povos indígenas com a alcunha de índio. Podemos então concordar com Ailton Krenak quando afirma que:

E o outro desconforto era me identificar como índio, porque índio é um erro de português, plagiando Oswald, que disse que, quando o português chegou no Brasil, estava uma baita chuva, aí ele vestiu o índio, mas, se estivesse num dia de sol, o índio teria vestido o português, e estaria todo mundo andando pelado por aí. Isso continua valendo até hoje, e eu atualizei dizendo que o índio é um equívoco do português, não um erro, porque o português saiu para ir para a Índia. Mas ele perdeu a pista e veio bater aqui nas terras tropicais de Pindorama, viu os transeuntes da praia e acabou carimbando de índios. *Aquele carimbo errado, equívoco, ficou valendo para o resto das nossas relações até hoje*, e a resposta para uma pergunta tão direta e simples poderia ser tão direta e simples quanto. Quando foi que eu atinei que eu tinha que fazer essas coisas que ando fazendo nos últimos 50 anos da minha vida, que é quase que repetir o mesmo mantra, dizendo para esse outro: ‘ô, cara, essa figura que você está vendo no espelho não sou eu não, é você, esse espelhinho que você está me vendendo não sou eu, isso é um equívoco!’? E saí do sentimento para a prática na pista dos meus parentes mais velhos do que eu, que estavam sendo despachados da zona rural para as periferias miseráveis do Brasil, o que acontece em qualquer canto, no Norte, no Sul, em qualquer lugar. (KRENAK, 2015, p. 239).

Ailton Krenak esboça em sua fala as marcas profundas que um modo de pensar que até então considerado superior ficou impregnado nos corações e mentes de nossa sociedade. Essa capacidade de refletir sobre a própria existência e papel social não é uma exclusividade somente da literatura de

Ailton Krenak, outros autores indígenas também têm debatido estas questões existenciais. O ser, a essência, a existência desses povos são temas abordados por via de uma poética singular oriunda do pensamento indígena. Sua ligação com o cosmos permite este olhar cuidadoso e despretensioso por sobre a realidade. Ailton expõe de forma cômica uma tragédia clássica que é a perda de identidade que os povos originários foram submetidos ao longo do tempo. A cada rótulo é um passo dado mais distante da compreensão real de quem verdadeiramente são estes povos. Faz-se então necessária uma mudança de paradigmas que permita uma aproximação mais do que física, mas epistêmica mesmo destes saberes ancestrais presentes nas culturas originárias.

A literatura indígena mostra essa capacidade que seus autores têm de pensar e refletir sobre suas próprias condições de seres humanos numa conjuntura social temporal e atemporal na medida em que lida também com aspectos transcendentais relativos às expressões religiosas e filosóficas.

3 A LITERATURA INDÍGENA COMO ESPAÇO DIALÓGICO-FILOSÓFICO

A literatura tornou-se palco de variados espaços de compartilhamento de saberes. Na verdade, nota-se que grupos minoritários e dentre eles os povos indígenas têm se apropriado para de fato requerer o que é de direito. A linguagem torna-se um espaço rico de troca de saberes que na sua extensão revela outros brasis dentro de nosso Brasil. A riqueza dessa variedade de culturas revela uma fonte importante de saberes que podem ser explorados enriquecendo a sociedade.

A riqueza cultural está na sua variedade de formas e como elas se comunicam no espaço e no tempo. A figura romântica do Índio como sendo aquele ser habitante das matas e que não é dado ao trabalho ou que não é capaz de adquirir uma cultura mais ampla do que a sua mesmo essa concepção deve permanecer no passado porque atesta nossa ingenuidade perante a grandeza que é a vida indígena em toda a sua extensão. Pois bem, neste espaço literário é que se encontra um terreno fértil para a superação de antigos mitos e o desenvolvimento de uma consciência crítica mais profunda sobre a mesma temática. No campo das ideias lutas vêm sendo travadas para assegurar os direitos dos povos indígenas, suas identidades de seres humanos e suas culturas também vem sendo potencializadas. Demarcados esses espaços as reservas indígenas de ideias produzem saberes, trazem informação, compartilham perspectivas para atitudes práticas que possibilitam a transformação não somente de si mesmos, mas de toda a sociedade.

Pensar a realidade a partir da ótica indígena permite um descentramento epistêmico muito importante na medida em que são valorizados os saberes filosóficos dos povos originários. Sua concepção de mundo e de ser humano são indispensáveis para cultivar o respeito ético não somente entre seres humanos, mas também em relação aos demais seres da criação. Essa ótica diversificada não é exclusiva de apenas uma etnia, mas cada povo em sua concepção de mundo e de ser humano

presta o grande serviço de trazer aos palcos da reflexão os sinais de alerta para o cuidado e o respeito que todos merecem.

Essa voz que brota das florestas e que é encarnada em papel ou nos mais variados dispositivos de comunicação social tem conduzido a atenção para situações que carecem de atenção como questões ambientais, raciais, de gênero e até mesmo de ideologia.

Com base na sua tradição comunitária, o indígena pode de modo aberto argumentar publicamente em torno ao sentido metafísico, normativo e político da terra, da natureza, do humano, inclusive apontar para a existência da diversidade paradigmática que constitui e que perpassa nossas interpretações sobre nosso lugar no mundo e frente aos outros e sobre o modo como podemos abordá-los, relacionarmo-nos com eles (DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 251).

Esse aspecto tem sua importância para pensar a realidade que em constante transformação tem despertado dilemas éticos profundos. A cada tempo, a cada geração novas questões surgem e se faz necessário pensar em respostas adequadas para que de fato uma transformação aconteça. Neste sentido os povos originários tem muito a nos ensinar pela sua capacidade de olhar com profundidade e expor seus saberes. Mas isso não foi algo tão fácil ou que tenha acontecido da noite para o dia.

Desde os anos setenta os povos originários em nosso país vêm se organizando de diferentes formas e buscando reconhecimento para que possam seguir suas vidas com dignidade. Uma luta que vem se transformando e se aprimorando de forma peculiar para levar seus saberes a estes novos espaços. Essa transformação é importante para ter uma linguagem sempre atualizada com o contexto histórico que se pretende inserir. Numa linguagem digital as jovens gerações de indígenas têm se manifestado com destreza na condução de temáticas sobre a identidade dos indígenas no século XXI e os problemas por eles enfrentados. As novas gerações se colocam não como distantes e alheias aos meios de comunicação, mas fazem uso destes espaços para contribuir deixando sua marca própria. O receio de que as culturas originárias estariam ameaçadas pela influência da tecnologia provou-se em parte um equívoco já que estes jovens indígenas têm mostrado sua força na condução das temáticas como verdadeiros representantes de seu povo.

Essa dinâmica empreendida pela juventude dos povos originários é importante para se impor diante de uma mentalidade eurocêntrica que desconsidera os saberes outros provenientes de espaços que não fazem parte de um contexto normativo eurocêntrico.

[...] negros e indígenas não têm nenhum lugar e não desempenham nenhum papel na constituição de um discurso filosófico-sociológico-antropológico da modernidade europeia por si mesma e desde si mesma, e a razão para isso aparece-nos muito clara nos textos dos autores acima referidos, a saber: a assunção do dualismo antropológico entre modernidade e o outro da modernidade. A modernidade é entendida como racionalização e, portanto, como sociedade-cultura-consciência pós-tradicional, não-etnocêntrica e não-egocêntrica; o outro da modernidade (todos os outros da modernidade), como mitologia e, assim, como

tradicionalismo em geral, contextualista, dogmático e fundamentalista (DANNER, F; DANNER, L. 2021, p. 156-157).

Essa concepção moderna que desconsidera a possibilidade de contributo de outros povos na constituição de saberes racionais prova-se infundada perante a atitude, como já mencionada, dos povos originários no engajamento constante nos mais diversos meios de comunicação e dentre eles a literatura como forma de expor seus saberes e opiniões. Como então não poderiam estes seres humanos contribuir racionalmente na constituição dos saberes se estão conectados e produzindo saberes.

A subalternização destes saberes empobrece a compreensão de mundo que tenderia naturalmente a ser muito mais rica se fosse considerada. A modernidade que se propunha como chave para resolver os dilemas da humanidade na verdade provou-se insuficiente e neste sentido fracassou em seu propósito sobretudo no contato com os povos originários que relativamente se posicionaram diante da exploração operada pelos colonizadores. Seu protagonismo tem sido essencial para a derrocada do imperialismo cognitivo que se propunha como legitimador e fonte dos saberes e sobretudo, a superação de uma concepção antropológica que concebe os povos originários como apenas condição pré-moderna do ser humano. Mas este não é um discurso do século passado, mas sim, algo atual que é esboçado largamente na obra de um dos filósofos da segunda geração da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas:

Para entender o significado dessa pretensão de universalidade, recomenda-se fazer uma comparação com a compreensão de mundo mítica. Em sociedades arcaicas, os mitos cumprem de maneira exemplar a função unificadora própria às imagens do mundo. Ao mesmo tempo, no âmbito das tradições culturais a que temos acesso, eles proporcionam o maior contraste em relação à compreensão de mundo dominante em sociedades modernas. Imagens de mundo míticas estão muito longe de nos possibilitar orientações racionais para a ação, no sentido que as entendemos. No que diz respeito às condições de condução racional da vida no sentido anteriormente apontado constituem até mesmo uma contraposição à compreensão de mundo moderno. (HABERMAS, 2012, p. 94).

Claramente o pensamento do filósofo se direciona a este aspecto contundente de que existem critérios legitimadores segundo a perspectiva do que se considera como forma e fonte de saber e que povos que vivem em uma perspectiva diferente ainda não podem acessar diretamente devido a suposta fragilidade de sua condição. Sua condição existencial é apenas de mero contraponto do que realmente é desejável segundo a concepção moderna que se mostra superior em detrimento dessa negatividade que são os saberes dos povos originários considerados como formas míticas de concepção de mundo. Nestes termos é colocada uma barreira intransponível de critérios para que os saberes originários possam vir a superar e assim serem dignos de serem considerados de fato como um saber legitimado. Mas essa ótica é falha à medida que percebemos que no contexto dos povos originários existe todo

um corpo de preceitos e perspectivas próprias que asseguram a estes povos sua própria interpretação de mundo e sua reflexão sobre o mesmo. Reconhecer estes saberes demanda uma dinâmica de entendimento e humildade epistêmica perante saberes outros que não pertencem àquela realidade científica que foi ao longo de séculos desenvolvida na europa.

Em se tratando de reconhecimento de outros saberes, pensemos por exemplo no que se refere ao campo da filosofia. Desenvolvida na europa este modelo de busca pela sabedoria ao longo de milênios desde os gregos se mostrou fértil em sua consistência de sistemas filosóficos como os personalistas, existencialistas ou escapando um pouco das europa e caminhando para os Estados Unidos o sistema pragmatista. Mas pode-se afirmar que de fato a filosofia tem suas raízes bem profundas na busca pela sabedoria e foi ainda mais influenciada pela presença do cristianismo que afirma conhecer a verdade absoluta que é o próprio Jesus de Nazaré. Pode-se concordar com o Enrique Dussel (1993) ao fazer um balanço geral de seus estudos referentes à influência dos processos coloniais:

Tudo o que foi dito é apenas uma introdução histórico-filosófica ao tema do diálogo entre culturas (entre projetos ou teorias políticos, econômicos, teológicos, epistemológicos, etc.), para construir não uma universalidade abstrata mas uma mundialidade analógica e concreta, onde todas as culturas, filosofias, teologias possam contribuir com algo próprio, como riqueza da humanidade plural futura (DUSSEL, 1993, p. 173).

Enrique Dussel expõe um projeto otimista de futuro em que a humanidade será constituída de um novo *modus operandi* perante circunstâncias sensíveis como é o caso dos aspectos decoloniais abordados nesta pesquisa e a tantos outros estudos que justamente dentro de suas construções estabelecem novas possibilidades de se pensar o outro por vias da alteridade e do resgate de sua dignidade de pessoa humana. Mas é necessária a insistência para o desenvolvimento de uma humildade epistêmica perante o tema dos povos originários porque são suas tradições espaços de compreensão de mundo únicas em suas especificidades e que traduzem através da fixação via a palavra escrita dimensões mais profundas do ser humano e sua vivência com a realidade.

Entretanto, quando temos acesso à sabedoria ancestral dos povos originários e aqui podemos citar o caso dos Yanomami, passamos a entender que existe uma dinâmica peculiar de busca pela sabedoria que é distinta da desenvolvida pelos gregos. Vejamos por exemplo o que nos diz Davi Kopenawa (2015) sobre os aspectos relativos a busca pela sabedoria:

Sem o poder da yãkoana as pessoas não se perguntam sobre as coisas do primeiro tempo. Nunca pensam: “Quem eram mesmo nossos ancestrais que viraram animais? Como foi que o céu caiu antigamente? De que modo Omama criou a floresta? O que dizem mesmo os cantos e as palavras dos xapiri?”. Ao contrário, quando bebemos o pó de yãkoana como Omama nos ensinou a fazer, nossos pensamentos nunca ficam ociosos. Podem crescer, caminhar e se multiplicar ao longe, em todas as direções. Para nós, é esse o verdadeiro modo de conseguir sabedoria. (KOPENAWA, 2015, p. 510).

Davi Kopenawa traz para o palco da reflexão um dado muito importante em que revela seu método de busca pela sabedoria que difere da dinâmica eurocentrada. Na verdade, o conhecimento passa por uma esfera que requer elementos de imersão que em sua essência possuem uma reserva de sentido própria e que minimamente merece ser respeitada por ser uma construção que remete a tempos imemoriais. Lembremo-nos da citação retro do filósofo alemão Jürgen Habermas que entende que essas formas de pensamento não contribuem efetivamente para a constituição da racionalidade ocidental. Como pode o pensamento originário não contribuir efetivamente se temos toda uma produção epistêmico-literária que expressa um caráter crítico, dinâmico, filosófico profundo na medida em que pensa as relações humanas e da humanidade com o meio ambiente? De fato, se faz necessário uma mudança de paradigmas que leve a consideração destes saberes outros como indispensáveis para avançar frente a realidade que não deve ser limitada por considerações que se colocam como centro que emana toda a verdade.

4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Antes de iniciar a reflexão efetiva sobre a importância do ensino da literatura indígena brasileira contemporânea faz-se necessário lembrar que existe a Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008 que prevê o estudo da história, da cultura tanto negra quanto indígena para formação da identidade social nacional fazendo um resgate dessas mesmas contribuições em vários campos do desenvolvimento nacional.

Uma democracia não pode sobreviver silenciando, negando ou deslegitimando suas fraturas, suas contradições, suas irracionalidades, como se elas não existissem, como se fossem um produto do passado sem qualquer resquício ou respingo no presente. É preciso reinterpretar criticamente o passado e pluralizar os sujeitos e as histórias sobre o presente. No mesmo diapasão, a crítica da modernidade, muito em voga hoje, não pode centrar-se apenas no discurso teórico-político eurocêntrico sobre a própria capacidade de a modernidade corrigir-se internamente por si mesma e desde si mesma. É preciso que as vítimas da colonização falem. Suas histórias, suas experiências, suas práticas e seus valores são fundamentais na democracia. Sua voz-práxis é insubstituível no processo de maturação de nossa história nacional, inclusive para a correção da modernidade de um modo mais geral. Sem o lugar de fala das minorias aproximamo-nos perigosamente do fascismo (DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 72).

Essa lei é importante porque traz em suas linhas a possibilidade do desenvolvimento e do aprendizado destes povos originários para o seio da sociedade. Discutir outras possibilidades de compreender a realidade permite ao ser humano uma visão mais integral da situação temporal em que se situa na história.

Através dessa literatura é possível descobrir outras epistemologias, ou seja, outras formas de conhecimento que foram desconsideradas durante os processos coloniais que se sucederam ao longo do tempo. A literatura indígena dentro de seu corpo ético chama a atenção da sociedade brasileira sobre o que estamos fazendo de nossa casa comum, no sentido de que estamos destruindo um meio ambiente que a nossa própria morada e que permite que continuemos vivos.

Os escritos destes autores refletem sobre suas origens, suas histórias e as tradições que lhes conferem sentido às suas próprias existências, mas que permite a todo aquele que não faz parte daquela cultura pensar a si mesmo e o modo como está vivendo consigo mesmo e em sociedade. Deste modo aberto para esta nova dinâmica reflexiva todas as pessoas desde que abertas para isso podem parar e pensar a si mesmas, suas condutas e sobretudo o sentido de suas existências se está ou não em conexão com um desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, dada sua estrutura anti-paradigmática, anti-institucionalista e anti-cientificista, a literatura é, por excelência, a voz-práxis das alteridades, das minorias, dos marginalizados, deles mesmos e por eles mesmos, a partir de si mesmos. Aqui, essa qualificação “anti-paradigmática” significa, para o caso do campo e da práxis literários, a ausência de qualquer base epistemológico-ontológica unívoca e unidimensional como garantia da objetividade e do sentido, o que significa que, na literatura e por meio dela, estamos irremediavelmente condenados, parafraseando Jean-Paul Sartre, a desenvolver nossa voz-práxis ao nosso modo e desde nossa perspectiva, sem necessidade de nos escorarmos em qualquer fundamento normativo extemporâneo a nós mesmos, que somos sujeitos (no sentido individual e coletivo-plural) localizados e contextualizados (DANNER, L. F.; DORRICO, J.;DANNER, F. 2020, p. 362).

Neste sentido, a importância dessa literatura fica evidente ao passo que a mesma se coloca fora do quadro majoritariamente tradicional no sentido de ser o pensamento ocidentalizado a única forma de ser e de pensar a realidade a partir dos paradigmas epistêmicos normativos provincianos do eurocentrismo. São exploradas outras possibilidades de compreensão de mundo para além de um único foco temático que tende a ser generalista e pretensiosamente fonte de outros saberes.

Assim a literatura indígena torna-se uma importante ferramenta para os povos originários como forma de lançarem mão de uma crítica social, mas também ao mesmo tempo de se auto afirmarem enquanto sujeitos do presente.

[...] a literatura indígena (e as produções artísticas indígenas de um modo mais geral) constitui-se, legitima-se e dinamiza-se em um movimento que vai da afirmação da tradição à (e como) crítica do presente, em que a situação de periferização, exclusão e subalternidade é reelaborada exatamente por meio da assunção e da utilização das próprias bases antropológicas e comunitárias e dos próprios instrumentos simbólico-normativos ali fundados como práxis política e politizante para a crítica social [...] (DANNER, L. F.; DORRICO, J.;DANNER, F. 2020, p. 232).

Fazendo uso de sua capacidade de auto referenciação os povos originários podem explorar condições de reflexão que de fato venha a fazer sentido para suas existências porque justamente fala das coisas

vividas e experienciadas por eles mesmos. Esse fator assegura a responsabilidade de transmissão dos saberes e a consequente mudança que dela provém.

Os povos originários tem um cuidado muito grande com relação às suas tradições que remontam desde tempos imemoriais. Este cuidado é importante para este povo justamente porque é nestas tradições que os povos originários encontram o sentido último para suas existências. De fato existe a necessidade de imersão na cultura ocidental mas isso deve ser feito sem perder de vista o elemento essencial que é justamente as tradições originárias.

Atingir o alto grau de instrução do branco é muito importante para qualquer povo. Mas, por outro lado, quando um doutor índio não sabe de nada da sabedoria indígena, podemos dizer que ele não vale nada. Alguns não sabem dançar, caçar, pescar, nem tem o saber dos curandeiros. Ainda mais, têm vergonha de seu próprio povo. Isso é muito perigoso. Temos que pensar mais nisso, não ter vaidade. Vamos pensar no futuro de nossos filhos que, se não lhes transmitirmos as nossas sabedorias, irão sofrer por causa de nosso erro. Não coloco isso para os Terena, mas para todos os índios que estudaram muito e que perderam a força espiritual e encontram dificuldades culturais quando querem se expressar como índios. O que precisamos é registrar todos os saberes dos mais velhos. Para isso é preciso chamar os líderes que gostam de registrar suas experiências e transcrever as histórias de nossos antepassados em cadernos de apontamentos, assim como gravar as nossas cerimônias. (TUKANO, 2014, p. 118-119).

Podemos perceber que no plano ideal o intelectual indígena brasileiro contemporâneo deve sim ter contato com a sociedade, mas sempre mantendo contato com as suas tradições originárias. Se acaso se perde a raiz originária se perde também o sentido último da existência humana dos povos indígenas. Isso acontece porque é próprio da voz-práxis indígena contemporânea não somente se dar a conhecer, mas também a numa atitude decolonial demarcar novos espaços, que agora não são mais territoriais somente, mas agora são de cunho de uma demarcação de ambientes virtuais.

Novos espaços requerem novas atitudes, geralmente atitudes inovadoras que venham a cativar e abarcar o maior número possível de seguidores, essa é a tendência do momento, o que não quer dizer que a partir disso seja necessário o abandono das tradições.

Eu sou Kaká Werá Jecupé. Um txukarramãe. Um guerreiro sem armas. Nós, das nações indígenas, somos os guardiães da Terra. Anos atrás, minha tribo foi dizimada por seres em busca de ouro e território. Restou eu e minha avó. E durante todo esse tempo tem havido em muitos lugares do país gestos iguais a esse. E mesmo além de meu povo, além desses tempos, muitos outros foram dizimados. Se nós fossemos responder com a mesma ignorância, a Terra não existiria mais. Os chamados conquistadores exterminaram os incas, escravizaram negros e produziram holocaustos. A Grande Mãe recebe vossos atos diretamente no ventre, e nunca deixou de gerar recursos: seja para o prédio que a civilização constrói, a tecnologia que fabrica, ou a oca que nós fazemos. A Grande Mãe sente a civilização pisando sobre ela. Um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo. Um txukarramãe faz a dança da vida unindo o pé do real e o pé do sonho na mesma direção, no caminho do sol. Para um txukarramãe, as más pegadas, uma vez feitas, não são más pegadas, quando deixam vestígios, deixam lições. As boas, norteiam. A sociedade chamada civilizada se acha tão inteligente e repete milenarmente seus piores passos, suas piores danças. Chega de ignorância! Chega de holocaustos! Chega de massacres! (JECUPÉ, 2002, p. 78-79).

Essa fala de Kaká Werá revela não somente uma cosmovisão, mas também sua percepção de pertencimento em relação a sua existência neste plano terrestre de forma que todo aquele que faz uso de sua escrita capta a mensagem de que, de fato, existe uma epistemologia completamente diferente da estipulada pela consciência ocidental. Neste contexto o ser humano é entendido como aquele que não pisa, mas toca afetosamente, portanto, se insere no plano da relação intrínseca com a realidade e não em uma forma de pensamento que separa o ser humano da natureza como havia pensado filósofos como René Descartes e Francis Bacon. Deste modo fica compreendido que a existência do ser humano está profundamente ligada à realidade que o cerca. Não é possível separar o ser humano da natureza sem que isso venha a trazer consequências fragmentárias que tornam o humano insensível pela ausência de vínculo com seu eu mais profundo que está e deve permanecer ligado às expressões da fauna e da flora.

Indiscutivelmente se faz necessário todo um rigor metodológico-científico no desenvolvimento de quaisquer projetos científicos e isso é importante para que as pesquisas avancem. Porém, não se pode esquecer que é constitutivo do ser humano a dimensão transcendente, ou seja, aquela dimensão que aspira por coisas mais elevadas e espirituais que geralmente estão ligadas às suas divindades bem como a natureza enquanto tal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este percurso decolonial por caminhos de saberes outros que se colocam diante de nós, conclui-se a relevância que ganha a literatura indígena brasileira contemporânea para a formação de uma consciência crítica em nossa sociedade.

Seu estudo e aprofundamento por via da pesquisa e do cruzamento de fontes é indispensável para que pensar outras epistemologias que estão presentes nos diferentes povos originários indígenas brasileiros contemporâneos.

Se pode afirmar também que a superação do império cognitivo da modernidade só será superada com atitudes decoloniais como o desenvolvimento de uma educação que prima pela humildade epistêmica de seus formandos possibilitando assim que os mesmos tenham liberdade e sensibilidade para perceber estes universos outros das tradições ancestrais e que podem exercer influência benéfica por sobre a realidade da sociedade brasileira. Até porque a figura do indígena não é uma figura do passado, mas sim é um ser humano vivo e atuante do presente que tem capacidade de se adaptar perfeitamente à realidade.

Se pode citar como exemplo dessa capacidade de adaptação o fenômeno da transição da palavra falada, ou seja, das tradições ancestrais, de seu modo de vida e concepção de mundo que chega às prateleiras de nossas livrarias, nos nossos dispositivos digitais através da fixação dessa

palavra falada para a palavra escrita. A passagem da oralidade para a literatura, feita por escritores indígenas, revela voz-práxis-política em defesa das culturas originárias, na preservação das tradições, na proteção da natureza e na preocupação com a possibilidade de aniquilamento da humanidade pela falta de cuidado com o meio ambiente.

Como vimos, as novas gerações dos povos originários têm se apropriado destes espaços e exercido uma espécie de demarcação destes locais para que com seu poder, autoridade e autenticidade de seu lugar de fala possam requerer o que tem de direito.

Aqui em Rondônia, por exemplo, a etnia Uru-Eu-Wau-Wau faz uso da tecnologia no combate as ameaças da grilagem de terras e a extração ilegal de madeira, com a ajuda de drones. Mas este não é um espaço que foi cedido de boa vontade por alguma legislação.

Este espaço demarcado pelos indígenas das novas gerações é palco de luta muitas vezes em que têm que se colocar para que de fato possam exercer seu poder de fala e através deste mesmo lugar de fala possam eles mesmos serem os autores e protagonistas de suas histórias mesmas sem depender de algum tipo de tutela estatal ou estatutária.

Essa plataforma literária de enfrentamento faz parte da cultura dos povos originários, onde temas comuns como suas histórias ancestrais, ou numa linguagem ocidentalizada, as mitologias, que são contadas e recontadas sejam da sua própria cultura seja de outras culturas originárias estão presentes.

Em suma, os povos originários estão escrevendo e reescrevendo sua própria história o que é muito importante por ser um momento histórico em que não são mais escritos e descritos por terceiros, mas agora o fazem por si mesmos. Seu valor reside no fato de ser escrita por indígenas que dentro de sua existência possuem uma experiência existencial profunda com suas tradições e também com movimentos que lutam pela emancipação de seus povos e a garantia de seus direitos. Por isso é fundamental a todo instante conceder o reforço positivo de que essa literatura é uma literatura indígena e não é, portanto, como outra literatura qualquer.

REFERÊNCIAS

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim N° 227/antropologia n° 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Descentramento, Crítica e Transformação: uma história da modernidade a partir da descolonização africana e do pensamento indígena. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, vol. 26, n° 1, pg. 147 a 196, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.67351. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/67351>. Acesso em: 26 ago. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A ALTERIDADE NA LITERATURA: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 14, n° 2, p. 360, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. *Alea*, vol. 22, n° 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. *Scripta*, vol. 24, n° 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. *Revista Crioula*, [S.l.], n° 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.

DUSSEL, Henrique. 1492 O Encobrimento do Outro – A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do Agir Comunicativo I – Racionalidade da Ação e Racionalização Social. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.

JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos Mil Povos – História Indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JECUPÉ, Kaka Werá. O Trovão e o Vento – Um caminho de evolução do xamanismo tupi-guarani. São Paulo: Polar, 2017.

JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru'A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.

KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. *Revista Periferias – O paradigma da potência*, p. 1-21, v. 1, n.1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 30 ago 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de Índio – Uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

TUKANO, Álvaro. Doéthiro e os séculos indígenas no Brasil. Porto Alegre: Karioka, 2014.

WWF-Brasil. Indígenas Uru-Eu-Wau-Wau Aprendem a Usar os Drones na Defesa de seu Território. Youtube, 03 de set de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r47Ba37npC8>. Acesso em: 24 out 2022.

DECOLONIZANDO O LIMIAR DO FUTURO

 10.56238/costssbernovasper-006**Ricardo Valim**

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil

E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

RESUMO

A todo instante a realidade passa por transformações sejam de ordem natural ou apenas orquestradas pelo próprio ser humano. Os povos indígenas são um caso a ser estudado com a máxima atenção, sobretudo, pelo uso das tecnologias, das artes e da literatura. Sua apropriação destes elementos tem possibilitado a amplificação de suas vozes ancestrais para descolonizar o pensamento em prol do cuidado para com os demais seres da criação. Objetiva-se neste artigo analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para encontrar elementos-chaves para compreender mais profundamente a dinâmica espiritual e a perspectiva de futuro. Espera-se neste processo compreender a perspectiva de mundo que o pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas perspectivas espirituais. Descolonizando o pensamento abrir-se-á novas portas de saberes para a mudança. A metodologia utilizada consiste na leitura e análise de textos de autores indígenas brasileiros contemporâneos tais como: Davi Kopenawa, Kaká Werá Jecupé e Ailton Krenak. A partir desta análise conclui-se que o ser humano ocidental precisa reconectar-se com sua verdadeira essência para que perceba a beleza e riqueza do meio ambiente no qual está imerso. A finalidade disso é se reconhecer parte e não dominador e por isso mesmo criar estratégias para cuidar melhor do ambiente em que vive.

Palavras-chave: Povos, Sabedoria, Ancestrais, Compreender, Perpetuar.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano desde tempos imemoriais procura por respostas diante do mistério que é a vida. Tal inquietação permitiu à humanidade desenvolver diversas formas de responder a questões básicas como: de onde viemos? para onde vamos? quem somos nós? Responder a estes questionamentos parece ser um nobre dever que permite ao ser humano desvendar o mistério de si mesmo que transcende sua própria existência.

Evidente que com os avanços tecnológicos o ser humano encontrou respostas variadas para seus processos evolutivos, para o desenvolvimento da filosofia, explicações de mundo e tantas outras que foram consideradas necessárias para se responder. No entanto, existe algo que nos escapa e que carece de entendimento e respostas plausíveis.

Entende-se que o ser humano pertencente a essa realidade possui uma dimensão espiritual que existe independentemente se cremos ou não, ou seja, o ser humano manifesta seu apreço por algo que

ultrapassa sua existência material. Seria ilógico, portanto, negar tal fato com a existência de tantas expressões religiosas contemporâneas e aquelas que se tem conhecimento a muito extintas.

Objetiva-se neste artigo analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para neles encontrar os elementos chaves para uma compreensão mais profunda da dinâmica espiritual. Espera-se neste processo compreender a perspectiva de mundo que o pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas perspectivas espirituais.

É preciso destacar ainda que o presente artigo é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO Câmpus Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital N° 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

2 AS VOZES ANCESTRAIS NA LITERATURA PARA SE PENSAR O FUTURO

Nas obras literárias indígenas brasileiras contemporâneas é nítida sempre a presença dos elementos sobrenaturais de cada povo. Estes elementos são importantes porque dão sentido à existência destes povos. Seu ser, sua existência e a dinâmica existencial dos demais seres estão sempre atrelados a estes aspectos que emanam da espiritualidade indígena. Espiritualidade essa que é passada geração após geração pelos séculos afora. Este é o repertório das vozes ancestrais que falam ainda hoje a todos os que estiverem abertos a ouvi-las.

Neste sentido é que se percebe em autores como Davi Kopenawa (2015) que existe a pretensão de levar os seres humanos brancos ocidentais a uma compreender de forma mais profunda os elementos constituintes da dinâmica espiritual proveniente da floresta:

Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de Omama. São as palavras dele, e as dos xapiri, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de Omama as colocou em

meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi Omama. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria. (KOPENAWA, 2015, p. 65).

Essas palavras têm ressonância ancestral e por isso tem sua importância e dignidade já que são um verdadeiro tesouro, uma riqueza, um verdadeiro patrimônio imaterial que atravessa gerações. São palavras que na sua autenticidade convidam a uma responsabilidade diante da humanidade e da natureza. Sem essa compreensão o ser humano continuará a devastar a natureza sem nunca refletir que está destruindo seu próprio lar que não é uma propriedade sua. Esta natureza que aí está tem sua origem na sabedoria dos deuses que a criaram, por isso carece de respeito e não de apropriação indevida.

Omama tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito. (KOPENAWA, 2015, p. 70).

A sabedoria neste sentido, passa a estar ligada ao patamar mais elevado da transcendência, isso implica no fato de que ser sábio ou adquirir sabedoria não é algo simples, mas compreende o elemento fundamental que é a doação por parte da divindade à humanidade. O caminho de sabedoria nesta perspectiva é outro e se insere no quadro das nobres atividades humanas por ter essa ligação tão especial e sobrenatural. Reconhecer esse primado divino por sobre a existência dos seres presentes neste mundo é reconhecer a sacralidade da vida em toda a sua extensão. Esse fato é de importância significativa para uma mudança de olhar por sobre a realidade vista agora sob a perspectiva do sagrado.

Na literatura indígena brasileira contemporânea os elementos de uma perspectiva nova de olhar por sobre a realidade aparecem de forma significativa, assim como o olhar do indígena por sobre si mesmo como autocrítica.

O índio foi imaginado pela mente ocidental do século XVI como uma cultura sem rei, sem fé, sem lei – assim registraram alguns escritos da época. No século XX, a sociedade brasileira de maneira geral chama de índio o sujeito violento, bárbaro ou o miserável que mora em casas improvisadas. Chama de índio também os representantes das etnias que ainda vivem dentro da proteção de um ecossistema, como o amazônico ou o mato-grossense. Costuma qualificar o índio pela aparência (preferencialmente nua e pintada), pelo exotismo e, sobretudo pela dificuldade de comunicação com a sociedade vigente. (JECUPÉ, 2001, p. 95).

A partir deste ponto o indígena pode por suas próprias palavras pode requerer seu espaço de manifestação que com a presença das novas tecnologias tem possibilitado a amplificação de suas vozes ancestrais. Pode também por conta própria assumir a autoria de sua própria existência

refletindo sobre si mesmo e a partir de si mesmo. A escrita neste ponto serve como um condutor, um canal pelo qual é sistematizado, em caracteres, os saberes da palavra falada. As tradições que desde tempos imemoriais são passadas de geração em geração pela palavra falada agora encontram a possibilidade de ser eternizadas em palavras escritas em idiomas variados preservando assim estes saberes, chegando ao conhecimento das pessoas para além das fronteiras epistêmicas naturais.

É interessante esse movimento porque revela uma abertura para o diálogo em que os povos indígenas se dispõem a fazer uso dos recursos ocidentais para expor a sua maneira e tornar conhecido e compreensível seus desejos. Esses fatos permitem a percepção do indígena como alguém que está para além de velhos preconceitos. Sua compreensão de si mesmo transcende velhos padrões colocados por aqueles que se encontram distantes da dinâmica existencial das comunidades indígenas.

Se no passado agentes externos diziam o que os povos originários eram, agora estes mesmos povos podem dizer o que são para si mesmos e mais fazendo apropriação da própria tecnologia e modo de fazer literatura, arte e música ocidentais. Essa compreensão existencial percebida na literatura não para por aí e atinge o patamar relacional entre ser humano e terra. Pois como afirma Kaká Werá Jecupé (2002):

Eu sou Kaká Werá Jecupé. Um txukarramãe. Um guerreiro sem armas. Nós, das nações indígenas, somos os guardiães da Terra. Anos atrás, minha tribo foi dizimada por seres em busca de ouro e território. Restou eu e minha avó. E durante todo esse tempo tem havido em muitos lugares do país gestos iguais a esse. E mesmo além de meu povo, além desses tempos, muitos outros foram dizimados. Se nós fossemos responder com a mesma ignorância, a Terra não existiria mais. Os chamados conquistadores exterminaram os incas, escravizaram negros e produziram holocaustos. A Grande Mãe recebe vossos atos diretamente no ventre, e nunca deixou de gerar recursos: seja para o prédio que a civilização constrói, a tecnologia que fabrica, ou a oca que nós fazemos. A Grande Mãe sente a civilização pisando sobre ela. Um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo. Um txukarramãe faz a dança da vida unindo o pé do real e o pé do sonho na mesma direção, no caminho do sol. Para um txukarramãe, as más pegadas, uma vez feitas, não são más pegadas, quando deixam vestígios, deixam lições. As boas, norteiam. A sociedade chamada civilizada se acha tão inteligente e repete milenarmente seus piores passos, suas piores danças. Chega de ignorância! Chega de holocaustos! Chega de massacres! (JECUPÉ, 2002, p. 78-79).

O reconhecimento do lugar de fala é a demonstração mais clara do sentido último da existência indígena que em sintonia com o cosmos circundante cria uma atmosfera de respeito. Nesta perspectiva a natureza e tudo que faz dela ser o que é não é estranha ao ser humano. O ser humano é mais um entre tantos outros seres que dependem da natureza para subsistirem.

Uma visão meramente utilitarista e mercadológica da natureza que a insere no quadro de recursos naturais como se de fato fosse mais uma ferramenta ao dispor do ser humano não convém aqui. Ou a natureza é mãe ou ela não é concebida pela compreensão indígena de outra forma. Até porque não se compreende que a natureza seja algo que esteja tão fora da relação entre ser humano e

ela própria. Ambas as existências, seja do mundo natural, seja do mundo humano estão em perfeita conexão. Cruzar este limiar é passar por uma linha tênue entre o mundo físico e o mundo espiritual que com sua reserva de sentido inunda o mundo físico de sabedoria e sentido de eternidade. E por isso mesmo é necessário pedir passagem com atitude de reverência diante do mundo, porque ele não é exclusividade para os humanos, somos uma parte dessa imensa massa cósmica.

3 TOCANDO SUAVEMENTE A TERRA

A vida que se vive aqui não é uma vida como outra qualquer porque é uma vida repleta de sentidos e significados. Em alguns momentos são perceptíveis, outros não, mas estão todos aí. Neste cosmo no qual todos os seres estão inseridos, nada é por ação do acaso ou destino e a vida pulsa constantemente para além das vãs fantasias humanas.

Se a vida que habita neste mundo for compreendida sob a ótica dos grandes conglomerados econômicos tudo não passará de apenas recursos naturais os quais se pode dispor a qualquer instante.

Ailton Krenak hoje é um importante líder indígena e ativista reconhecido por suas contribuições em defesa dos direitos dos povos indígenas têm uma visão crítica com relação ao desenvolvimento mercantilista e predatório e à destruição ambiental. Ailton Krenak utiliza a expressão "pisar suavemente sobre a terra" como uma forma de metáfora para transmitir sua cosmovisão sobre as relações entre os seres humanos e a natureza. Através da expressão "pisar suavemente sobre a terra" é feita a transmissão da ideia de que devemos buscar viver de forma harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente, reconhecendo que somos parte integrante da complexidade da vida e que nossa existência depende da preservação dos ecossistemas.

Além disso, "pisar suavemente sobre a terra" possui o significado ético de abandonar a mentalidade de dominação e exploração da natureza como recurso natural apenas, adotando uma postura de cuidado, preservação e gratidão. Por meio da ótica de Ailton Krenak recebemos o convite para repensar os modelos de desenvolvimento que priorizam o crescimento econômico em detrimento do bem-estar humano e ambiental.

Ailton Krenak compreende que se a humanidade quer ter um futuro melhor carece aprender com esses povos e utilizar sua sabedoria na edificação de um futuro equilibrado e sustentável para toda a humanidade.

O século XX foi próspero em mostrar o tanto de erro que foi feito em relação à quantidade e a maneira com que a civilização estava se ensoberbando da Terra. Tomando conta da Terra. Nos oceanos, nas florestas, em todos os cantos nós estamos como verdadeiras bactérias inteligentes tomando o domínio sobre todos os cantos do planeta. Não há novidade nisso que eu estou compartilhando com vocês. A única novidade que existe é que para alguns de nós que estamos juntos aqui hoje é a primeira vez que eu estou podendo repetir isso. Mas isso é o meu mantra. Eu repito em diferentes lugares onde tenho oportunidade de falar com pessoas que são de outra cultura, que tem outro entendimento do que nós estamos fazendo aqui na

Terra, de que nós podíamos andar com um pouco mais de cuidado e pisar suavemente sobre a Terra. E que talvez esse seria o melhor pacto que a gente podia (*sic*) fazer com a nossa Mãe para a gente adiar esse tão propalado fim do mundo (KRENAK, 2015, p. 152-153).

Os povos originários em suas ricas tradições compreendem que suas existências estão intrinsecamente ligadas à terra. Aliás, é comum ouvir sempre a expressão “mãe terra”. Os povos indígenas compreendem que são filhos da terra e que se tem vida é porque ela lhes foi conferida pela própria terra. A natureza ao seu redor não é um recurso natural, mas sim, meio ambiente que deve ser compartilhado e preservado por todos.

Enquanto o fenômeno da modernidade opera em um terreno de métodos e separação do humano da natureza, os povos indígenas na medida de suas forças buscam se apropriar de suas antigas tradições aliadas a tecnologia e a demarcação cultural para se integrar cada vez mais à natureza.

Pode-se dizer ainda que os escritos de Ailton Krenak vão além das fronteiras epistêmicas ocidentais na medida em que pensa o cuidado com este ambiente comum ao qual pertencem todos os seres humanos. E faz isso porque sabe que se existe uma constituição ontológica humana e se existe uma ética a partir da mesma é porque é o ser humano ser enquanto ser existente nesta imanência é porque tem suas raízes fundamentadas na dinâmica de uma existência que só existe porque a natureza permite a existência humana. É interessante pensar nesta perspectiva porque já no Cristianismo Patrístico sobretudo com figuras como Gregório de Nissa (2014, p. 16) havia uma compreensão da realidade existencial humana:

E como um bom mestre de casa não faz entrar o convidado antes de ter preparado os alimentos, mas depois que tenha preparado todas as coisas e decorado com ornamentos adaptados à casa, o assento da refeição, a mesa, e quando todas as coisas são preparadas para o jantar faz entrar o convidado no lar doméstico, do mesmo modo, aquele que, em sua imensa riqueza, é hóspede de nossa natureza, decora, antes de tudo, a casa com belezas do gênero e prepara um variado e magnífico festim; então ele introduz o homem para lhe confiar não a aquisição de bens que ele não teria ainda, mas o regozijo daqueles que se lhe oferecem. E, por essa razão, lança nele dois princípios de criação, misturando o terreno com o divino, a fim de que, através de ambos, tenha de maneira congênere e familiar o regozijo de um e de outro: de Deus através de sua natureza mais divina, dos bens terrenos através da sensação, que é da mesma ordem que esses bens.

Evidente que autores como o já supracitado Gregório de Nissa buscavam fundamentar a fé cristã a partir da própria exegese escriturística, mas também com os elementos próprios da filosofia Grega Antiga. Basta lembrar dos pensadores Pré-Socráticos os quais a tradição ocidental apresenta como os precursores de uma busca pela sabedoria que visa explicar a realidade encontrando a sua Arché, ou seja, aquilo que é a origem de todas as coisas. Este breve paralelo é importante para destacar que os primeiros filósofos a partir da própria realidade buscavam explicar a mesma. Em seus próprios

elementos naturais como o ar, a terra, o fogo e a água estes pensadores percebiam a relação profunda com a vida.

O que Ailton Krenak faz hoje não está distante de uma filosofia como se convencionou a chamar no ocidente. Sua reflexão também parte dos elementos naturais, na verdade, parte da degradação destes elementos como a poluição dos rios, as queimadas, a poluição do ar e a contaminação do solo. Ailton Krenak concretiza o que Paulo Freire (1988) aponta como sendo “a leitura do mundo precedente da leitura da palavra”. Porque antes mesmo do ser humano ser alfabetizado ele já possui uma leitura prévia da vida, da natureza no ambiente educacional acontece apenas formalização daquilo que já foi apreendido. Evidente que conteúdos mais complexos não se aprendem em casa.

Outro autor importante é Kaká Werá Jecupé, que como visto anteriormente, entende que “um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo” (JECUPÉ, 2002, p. 78-79). Reconhecer essa diversidade de pensamento é indispensável para o fortalecimento das relações entre os seres. “Agora somos uma realidade plural, não para nos excluir ou destruir, mas realizar e construir. A sintonia e a unidade com toda a criação não limitam nossa identidade, mas aponta à nossa plena maturidade” (WEIZENMANN, 2004, p. 45).

Embora criados neste mundo e sendo a terra o habitat do ser humano, ainda assim insiste-se em poluir, depredar, caçar até a extinção plantas e animais. É como se trouxéssemos todo lixo para dentro de nossa própria casa. Este modo de ser e agir em que é poluída, devastada a própria vida parece ser um tanto quanto irracional porque leva a destruição do próprio ser humano.

4 A REALIDADE ACORDADA E A REALIDADE SONHADA

Não existe muita diferença para os povos indígenas entre a realidade sonhada e a realidade acordada porque existe um movimento confluyente entre ambas as perspectivas. A realidade espiritual perpassa toda a realidade material e por isso mesmo cada ser é inundado da riqueza transcendente.

Enquanto o ser humano ocidental com seu racionalismo e métodos compreende o mundo que o cerca como uma realidade que pode ser moldada segundo sua carência e demanda. Esqueceu-se de que “[...] o ‘mundo’ todo é, para o homem religioso, um ‘mundo sagrado’” (ELIADE, 1992, p. 19). Se acaso se perde essa noção da existência de algo mais profundo que as meras aparências, logo se perde também a sensibilidade para com tudo o que existe e nesse movimento acaba-se por dar início a depredação de espécies animais e vegetais. No fundo da questão paira uma dinâmica na qual o ser humano ocidental ainda não se adaptou, não compreendeu:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado; é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo (ELIADE, 1992, p. 13).

O ser humano não é o dono exclusivo do espaço natural ele deve entender a divisão que é necessária de espaço com outros seres que também precisam de espaço para sobreviver. Enquanto o ser humano não assume sua verdadeira identidade que é ser “[...] destinado a transcender-se a si mesmo e ultrapassar o mundo visível e sensível” (SCHMITZ, 1984, p. 64) correrá o risco de permanecer encerrado em apenas nas sombras da vida não percebendo os impactos de sua existência por sobre outros seres. As consequências disso podem ser catastróficas não somente para o ser humano, mas também para as demais espécies habitantes deste vasto mundo.

Nesta perspectiva mercantilista insensível à existência de outros seres enquanto dignos há o risco de alimentar um elemento que pode conduzir a humanidade por um caminho incerto. Caminho esse que visa um aprofundamento em temas que visam justamente a superação capitalismo e assim, “o fundamentalismo é o remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e Pós Moderna [...]” (BAUMAN, 1998, p. 228). Superar essa perspectiva mercadológica e o superficialismo da vida é indispensável para que se possa buscar um entendimento mais profundo sobre a realidade a qual a humanidade pertence. Somente assim, após uma mudança de consciência em que o ser humano entenda que o seu real propósito existencial se configura por um outro viés, não como dominador, mas como um sábio administrador:

O verdadeiro domínio do homem manifesta-se não quando age qual predador e saqueador da terra, mas quando dela faz uma casa boa de se morar. E quando, a imitação do criador, luta contra as trevas, o caos e a morte, para fazer triunfar a luz, a ordem e a vida. O poder recebido de Deus e, por isso mesmo, de modo nenhum deve tornar-se maldição para o universo (WEIZENMANN, 2004, p. 41).

Não “tornar-se uma maldição para o universo” é um propósito interessante ser refletido e executado em um mundo com uma dinâmica existencial tão imensamente acelerada pelos dispositivos tecnológicos que tem tornado, inclusive, os relacionamentos acelerados. Não “tornar-se uma maldição para o universo” implica um reconhecimento e gratidão diante de todas as coisas criadas e que carecem de cuidado e proteção, não de devastação e morte. Enquanto existir essa dinâmica exploratória que possui características insaciáveis, mais e mais espécies animais e vegetais “caminharão no fio da navalha” da extinção.

Chegará o tempo em que cada vez mais os recursos naturais serão pauta de conflitos regionais e possivelmente mundiais. Como estes recursos não são renováveis a tendência é que sejam explorados até seu limite se não houver uma conscientização. E se nestes termos assim forem explorados haverá sempre quem se achará no direito de encontrar formas no campo judicial e depois

certamente apelando para a força bélica para tomar posse de tais recursos. A soberania e a liberdade de muitos povos estão em jogo, seu crime, manter sua fauna e flora preservados.

A natureza, especialmente no nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. A desertificação e a penúria produtiva de algumas áreas agrícolas são fruto também do empobrecimento das populações que as habitam e do seu atraso. Incentivando o desenvolvimento económico e cultural daquelas populações, tutela-se também a natureza. Além disso, quantos recursos naturais são devastados pela guerra! A paz dos povos e entre os povos permitiria também uma maior preservação da natureza. O açambarcamento dos recursos, especialmente da água, pode provocar graves conflitos entre as populações envolvidas. Um acordo pacífico sobre o uso dos recursos pode salvaguardar a natureza e, simultaneamente, o bem-estar das sociedades interessadas.¹

Neste cenário de possibilidades conflituosas por causa de recursos naturais a que se perguntar: quais os interesses que realmente estão por trás de investimentos e financiamentos para que se preservem tais recursos? Será que existe uma autenticidade na preservação? Há de fato uma preocupação genuína com a proteção dos povos indígenas ou somente existem focos de apadrinhamento e atitudes politicamente corretas? Dependendo da resposta para cada uma destas questões estará sendo gestado o Brasil que se quer para o futuro. E esta é uma questão muito séria porque passa pelo crivo da autenticidade das ações humanas, suas éticas e moralidades se assim se pode afirmar.

Pensar no futuro para o qual queremos para as próximas gerações depende do esforço que se está disposto a efetuar no tempo presente. Discursos de ódio ou uma passividade exacerbada podem em ambos os casos esconder um lobo faminto em uma pele de cordeiro. Além de não se sustentarem alimentam suas pretensões megalomaniacas que em nada contribuem para o que realmente interessa, o futuro do país e do mundo. Por isso, fazer um discernimento sóbrio entre o que é real e o que é ilusório é indispensável.

Para nós permanece a contribuição da perspectiva indígena que entende que existem ambas as realidades sonhada e acordada. Considerar este elemento é essencial para a nossa reflexão na medida em que nos faz não mais pisar sobre a terra, mas tocá-la suavemente como um filho toca o rosto de sua mãe, com carinho e devoção filial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se após este percurso ditado pela necessidade de mudança de consciência sobre a realidade que de fato hoje para que se tenha um futuro sustentável é necessária uma atitude autêntica.

¹ CARITAS IN VERITATE, *in A Santa Sé (online)*, 2009, disponível em <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>, acesso em 23 de maio de 2020.

É preciso que haja de fato uma mudança de perspectiva na direção da necessidade de se refletir sobre a autenticidade das atitudes humanas.

Pensar sobre a autenticidade das relações humanas e principalmente quando essas relações estão ligadas a natureza é indispensável para que de fato mudanças substanciais venham a acontecer.

Com o objetivo de analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para neles encontrar os elementos-chaves para uma compreensão mais profunda da dinâmica espiritual. Constatou-se que a compreensão dos povos indígenas transcende as meras especulações humanas e caminha na direção de uma profundidade espiritual e reflexiva do tempo presente como chave para um futuro em que o ser humano e a natureza possam coexistir de forma plena e interligada.

Neste processo de análise dessa densidade de significado literário que é a literatura indígena pode-se compreender a perspectiva de mundo que na perspectiva do pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas realidades espirituais.

Realidade espiritual e a realidade física ambas coexistem em harmonia, mas esse equilíbrio vem sendo afetado pela ação concreta fruto de uma mentalidade mercadológica que explora de modo desenfreado a natureza. Se continuar assim, o ser humano estará apressando seu natural declínio. Abreviará sua existência e por aquela que é a mais extensa atitude egoísta, estará privando as futuras gerações de conhecer a beleza que é este mundo que temos hoje diante de nós.

A humanidade está presente em uma realidade em que a eternidade está tão próxima, mas pela ganância, egoísmo nem sequer nos damos conta da beleza que pode inundar nosso ser. O ser humano ocidental precisa se reconectar com sua essência e o pode fazer isso a partir das provocações que o pensamento indígena contemporâneo oportuniza. Esses saberes sistematizados na literatura têm possibilitado pensar a realidade por outro viés que é diferente dos saberes consagrados pela tradição ocidental.

Enfim, o que ditará uma mudança efetiva no quadro geral da realidade será a autenticidade de nossos propósitos e sobretudo, qual é o mundo que queremos para nós no futuro. A partir disso, certamente, haverá o reconhecimento dos saberes ancestrais, de sua diversidade epistêmica e normativa e uma preservação eficaz do meio ambiente. E por isso é tão importante desde já decolonizar o futuro que queremos para que não haja mais epistemicídios, invisibilização de outros povos e suas culturas. O futuro que se quer começa com a luta diária a partir de ontem, não é uma coisa que se pode esperar por mais tempo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1988.
- JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru'A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.
- JECUPÉ, Kaka Werá. Tupã Tenondé – A Criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- KRENAK, Ailton. Encontros. Sergio Cohn (org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NISSA, Gregório. A Criação do Homem. Coleção Patrística, vol 29. São Paulo: Paulus, 2014.
- SCHMITZ, Egídio F. O Homem e sua Educação – Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra 1984.
- WEIZENMANN, Mariano. Leitura ecológica e algumas releituras teo (eco) lógicas de Gn 1-11. *In Revista Teologia em Questão (online) 5 (2004)*, p. 41, disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/38/43>>, acesso em: 04 de Junho de 2020.

O FIM DO IMPÉRIO COGNITIVO: A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL COMO PAIDÉIA CONTEMPORÂNEA

  10.56238/costssbernovasper-007

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9341194702829612>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5245-9193>

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia
Pedagoga do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho
Calama
E-mail: livia.santos@ifro.edu.br

Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret

Lattes: 0061145463575427

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia
Pedagoga do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Jaru
E-mail: marcia.moret@ifro.edu.br

Marlene Rodrigues

Lattes: 8359994534766008

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de
Rondônia, Campus Porto Velho
E-mail: Marlene.rodrigues@unir.br

1 INTRODUÇÃO

Depois de muitos séculos os povos originários estão cada vez mais ganhando voz e vez em uma multiplicidade de espaços digitais, estabelecendo novas fronteiras de conexões e de saberes para além do que um dia possa ter sido imaginado. Esses povos têm se dedicado a uma nova forma de demarcação, uma demarcação digital por via dos meios de comunicação.

Neste sentido, se torna indispensável que os povos originários busquem fazer a apropriação destes espaços acadêmico-intelectuais para criar novos laços de uma profunda identidade que visa uma virada epistêmica e normativa na sociedade. Superando exatamente aquele *modus operandi* cognitivo que descarta o pensamento das minorias ancestrais e estabelece como dogma a sua própria autorreferencialidade, com pretensões de universalidade.

É fato que os povos originários têm feito uso de dispositivos tecnológicos para preservar e divulgar suas culturas e proteger a natureza. Esse fator de necessidade de preservação cultural é indiscutível, mas torna-se necessário que aqueles indígenas que se propõe ao campo dos saberes

acadêmicos estejam abertos para obter os conhecimentos destes espaços institucionais também. Mesmo que haja por vezes conflito entre saberes, se faz necessário antes conhecer para depois estabelecer uma crítica bem fundamentada.

Através dos caminhos da filosofia de educação indígena, ou seja, o modo reflexivo de desenvolver os saberes e competências educativos dos povos originários, é possível levar esses sujeitos a um reposicionamento na história de nossa sociedade como protagonistas da construção deste país. Como é de conhecimento, estes povos que aqui habitavam a milhares de anos foram subjugados, massacrados e silenciados por uma cultura que veio de outro canto do planeta e que impôs de forma forçada o seu modelo colonial, que em consequência levou não somente a efetivação de genocídios, mas também de epistemicide. Não houve, portanto, qualquer tipo de possibilidade de dialética de troca de saberes, mas apenas uma dialética perversa de tutela e subjugação do outro da modernidade.

A atual conjuntura decolonial educativa clama pela necessidade de uma mudança de paradigmas para que outros saberes possam de fato terem espaço e manifestarem suas cosmologias, suas cosmovisões e sua busca por sabedoria, que é um caminho de interesse tanto da filosofia enquanto tal, mas também da educação.

Já na Grécia clássica havia a concepção formativa integral do ser humano. Não é uma novidade para nossos tempos, mas neste sentido surge uma pergunta: Será que a educação que hoje é exercida em nosso território nacional é de fato uma educação integral? Que visa uma formação que leve o ser humano ao desenvolvimento pleno do ser? Porque ao que tudo indica, estamos caminhando a passos lentos, sobretudo, após a elaboração de nossa carta magna brasileira, a Constituição da República Federativa de 1988, que em seus artigos 231 e 232 prevê a valorização e o reconhecimento dos componentes estruturantes das tradições originárias.

Porém, somente com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que se prevê o estudo da história e da cultura, tanto negra quanto indígena, para formação da identidade social nacional, fazendo um resgate dessas mesmas contribuições em vários campos do desenvolvimento nacional.

2 ALGUNS ELEMENTOS DO MODELO DE EDUCAÇÃO NA GRÉCIA CLÁSSICA

Ao se fazer uma análise sobre a formação do homem grego na antiguidade para servir de comparativo com a atual educação, nota-se algo muito curioso. Ao longo dos séculos o modelo educacional passou por diversas formas de transformações atendendo em cada momento a demanda oficial.

A educação grega, por exemplo, em seus primórdios e principalmente em seu auge já era muito avançada em relação aos demais povos da época e mesmo como o atual modelo educacional.

Faz-se necessária a explicação de que tal comparativo leva em conta que hoje existem outra gama de conhecimentos e as mais variadas tecnologias. Portanto, é preciso considerar que naquele período histórico particular: Sim! A educação grega era uma educação de excelência. Mas, não é possível negar que o “espírito grego”, como diria Werner Jaeger (2003) grande filólogo alemão e que escreveu uma belíssima obra intitulada “Paidéia: A formação do homem Grego” de 1936 tinha a firme convicção, o desejo, a vontade de evoluir e com qualidade, mas também tinha a forte inclinação, principalmente no que se referia em assegurar tal desejo, e condições para as gerações futuras. Era o mais puro desejo de educar para o bem, pois eles sabiam que cuidando bem de suas futuras gerações teriam um futuro bem assegurado.

Quanto melhor educadas as pessoas, melhor o Estado Grego seria administrado. Isso já ocorria naquele contexto histórico, que não pesava somente no momento presente, mas já manifestava esse *modus operandi* de ver para além do que se pode ver, alçando voos epistêmicos e normativos para assegurar a estabilidade social no futuro: “O Estado Grego, cuja essência só pode ser compreendida sob o ponto de vista da formação do homem e de sua vida inteira...” (JAEGER, 2003, p. 14).

Em outras palavras, os gregos antigos tinham como ideal aquela preocupação com a formação de seres humanos integrais e de modo pleno. Jaeger entende que era esta a intenção primeira dos gregos antigos, um constante aperfeiçoar-se e isso obviamente teria seu reflexo nas gerações posteriores. E se tal fato não fosse real, já havia se perdido nos porões do esquecimento da história da humanidade. O que ocorre é que os sintomas da assim chamada “Paidéia” estão presentes na cultura ocidental até os dias atuais, ou pelo menos o que sobrou de tal ideal.

Contudo essa história vivida já teria desaparecido há longo tempo se o homem grego não tivesse criado a sua forma perene.

Criou-se como expressão da altíssima vontade com que trabalhou seu destino. Nos estádios primitivos de seu crescimento não teve a ideia clara dessa vontade; mas, à medida que avançava no seu caminho, ia-se gravando na sua consciência, com clareza cada vez maior, a finalidade sempre presente em que sua vida se assentava: a formação de um elevado tipo de homem (JAEGER, 2003, p. 7).

Basicamente o que ocorreu foi a evolução gradual da mentalidade das pessoas referentes à educação e que resultou na construção de um indivíduo integral, completo e bem estruturado. O que este antigo e precioso sistema de ensino pretendia era “colocar os conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras (...)” (JAEGER, 2003, p. 13).

Talvez tal comparação entre escultor e oleiro se deva ao fato de existir uma observação do cotidiano e de como construir uma educação que se aplica perfeitamente a esta realidade. Um exemplo

clássico é o próprio surgimento da filosofia que em primeiro momento era uma forma de explicar os fenômenos naturais e as relações que mantinham com os seres humanos. A esta filosofia e aos seus seguidores ficaram rotulados como filósofos da natureza. Pois era uma forma de edificar o ser humano, para estar atento à realidade e assim torná-lo capaz de desvendar o universo.

Portanto, isto tem a ver “com a educação ser um processo de construção consciente do ser humano” (JAEGGER, 2003, p. 13). O método grego de educação foi tão importante que até em outros períodos da história, inclusive o nosso, foi e é observado, interpretado com admiração.

Finalmente teve a pedagogia grega enorme energia procriadora. A civilização ocidental volta vistas periodicamente para ela, como ocorreu na Renascença e no século XVIII e como, em parte, ocorre em nossos dias. Essa faculdade criadora tem sido interpretada de várias maneiras, quase todas, porém coincidentes em reconhecer-lhe valor humanístico, de afirmação da personalidade livre sobre todas as circunstâncias políticas (LUZURIAGA, 1985, p. 44).

É preciso ainda salientar que não se trata aqui de um saudosismo, mas sim, um exemplo clássico de como foi vista e definida a educação para os antigos. Educar, para eles era algo muito mais profundo, precioso e que infelizmente com o passar dos séculos foi-se perdendo tal ideal. E para a humanidade este é um grande prejuízo.

Nas palavras de Schmitz, “o homem é um eterno insatisfeito. Ele quer a perfeição. Ele quer o absoluto. E sempre continua procurando.” (SCHMITZ, 1984, p. 183). A busca de superação é inerente ao ser humano de todas as épocas, bem como sua sede de conhecimento e as duas são semelhantes à necessidade de respirar. Ou seja, se o ser humano não respira ele morre, se não conhece e com isso se supera, define até o seu aniquilamento total. A perda, portanto, de uma educação cuja única meta é a edificação do homem leva-o para longe da sua grande vocação que é ser mais do que foi ontem.

Se não fosse assim os seres humanos não teriam conquistado e destruído reinos e assimilado suas culturas e impostas outras ao longo dos séculos. Nem teriam feito as descobertas dos assim chamados "Novos mundos" antes inimagináveis. Por sua vez, o ser humano havia conquistado o espaço.

Enfim, o desejo de saber o que está do outro lado do muro é natural, intrínseco e arraigado no cerne da humanidade. Arrancar isso ou pelo menos plantar idéias falaciosas neste terreno fértil e abundante é o mesmo que aniquilar a vida da humanidade.

3 SOBRE A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

A educação intercultural possibilita acesso a novas formas de conhecimento, possibilitando assim uma grande troca de saberes. Essa mesma educação permite lançar mão de uma crítica sobre si mesma como um dispositivo pensado e organizado por uma mentalidade colonizadora. Mas ao

mesmo tempo é também oportunidade de se fazer essa crítica de dentro para fora e por isso se faz necessário a ocupação dos espaços acadêmicos pelos povos originários com a finalidade de entender para criticar.

A educação se impõe com força colonizadora muitas vezes e explora suas potencialidades dentro de um contexto capitalista e mercantilista. Essa educação que já tem suas raízes nos primeiros dias do Brasil colônia e se estende até a contemporaneidade tem em sua objetividade a busca por integrar, tutelar os povos originários para que estes possam ser assimilados e diluídos dentro da cultura ocidental e mercantilista. Segundo Louis Althusser:

Mas, por outro lado, e ao mesmo tempo que ensina estas técnicas e estes conhecimentos, a Escola ensina também as regras dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Ensina também a bem falar, a redigir bem, o que significa exatamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a mandar bem, isto é, (solução ideal) a falar bem aos operários, etc (ALTHUSSER, 1970, p. 21).

Neste sentido entende o autor que seria a escola o dispositivo essencial para que o Estado venha a imprimir suas características nas futuras gerações da sociedade, supostamente preparando a mesma segundo seus modelos de necessidades e interesses particulares. Isso aplicado à perspectiva indígena gerou verdadeiro epistemicídio e ocultação de saberes que não eram validados segundo uma perspectiva eurocêntrica.

Com o movimento indígena brasileiro nos idos dos anos 1970 começa-se a fazer uma forte reflexão sobre o papel da escola numa perspectiva decolonial e, sobretudo, intercultural para que não mais se repetissem os estigmas do passado onde os saberes ancestrais foram simplesmente oprimidos e marginalizados.

É preciso combater o mito que paira por sobre a educação intercultural de que a escola será apenas o espaço para a transmissão dos valores tradicionais e de currículo e tudo o mais que vier abarcar a perspectiva dos povos indígenas. Na verdade essa educação sim deve transmitir os saberes originários, mas é preciso considerar o fato de que este mesmo ambiente educacional deve propor ambiência para que os povos originários tenham possibilidade de absorver os conhecimentos científicos como forma de viabilizar uma mudança de consciência para a busca por reconhecimento do valor da vida e das tradições dos povos indígenas.

4 ALGUNS PONTOS DA LDB SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Durante cinco séculos tentou-se em nosso país a uniformização do sistema educacional em que se os indígenas tivessem a oportunidade de ingressar não era algo acessível aos mesmos, haja vista que o ensino era ministrado na língua oficial e não na língua indígena originária de cada povo.

A mais de um século o Estado brasileiro desenvolveu a criação do controverso “Serviço de Proteção ao Índio” que tem o mérito de ser a primeira instituição com uma política própria voltada para questões indígenas e que mais tarde viria a se tornar a FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Antes da Constituição, a educação era vista mais como uma espécie de assistência e não como um direito propriamente dito, lembrando que os indígenas não eram considerados cidadãos autônomos, mas eram apenas tutelados pelo Estado brasileiro.

O problema da assistência neste caso é que a depender da situação o gestor pode indeferir a educação caso não compreenda como necessária, diferentemente ocorre quando é um direito instituído e assegurado por lei. Mas foi somente na constituinte em 1987 e na promulgação da nossa carta magna, a Constituição Federal de 1988, que estes povos originários tiveram assegurados os direitos fundamentais enquanto seres humanos indígenas, de viverem na integralidade suas tradições e culturas, bem como fazer usufruto dos espaços geográficos a eles demarcados como entende os artigos constitucionais 231 e 232. A constituição de 1988 também garante o ensino bilíngue bem como entende a necessidade de alfabetização a partir da língua originária de cada povo.

Na LDB - Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96) a educação escolar indígena tem características próprias, possibilitando aos povos originários a vivência de suas tradições, mas também o situando no espaço e tempo da sociedade contemporânea.

A questão da educação indígena relativa ao ensino fundamental aparece no Artigo 32 em que explicita que seu ensino se dará em língua portuguesa, mas está assegurado às comunidades indígenas que poderão fazer uso de seus processos particulares de ensino e aprendizagem, bem como o ensino através de sua língua própria.

Quando se assume que existem processos próprios de aprendizado entende-se que não existe apenas uma única forma de aprender. Cada cultura tem seu processo e lhes é assegurado o direito de fazer uso dos mesmos em classe. Não basta, portanto, trazer somente o produto final da cultura indígena para a sala de aula, mas é preciso que de fato sejam preservados todos os processos anteriores das tradições. Esse fator é de suma importância porque garante ao povo originário a continuidade de sua cultura e seus usos e costumes singulares.

Este direito está consolidado no Artigo 78 que aponta para uma educação intercultural que seja bilíngue e tenha aspectos interculturais proporcionando o resgate histórico de suas tradições e culturas, que como vimos durante muito tempo foram negligenciadas pela instauração do império

cognitivo colonial. A educação bilíngue não somente possibilita a preservação como enriquece a cultura de todos nós.

Estima-se que no período da descoberta do Brasil existiam cerca de 1500 línguas originárias em todo o território. Hoje, após cinco séculos, existem cerca de 274 línguas existentes entre as etnias que sobreviveram aos processos exploratórios. Cada língua conta uma história e possui em si uma cosmovisão e um modo de compreender a realidade. Quando morre uma língua, morre com ela também toda uma história de um povo. Essa atitude decolonizadora de valorização das tradições ancestrais permite aos povos originários a reafirmação de suas próprias identidades humanas e culturais.

No Artigo 79 acontece algo inovador e que mexe com a estrutura educacional. Os indígenas têm seu direito assegurado de participação e gestão democrática da educação através da elaboração de materiais didáticos específicos e discussão dos planos educacionais para que de fato possam eles mesmos serem os protagonistas de sua educação.

Refletindo sobre os artigos supracitados pode-se notar que a LDB deixa bem evidente que a educação indígena deve ser ela constituída de um caráter diferenciado em relação às demais instituições de ensino. Ou seja, deve contemplar as suas cosmologias, as suas filosofias, também os seus modos de vida e as línguas originárias. Vivemos em um país em que não é falado somente o português, embora seja a língua oficial, mas na verdade existe uma pluridiversidade linguística dos povos originários e que deve ser observada e considerada.

Também às instituições de ensino indígena fica assegurado o direito de ser protagonista na elaboração de seu próprio Projeto Político Pedagógico que é basicamente o documento que rege a identidade da ambiência escolar e quais serão suas principais características. Um exemplo disso é o que prevê o Artigo 23 que dá a possibilidade às comunidades originárias a estabelecer seu processo educacional em séries anuais, períodos semestrais, grupos não seriados, por faixa etária ou como melhor for pensado segundo a realidade local.

Outro exemplo é o exposto no Artigo 26 que considera a importância de serem considerados elementos próprios da regionalidade e localidade em que está inserida a comunidade indígena. Atentos a estes aspectos os gestores educacionais locais terão mais chances de atingir os objetivos referentes ao ensino fundamental.

Nota-se que neste sentido a LDB tem possibilitado uma ampla abertura para que os povos originários possam eles mesmos serem os protagonistas de um novo capítulo de uma história que agora é contada por eles mesmos no campo educacional. Desde modo é possível oferecer aos discentes o melhor processo educacional possível bem como garantir a perpetuação das tradições originárias.

Essa conquista educacional tem possibilitado a volta daquele conceito de formação do ser humano integral, afinal, o que é o ser humano sem sua cultura. A educação indígena possibilita então o seguimento dessa tradição cultural tão necessária, bem como assegura a identidade peculiar de cada nação indígena através dos processos educacionais escolares.

Através da ambiência escolar os povos indígenas podem acessar outros conhecimentos além é claro de promover e preservar os seus saberes originários que já tem desde a mais tenra idade. Também essa mesma educação em uma perspectiva mais profunda permite aos interessados reflexão sobre os aspectos relativos ao território porque basicamente não é possível pensar os povos indígenas sem sua relação com a natureza e, por conseguinte, com seus espaços territoriais e sua profunda relação de coletividade com o meio ambiente. Essa é uma temática de suma importância que deve ganhar espaço nas discussões dentro e fora da sala de aula porque é elemento constituinte da realidade destes povos originários.

5 O CONCEITO ATUAL DE EDUCAÇÃO

Ao longo do tempo e seguindo as tendências de cada época, a educação foi ganhando contornos diversos daquele ideal dos gregos antigos e mesmo dos povos originários. Tornamos-nos o povo da mercadoria, como sintetiza Davi Kopenawa, e isso tem seus efeitos em todos os espaços da vida humana, inclusive o campo educativo. Ou seja, neste mundo de estilo empresarial, racional, num mundo em que se procura o lucro instantâneo, a administração das crises e a limitação dos danos, qualquer coisa que não possa provar eficácia instrumental é um tanto evasiva? (BAUMAN, 2009, p. 39).

Portanto, não existe mais aquele ideal, aquela preocupação com a formação de seres humanos integrais e de modo pleno. Pois era este o ideal grego, uma educação que trabalhasse o ser humano de todos os modos. Seja de modo físico, intelectual e também espiritual. Basicamente o que ocorreu foi à evolução gradual da mentalidade das pessoas referentes à educação e que resultou na construção de um indivíduo integral, completo e bem estruturado. É preciso ainda salientar que não se trata aqui de um saudosismo, mas sim, um exemplo clássico de como foi vista e definida a educação para os antigos. Educar, para eles era algo muito mais profundo, precioso e infelizmente com o passar dos séculos foi-se perdendo tal ideal.

A educação as portas deste novo século que se abre são vistas muito mais com motivos políticos e comerciais do que realmente preocupada com a evolução saudável do ser humano. Tal afirmação reside nas entrelinhas dos discursos apoteóticos do estado e da sociedade. Segundo Zygmunt Bauman, “para a maioria dos estudantes, a educação é acima de tudo uma porta de entrada

para o emprego. Quanto mais ampla a passagem e melhores as recompensas do árduo trabalho, melhor” (BAUMAN, 2009, p. 41).

Nenhum governo em sã consciência deseja criar em seus domínios seres inteligentes o suficiente a ponto de contestar as decisões estatais. Não é à toa que o ensino do pensar reflexivo, filosofia, foi banido do Brasil no período da ditadura. Criou-se em nossa sociedade uma cultura em que: “História Antiga, música, filosofia e coisas que afirmam fortalecer o desenvolvimento pessoal, e não a vantagem comercial e política, dificilmente engrossam os números e índices de competitividade” (BAUMAN, 2009, p. 40).

Com esta limitação do grau de visão do ser pela busca de uma educação maior fica evidente que cada vez será mais fácil governar sem oposição. E no fundo quem sempre sai perdendo são as novas gerações que vão crescendo com conceituações e visões de mundo defasadas, como é o caso da educação cujo único significado hoje é o de abrir portas para um bom emprego.

O ser humano existe para muito mais, segundo Aristóteles, “todos os homens têm por natureza o desejo de conhecer...” (ARISTÓTELES, 1979, p. 11). Mas se em uma cultura o ensino é apenas repassado com uma segunda intenção sem grande perspectiva, além, é claro, de uma perspectiva mecanicista como já fora mencionado, logo se aprende como foi ensinado.

A Paidéia contemporânea não tem mais o objetivo de “colocar os conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras...” (Cf. JAEGER, 2003, p. 13). Muito pelo contrário, a Paidéia contemporânea tem por único objetivo “... ajudar o governo a vencer a próxima eleição” (BAUMAN, 2009, p. 40). Como já foi dito, não existe, portanto, a preocupação “com a educação ser um processo de construção consciente do ser humano” (JAEGER, 2003, p. 13). Mas sim, não como a máquina estatal e os demais interessados podem se beneficiar de tal realidade.

Infelizmente, enquanto houver este jogo mesquinho de interesses será impossível termos uma educação de qualidade voltada para a edificação do ser humano. Sempre estaremos presos aos grilhões ditatoriais semelhantes aos que alegoriza Platão no livro VII da República. Onde só veremos e ouviremos o que os detentores da “verdade” querem que vejamos.

Este totalitarismo intelectual, invisível, sorrateiro e venenoso é o que vem matando lentamente nossa sociedade, impedindo-a de avançar cada vez, mais rumo ao desconhecido e obscuro futuro que nos assombra. Segundo Zygmunt Bauman: “Precisamos da educação ao longo da vida para termos escolha. Mas precisamos dela ainda mais para preservar as condições que tornam essa escolha possível e a colocam ao nosso alcance” (BAUMAN, 2009, p. 166). A educação, portanto, é o passaporte para a preservação de nossas escolhas e as nossas responsabilidades que surgem devido a tais escolhas.

6 POR UMA NOVA PAIDÉIA: DAVI KOPENAWA E O CAMINHO DE SABEDORIA EM A QUEDA DO CÉU

Davi Kopenawa é o retrato vivo dos intelectuais indígenas brasileiros contemporâneos. Seus escritos estão permeados de uma sabedoria que provém de uma fonte que transcende o espaço e o tempo e se ancora nas crenças Yanomami mais profundas. Essa tradição que confere sentido aos pertencentes a cultura Yanomami agora pode ser compartilhada com outros tantos que não fazem parte daquele núcleo epistêmico graças ao trabalho de Bruce Albert.

O conteúdo esboçado dentro da obra visa mais do que somente uma viagem pela cosmovisão Yanomami, mas também são páginas de encontros de cosmovisões onde se pode acessar uma cultura que até então não pode dizer por ela mesma a sua própria definição.

O leitor também pode fazer uma experiência mística e filosófica no caminho em busca por sabedoria através dos relatos do autor que soam muitas vezes como um convite para o aprofundamento da compreensão deste universo.

Durante todo o percurso da obra é possível identificar os elementos da cultura Yanomami presentes no escrito, é como se autor e tradição não pudessem em hipótese alguma se separarem. Esse fato é importante porque reflete um pouco de como funciona a racionalidade indígena brasileira contemporânea que não consegue ou minimamente entende que não pode separar suas origens da obra composta.

7 UM CONVITE A VIRADA EPISTÊMICA

A obra “A Queda do Céu” é um convite para uma virada epistêmica na medida em que estimula a todo aquele que trilhar o caminho de suas páginas que o pensamento indígena Yanomami se situa em uma outra esfera que não a ocidental. A floresta nesta perspectiva não é um recurso material ou natural. É mais do que isso porque se situa para além de meras compreensões mercantilistas.

Davi Kopenawa visa uma aproximação consciente dos seres humanos destes espaços naturais como forma de entender uma dinâmica que não a capitalista predatória que muitas vezes temos destes espaços que são sagrados para as culturas ancestrais. Neste sentido Kopenawa (2015) que levar os seres humanos brancos a uma compreensão mais profunda onde possam eles entender a dinâmica espiritual da floresta:

Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e

genros de Omama. São as palavras dele, e as dos xapiri, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de Omama as colocou em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi Omama. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria (KOPENAWA, 2015, p. 65).

É interessante a humildade de Davi ao colocar a disposição para o ensino das coisas mais elevadas e sagradas de povo para os brancos. Este fator é importante porque revela uma importante abertura para o diálogo que pode com sucesso produzir bons frutos refletidos na paz e preservação tanto dos costumes antigos como também da proteção ambiental mesma. Kopenawa fala dessas coisas porque é um homem que conhece suas origens e sobretudo seu lugar de fala e por isso mesmo possui autoridade suficiente para se posicionar frente às mudanças agressivas pelas quais tende a passar nossa sociedade. A voz do ator é uma voz que clama para que a humanidade volte às suas origens mais profundas como forma de reconhecer e preservar os valores presentes em nossa natureza.

É preciso sempre trazer a mente de forma consciente que dentro da espiritualidade dos povos originários a natureza é fruto da criação das divindades ancestrais que através de sua sabedoria infinita soube criar tudo que existe inclusive os ritos e costumes de cada povo, portanto, nada é por acaso em meio a natureza, mas tudo está repleto de sentido. Pois, segundo Davi Kopenawa foi:

Omama tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito (KOPENAWA, 2015, p. 70).

Essa compreensão da realidade é fundamental para um povo como é o caso dos Yanomami. Como o sentido de sua existência está estritamente arraigado a dinâmica do cosmos circundante é compreensível o fato do encontro com a sabedoria que está nestes vastos espaços naturais. Se de fato tudo foi criado com e pela força da sabedoria de Omama, logo nada mais natural do que estarmos sendo beneficiados com a possibilidade de obter toda essa sabedoria que emana de tudo que existe.

A sabedoria proveniente de Omama colocou no seu devido lugar segundo sua vontade e inteligência. É interessante, por exemplo, observar e considerar o argumento do Yanomami referente a forma como une perfeitamente a tradição de seu povo para explicar a explosão demográfica no mundo e o como ela afeta de forma direta as comunidades originárias vivem:

Omama depositou a espuma com a qual criou os antigos brancos muito longe de nossa floresta. Deu-lhes uma outra terra, distante, para nos proteger de sua falta de sabedoria. Mas eles copularam sem parar e tiveram mais e mais filhos. Então, foram tomados de euforia, fabricando um sem-número de mercadorias e máquinas. E acabaram achando sua própria terra apertada. Ainda guardavam de seus avós antigas palavras acerca dos habitantes de Hayowari e sua floresta. Então declararam a seus filhos: “Existe, bem longe, uma outra terra,

muito bonita, onde há muito tempo Omama criou os nossos antepassados. Os habitantes da floresta dos quais se originaram ainda vivem lá. Não são outra gente diferente de nós!”. Tais palavras devem ter se espalhado entre os brancos de antigamente, já que acabaram atravessando o grande lago que os separava de nós. Navegaram nele durante várias luas, em grandes canoas. Escaparam do vendaval e dos seres maléficis que povoam o centro dessas águas. E, por fim, conseguiram retornar a esta terra do Brasil (KOPENAWA, 2015, p. 252).

Essa fala de Davi é importante porque aponta para um fator determinante para descolonizar o pensamento. Autores como Kopenawa vem buscando cada vez mais contar a sua versão da história de seu país.

Durante muito tempo nossa educação se pautou em modelos eurocentrismo que por causa de sua capacidade autoreferencialista simplesmente negou os demais saberes presentes na realidade. Foi praticamente impossível para os povos originários poderem se expressar. Porém, desde os anos 70 os povos originários vêm conquistando não somente espaços físicos, mas também espaços virtuais onde eles mesmos a seu modo podem contar suas histórias ou melhor dizendo suas versões históricas de um Brasil que ainda não conhecíamos.

8 DAVI KOPENAWA E SEU AMADURECIMENTO ATIVISTA

Como todo ser humano Davi Kopenawa para por um amadurecimento enquanto ser humano em sua trajetória. Grandes líderes não nascem prontos, eles vão sendo preparados ou vão se preparando ao longo do tempo por esforço próprio ou por influências externas.

Todas essas viagens por nossa floresta e pelas cidades acabaram fazendo com que eu entendesse melhor o que estava ocorrendo com a nossa terra. Graças a essa experiência, pouco a pouco, fui me tornando adulto e ganhando sabedoria. Foi por causa dessas viagens que comecei a pensar: “Você deve proteger sua gente! Precisa defender a floresta!”. Antes disso, eu não passava de uma criança e estava muito longe de pensar direito! (KOPENAWA, 2015, p. 319-320).

Este processo evolutivo na trajetória do autor lhe permitiu não somente um amadurecimento, mas, sobretudo, ter uma noção real dos problemas pelos quais passava seu povo e os demais seres humanos. Davi com o passar do tempo pode perceber que a degradação do meio ambiente que está ocorrendo, ocorre por ação direta do ser humano que tomando posse e não contentes com o que é seu agora buscam se apossar de mais e mais terras.

A floresta deles foi picotada por todos os lados. Esses pensamentos me deixavam triste. Dizia a mim mesmo: “Os brancos não possuem sabedoria nenhuma. Dizem que o Brasil é muito grande. Então, por que ficam vindo de todas as partes para ocupar nossa floresta e devastá-la? Cada um deles não tem sua própria terra, onde sua mãe o fez nascer?”. Pensava também, com tristeza, em nossos antigos, que desde a infância eu tinha visto serem devorados um a um pelas epidemias, e em todos os nossos que não tinham parado de morrer desde a abertura da estrada (KOPENAWA, 2015, p. 325).

Neste caminho de Kopenawa está sempre presente o que o autor considera como sabedoria de seu povo e suas tradições em oposição a não sabedoria dos brancos. Por devastar a floresta e transformar os rios em lamaçais na perspectiva do Yanomami não existe sabedoria alguma nisso.

9 CONCLUSÃO

Hoje percebemos que as promessas feitas pelo iluminismo no século XVIII de avanços tecnológicos e igualdade entre as pessoas ainda não se concretizaram. Os dispositivos estão cada vez mais ligados a poucas pessoas que detêm poder para tal. Vemos uma humanidade cada vez mais em crise e a própria natureza em crise também, como consequência de uma humanidade que vem não somente destruindo a si mesma como a tudo que está ao seu redor. Perdemos aquele ideal que alimentou os gregos clássicos de uma educação integral como esperança na busca por assegurar a estabilidade da pólis.

É preciso que os currículos educacionais gerem um despertar de consciência das novas gerações para um entendimento de pertencimento e responsabilidade social tanto em relação à humanidade, bem como com a natureza. A ambiência educacional não deve ser espaço apenas para expor as tradições originárias, mas deve ser espaço oportuno para uma mudança radical em que essa mesma tradição também se aproprie da ciência e da tecnologia para a produção de um diálogo mais profundo e verdadeiro e que haja troca de saberes.

Em hipótese alguma o modelo de ensino diferenciado que tem a educação intercultural deve se apegar a modelos pedagógicos tradicionais que ainda em sua mentalidade pregam a necessidade de um sistema quantitativo de aprova e reprova. É preciso lutar contra a antipatia gerada em classe por conteúdos que não fazem o menor sentido para os discentes.

Se bem for aproveitada a oportunidade de difundir e trabalhar a educação intercultural esta mesma pode servir de modelo para toda a rede educacional brasileira. Nossa sociedade passa por crises humanas e ambientais e a resposta pode ser encontrada para solucionar estes problemas na escuta atenta das tradições dos povos originários que em uma essência estão diretamente ligados em relações que transcendem a mera compreensão humana.

É preciso uma resignificação de conhecimentos e conceitos na busca por encontro com aquele sentido que foi ocultado por uma mentalidade colonizadora. Cabe agora a necessidade de trazer estes sentidos na busca pela superação da crise humana e ambiental que se abate por toda a humanidade.

Nota-se como o sentido da educação mudou ao longo dos séculos levando em consideração a necessidade de cada época. Para os gregos antigos havia a necessidade de uma educação com uma preocupação com a edificação de futuros líderes que realmente aprendiam, pois os conteúdos eram passados de forma clara e objetiva, além é claro, do compromisso de uma formação sólida.

É preciso antes de tudo resgatar aquele desejo antigo que pairava na Grécia, de formar cidadãos capazes de bem administrar o estado e estarem conscientes do que fazem. E é somente por meio da educação que podemos alcançar isto. Mas a educação que aqui se diz é uma educação apaixonada, em que as crianças, os jovens, se sentem motivados e gostam do que fazem. Mas também é uma educação do século XXI que considera as tradições dos povos originários e o frutuoso contributo que esta mesma tradição pode oferecer para a construção de uma sociedade brasileira mais forte e consciente do seu lugar no mundo.

Mas também não deve ser esquecido o fato desta mesma educação indígena enfrentar desafios ainda em nosso país, como por exemplo, a precariedade de instalações, a escassez de profissionais devidamente habilitados para realizar um trabalho educativo de qualidade. Não é possível promover valores, culturais, saberes se estes estiverem apenas no campo teórico e não ligados diretamente à prática. É preciso encontrar meios em que as especificidades indígenas estejam de fato em conexão com o modus operandi da educação formal brasileira sem que nem uma nem a outra percam suas respectivas essências.

Os povos indígenas hoje querem fazer parte da realidade da modernidade e como qualquer outro grupo social querem se conectar a essa possibilidade. E isso é digno de destaque porque, sobretudo em um período pós pandêmico em que vimos a importância dos dispositivos tecnológicos para educação os indígenas entendem o valor dos dispositivos digitais para garantir conhecimento.

Enfim, existem tradições originárias que tem muito a oferecer pela sua experiência existencial e espiritual que precisam ser avivadas em meio a esta sociedade marcadamente tecnológica e clama por respostas profundas para as suas superficialidades e inconsciências. Exemplo disso é a tradição do povo Yanomami refletida nas palavras de Davi Kopenawa supracitado. Afinal de contas as tradições somente terão sua atualização bem efetuada se estiverem em sintonia e em perpétuo diálogo com o presente e sobretudo ligada a uma práxis contínua em prol de uma transformação profunda na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA FAPESP. Plataforma On-line Mostra a Resistência Indígena Durante a Pandemia. Youtube, 29 de set de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ASe_ggg04GY. Acesso em: 24 out 2022.
- ANDRADE, Líbero Rangel de. Xenofonte: Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CADOGAN, León. Ayvu Rapyta – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim N° 227/antropologia n° 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.
- CENARIUM AMAZÔNIA. Tecnologia nas Aldeias: indígenas de Rondônia monitoram territórios com uso de drones. Youtube, 23 de set de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFQxFqDuAyg>. Acesso em: 24 out 2022.
- DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Descentramento, Crítica e Transformação: uma história da modernidade a partir da descolonização africana e do pensamento indígena. *Philosophos - Revista de Filosofia, Goiânia*, vol. 26, n° 1, p. 147 a 196, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.67351. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/67351>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A ALTERIDADE NA LITERATURA: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. *Espaço Ameríndio, Porto Alegre*, v. 14, n° 2, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. *Alea*, vol. 22, n° 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. *Scripta*, vol. 24, n° 50, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. *Revista Crioula*, [S.l.], n° 21, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Pacificando o Branco: Uma história da modernidade contada pelos indígenas. EDITORIAL, E. Transformação v. 45, edição especial, 2022: *Filosofias do Sul: entre a África e a América Latina*. TRANS/Form/Ação: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 45, 2022. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12802>. Acesso em 12 jul 2022.

DUSSEL, Henrique. 1492 O Encobrimento do Outro – A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

DW Brasil. Conheça a ativista digital Indígena Alice Pataxó. Youtube, 05 de jul de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h8DN7kvyOEE>. Acesso em: 24 out 2022.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JAEGER, Werner. Paidéia: A formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos Mil Povos – História Indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru'A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.

JECUPÉ, Kaka Werá. Tupã Tenondé – A Criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

JORNALISMO VTV SBT. Indígenas e Tecnologia: como o mundo digital está inserido em meio aos costumes. Youtube, 23 de abr de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4vkoc8ZVFo4>. Acesso em: 24 out 2022.

JORNALISMO TV CULTURA. Morre em Rondônia o Indígena Conhecido como "Índio do Buraco". Youtube, 27 de ago de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SNcJFw8eUjw>. Acesso em: 25 out 2022.

KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. Revista Periferias – O paradigma da potência, , v. 1,n.1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 30 ago 2022.

KRENAK, Ailton. Encontros. Sergio Cohn (org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de Índio – Uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 2 – Sobre Vivências, Piolhos e Afetos, Roda de Conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses – Conversa sobre a Origem e a Cultura brasileira. São Paulo: Global Editora, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

RODA VIVA. Txai Suruí e Almir Suruí. Youtube, 29 de nov de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c685bptJSHo>. Acesso em: 24 out 2022.

SCHMITZ, Egídio F. O Homem e sua Educação: Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

SANTOS, Boaventura de Souza. O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TSEREMEY'WA, Cristian Wari'u. A Tecnologia como Ferramenta de Luta dos Povos Indígenas. Wari'u Canal sobre os povos Indígenas. Apresentação, Produção, Roteiro e Edição: Cristian Wari'u Tseremey'wa. Publicado pelo Wari'u Canal sobre os povos Indígenas em 10 de Jul de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbfBBFPuwhU&list=PLJZqgt90wA-nTDHEc6Hu8VVbdRiRBWoiy&index=62>. Acesso em: 24 out 2022.

WWF-Brasil. Indígenas Uru-Eu-Wau-Wau Aprendem a Usar os Drones na Defesa de seu Território. Youtube, 03 de set de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r47Ba37npC8>. Acesso em: 24 out 2022.

VALLANDRO, Leonel; BORNHEIM, Gerd. Aristóteles II: Ética a Nicômaco. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WALSH, Catherine. Pedagogías Decoloniales: Práticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir – Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

REALIZAÇÃO:

SEVEN
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENEVENTS.COM.BR

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.